



# **Universidade de Brasília**

**Faculdade de Educação**

**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**EDUCAÇÃO POPULAR:**

**UMA EXPERIÊNCIA EM PESQUISA-AÇÃO EXISTENCIAL NO  
QUILOMBO MESQUITA - CIDADE OCIDENTAL/GO.**

**WESLEY DA SILVA OLIVEIRA**

**BRASÍLIA**

**2015**

**Universidade de Brasília**

Faculdade de Educação (FE)

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)

**EDUCAÇÃO POPULAR:**

**UMA EXPERIÊNCIA EM PESQUISA-AÇÃO EXISTENCIAL NO  
QUILOMBO MESQUITA - CIDADE OCIDENTAL/GO.**

**WESLEY DA SILVA OLIVEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Brasília (UnB), no eixo de pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre sob orientação do Professor Dr. Erlando da Silva Rêses.

**BRASÍLIA**

**2015**

**WESLEY DA SILVA OLIVEIRA**

**EDUCAÇÃO POPULAR:  
UMA EXPERIÊNCIA EM PESQUISA-AÇÃO EXISTENCIAL NO  
QUILOMBO MESQUITA - CIDADE OCIDENTAL/GO**

**BANCA EXAMINADORA**

Membros titulares:

---

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses - Orientador

Universidade de Brasília (UnB) - Faculdade de Educação (FE)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Margarida Machado

Universidade Federal de Goiás (UFG) - Faculdade de Educação (FE)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Vera Lessa Margarida Catalão

Universidade de Brasília (UnB) - Faculdade de Educação (FE)

de da Silva Oliveira, Wesley  
Educação Popular: uma experiência em pesquisa-ação  
existencial no Quilombo Mesquita - Cidade Ocidental  
/ GO. / Wesley da Silva Oliveira; orientador Erlando  
da Silva Rêses. -- Brasília, 2015.  
145 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --  
Universidade de Brasília, 2015.

1. Educação Popular. 2. Pesquisa-Ação Existencial.  
3. Quilombo Mesquita. 4. Transdisciplinaridade. I.  
da Silva Rêses, Erlando, orient. II. Título.

**EU AGRADEÇO,**

**Ao Universo, à Mãe Terra, aos Mestres e Mestras, aos Amores que a Vida me trouxe – Família e Amigos – e aos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil pela Oportunidade.**

**EU AGRADEÇO!**

## RESUMO

Este trabalho desenvolvido no campo das pesquisas qualitativas em educação disserta sobre uma experiência em pesquisa-ação existencial na educação popular no contexto do movimento comunitário do Quilombo Mesquita, Cidade Ocidental - GO.

Correspondem a esta experiência duas fases: a primeira, iniciada na graduação em Pedagogia, no período entre 2010 e 2012, que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso e; a segunda, no período entre 2013 e 2015 em que demos seu prosseguimento de estudo na Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília.

Ambas as fases são compreendidas num esforço em experienciar os princípios da pedagogia emancipatória de Paulo Freire unidos aos questionamentos epistemológicos da pesquisa-ação existencial de René Barbier. A “experiência” é entendida na busca por significado vivencial destes princípios nos atos da pesquisa, em que os conhecimentos são gerados na “prática da vida”.

Esta pesquisa possibilitou estabelecer referências espaço-temporais da Comunidade Quilombo Mesquita, reunir produções acadêmicas de diversos tipos a seu respeito, além da implicação da pesquisa no movimento comunitário que propiciou um aprofundamento da compreensão e do exercício das noções teórico-metodológicas e, conseqüentemente, da capacidade de leitura da realidade vivenciada na prática da educação popular, capaz de constituir um referencial para a elaboração de uma teoria significativa, de esforço coletivo e transdisciplinar.

**Palavras-chave:** educação popular, pesquisa-ação existencial, quilombo mesquita, transdisciplinaridade.

## Resumen

Este trabajo fue desarrollado en el campo de las investigaciones cualitativas en educación sobre la experiencia en la investigación-acción en el ámbito de la educación popular en el contexto del movimiento comunitario del Quilombo Mesquita, Cidade Ocidental - GO.

Corresponden a esta experiencia dos etapas: la primera, que se inició en la graduación en Pedagogía, en el periodo de 2010 hasta 2012, que resultó en el trabajo de conclusión de curso y: la segunda, en el periodo entre 2013 y 2015 en que continuamos los estudios en el Programa de Postgrado en la Facultad de Educación de la Universidad de Brasilia.

Las dos fases son comprendidas en un esfuerzo en experimentar los principios de la pedagogía emancipatoria de Paulo Freire unido a los cuestionamientos epistemológicos de la investigación-acción existencial de Réne Barbier. La “experiencia” es comprendida en la búsqueda por el significado de la vivencia de los principios en los actos de la investigación, en que los conocimientos son generados en la “practica de la vida”.

Esta investigación permitió establecer referencias espacio-temporales de la comunidad Quilombo Mesquita, reunir producciones académicas de diversos tipos sobre la comunidad, además de la implicación de la investigación en el movimiento comunitario que ha propiciado una profundización de la comprensión y del ejercicio de las nociones teóricas-metodológicas y, consecuentemente de la capacidad de lectura de la realidad vivida en la practica de la educación popular, capaz de constituir una referencia para la elaboración de una teoría significativa, de esfuerzo colectivo y transdisciplinar.

**Palabras-clave:** educación popular, investigación-acción existencial, quilombo mesquita, transdisciplinariedad.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	01
<b>1. REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b>	08
1.1. <b>A teoria educacional de Paulo Freire</b>	08
1.2. <b>A pesquisa-ação existencial</b>	13
1.2.1. Metodologia da pesquisa-ação	18
1.3. <b>O educador como “passeur” de sentido</b>	20
1.3.1 A educação como mediação e desafio entre saberes e conhecimento	22
1.4. <b>Reflexões teórico-filosóficas: integração cultura científica – culturas das humanidades</b>	28
<b>2. O QUILOMBO MESQUITA: COMPREENSÃO ESPAÇO-TEMPORAL</b>	51
2.1. <b>Compreensões históricas: quilombos, escravidão e resistência negra</b>	51
2.2. <b>Quilombo mesquita - Localização e histórico</b>	54
2.3. <b>Elementos da organização sócio-cultural</b>	58
2.3.1. Agricultura familiar	58
2.3.2. A religiosidade	60
2.3.3. A escola	64

2.3.4. Arquitetura e organização espacial	65
<b>2.4. Projetos comunitários</b>	<b>67</b>
2.4.1. Projeto Som de Quilombo	68
2.4.2. Viveiro de mudas comunitário	69
2.4.3. Espaço de Memória	70
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, ANÁLISES E DISCUSÕES</b>	<b>72</b>
3.1. Sobre “experienciação” - o objeto de estudo.	74
3.2. Pesquisa-ação existencial: um modelo aberto	78
3.3. O método da abordagem transversal	80
3.4. A implicação do pesquisador	82
3.5. A escuta sensível	86
3.6. Pesquisador coletivo - círculo de cultura	90
3.7. A metodologia da investigação temática e a ação cultural	95
3.8. Processos de mudanças	97
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>117</b>
<b>APENDICE - Produções acadêmicas referentes à comunidade</b>	<b>127</b>
1. Documentos e trabalhos científicos / acadêmicos	128
2. Registro fotográfico e audiovisual	132
3. Periódicos	135
<b>ANEXO - DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS</b>	<b>136</b>

## LISTA DE SIGLAS

ADCT - Atos das Disposições Constitucionais Transitórias

ARENQUIM - Associação Renovadora do Quilombo Mesquita

ArPDF - Arquivo Público do Distrito Federal

AT - Abordagem Transversal

CF - Constituição Federal

CID - Cadastro Internacional de Doenças

CIGA/UnB - Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da  
Universidade de Brasília

CME - Conferência Municipal de Educação

CMV - Centro de Memória Viva

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

CTAR - Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede

DAN/UnB - Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

DEM - Partido Democratas

DF - Distrito Federal

DOU - Diário Oficial da União

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FBB - Fundação Banco do Brasil

FCP - Fundação Cultural Palmares

FE - Faculdade de Educação

FEF/UnB - Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília

GDF - Governo do Distrito Federal

GO - Estado de Goiás

IAPI - Instituto de Aposentadorias e Pensões do Industriários

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social

MEC - Ministério da Educação

MPF - Ministério Público Federal

NAA/UnB - Núcleo da Agenda Ambiental da Universidade de Brasília

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONG - Organização não governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

OPA - Observação Participante Ativa

OPE - Observação Participante Predominantemente Existencial

OPP - Observação Participante Periférica

PAA - Plano de Aquisição de Alimentos

P-AE - Pesquisa-Ação Existencial

PDOT - Plano Diretor de Ordenamento Territorial

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

PME - Plano Municipal de Educação

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PPP - Projeto Político Pedagógico

PRFM - Plano de Regularização Fundiária Municipal

RIDE - Rede Integrada de Desenvolvimento

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

STF - Supremo Tribunal Federal

Terracap - Companhia Imobiliária de Brasília

TIC's - Tecnologias da Informação e Comunicação

UnB - Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e cultura

USP - Universidade de São Paulo

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

### 1 - REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

#### QUADROS

**Quadro 01** - O procedimento da pesquisa-ação predominantemente existencial - René Barbier (2011) 19

**Quadro 02** - A educação como interface - René Barbier (2007) 31

#### FIGURAS

**Figura 01** - Três zonas constitutivas do cérebro humano 26

**Figura 02** - Evolução humana 31

**Figura 03** – Astronáutica 36

**Figura 04** - Símbolos milenares da tradição chinesa e do Povo Tupi-Guarani 39

**Figura 05** - O Homem Vitruvius - Leonardo da Vinci 40

**Figura 06** - O gabinete antropomórfico - Salvador Dalí (1982) 41

**Figura 07** - Muro na fronteira entre o Estados Unidos e o México, e o muro de Israel 44

**Figura 08** - Anatomia cerebral: glândula pineal 44

**Figura 09** - Ilustração do livro "*De Homine*" (1662) de René Descartes 44

**Figura 10** - *Chakras* (Centros de Energia) e *Ayvú* ( O Corpo Som do Ser) 45

**Figura 11** – Meditação 48

### 2 - O QUILOMBO MESQUITA: COMPREENSÃO ESPAÇO-TEMPORAL

#### FIGURAS

**Figura 01** - No Quilombo Mesquita 51

**Figura 02** - Anciões quilombolas recebem titulação da Fundação Palmares 53

<b>Figura 03</b> - Logotipo da Associação Renovadora do Quilombo Mesquita – ARENQUIM	54
<b>Figura 04</b> - Quilombolas exibem foto com José Sarney	55
<b>Figura 05</b> - GDF homenageia quilombolas de Mesquita no cinquentenário de Brasília	57
<b>Figura 06</b> - Agricultura familiar	58
<b>Figura 07</b> - Imagem de Nossa Sra. da Abadia	60
<b>Figura 08</b> - Capela de Nossa Sra. da Abadia	62
<b>Figura 09</b> - Igreja Evangélica Congregação Cristã no Brasil	62
<b>Figura 10</b> - Núcleo do Vale do Amanhecer no Quilombo Mesquita	62
<b>Figura 11</b> - Grupo Xamânico Aldeia Amor Lakota no Quilombo Mesquita	62
<b>Figura 12</b> - Cemitério da família Pereira Braga	63
<b>Figura 13</b> - A matriz religiosa africana e o preconceito	63
<b>Figura 14</b> - Artesão quilombola	65
<b>Figura 15</b> - Sede da fazenda Água Quente	66
<b>Figura 16</b> - Balneário do córrego Maria Pereira	67
<b>Figura 17</b> - Projeto Som de Quilombo	68
<b>Figura 18</b> - Viveiro de mudas comunitário	69
<b>Figura 19</b> - Espaço de Memória	70

### **3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, ANÁLISE E CONCLUSÕES**

#### **QUADROS**

<b>Quadro 01</b> - Os tipos de pesquisa-ação - René Barbier (2011)	78
<b>Quadro 02</b> - O pesquisador coletivo	92
<b>Quadro 03</b> - Pressão urbana sobre o Quilombo Mesquita	100

## **FIGURAS**

<b>Figura 01</b> - Troca das placas de localização no Quilombo Mesquita	99
<b>Figura 02</b> - Quilombo em todos o cantos	99
<b>Figura 03</b> - Agronegócio X Agricultura familiar	103
<b>Figura 04</b> – Liderança jovem quilombola	104
<b>Figura 05</b> - Página do Quilombo Mesquita no <i>facebook</i>	105
<b>Figura 06</b> - Blog do Quilombo Mesquita	106
<b>Figura 07</b> - Reunião de articulação popular em Cidade Ocidental	110
<b>Figura 08</b> - Audiência pública do Plano Diretor de Ordenamento Territorial de Cidade Ocidental	111
<b>Figura 09</b> - Audiência pública do MPF no Quilombo Mesquita	112



Estamos todos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo.

*Cora Coralina*

Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

*Paulo Freire*

## INTRODUÇÃO

### SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa, “Educação Popular: uma experiência em pesquisa-ação no Quilombo Mesquita – Cidade Ocidental/GO” situa-se na linha de pesquisa “Trabalho e Educação: Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Ensino Médio”, em sua interface com os movimentos sociais e populares; dentro do eixo de interesse “Políticas Públicas e Gestão da Educação” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília.

Com ela propusemos dar continuidade à experiência de “pesquisa-ação existencial” vivenciada no contexto da Comunidade Quilombo Mesquita – Cidade Ocidental/GO, iniciada no ano de 2011 no curso de graduação em pedagogia, que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso: **“Quilombo Mesquita: Cultura, Educação e Organização Sociopolítica na construção do pesquisador coletivo”** pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília em 2012<sup>1</sup>.

Ao referido período, está compreendida a primeira fase desta pesquisa. Onde foi possível identificar elementos da cultura, educação e da organização sociopolítica da comunidade, através da participação em espaços da associação comunitária, da escola, da igreja e de suas principais manifestações culturais, onde buscamos compreender as relações do território quilombola - sua realidade - com os sujeitos integrantes da pesquisa - o “pesquisador-coletivo”.

A segunda fase deste estudo, no mestrado acadêmico (2013-15), tem a finalidade de contribuir com o movimento político do Quilombo Mesquita. Onde buscamos, em 04 anos de contato, no âmbito da Associação Renovadora do Quilombo Mesquita - ARENQUIM, de seus encontros, reuniões, eventos e

---

<sup>1</sup> Quilombo Mesquita: Cultura, Educação e Organização Sociopolítica na construção do pesquisador coletivo / – Brasília, 2012. Monografia (licenciatura em pedagogia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2012. Banca: Maria Luiza Pinho Pereira - Orientadora, Erlando da Silva Rêses e Rafael Litvin Villas Boas.

projetos mobilizadores, participar nas formas cabíveis do ato coletivo de reflexão e produção da luta por seu território e identidade.

Esta luta, que emana do seio da própria comunidade, articula-se com setores da sociedade abrangente na defesa do patrimônio histórico, cultural e ambiental que o Quilombo Mesquita representa na região do Planalto Central. No que o pesquisador, enquanto morador de Cidade Ocidental, investiu-se com este trabalho na articulação entre a Cidade e o Campo no contexto municipal.

Ambas as fases constituem uma deliberada aventura-experiência pedagógica, arriscando existencial e epistemologicamente. Em que o exercício da pedagogia emancipadora de Paulo Freire em contexto de pesquisa-ação existencial proposta por René Barbier, afirma-se como desafio “pessoal”, “profissional” e “cidadão” por parte do pesquisador. Implicando-o em seu processo de formação, à vida político-educacional e cultural do Município onde vive há 22 anos e, especificamente, em relação à comunidade em questão.

Buscamos com este trabalho, também, estimular o diálogo que se estabelece entre a Comunidade Quilombola Mesquita e a Universidade de Brasília. Incurções de estudantes de graduação e pós-graduação de diversas áreas (educação, comunicação social, antropologia, geografia, biologia, agronomia), vinculados ou não a grupos de pesquisa, já resultaram em significativa produção acadêmica. Algo que, aliado à importância desta comunidade para a região, justifica ações da universidade que institucionalizem este vínculo.

Todavia, necessitamos superar a lógica fragmentária e fazer jus à Universidade, articular as áreas de produção do conhecimento, fortalecer as ações emancipatórias, comprometidas com o processo de transformação social e expandir o alcance da Universidade de Brasília na Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE e no Centro Oeste.

Conscientes das dificuldades epistemológicas e metodológicas no exercício da pesquisa-ação sob os princípios de uma pedagogia emancipadora junto aos sujeitos coletivos desta comunidade, alçamos com este trabalho propor uma interpretação de nossa ação política, enquanto uma **prática educativa**

constitutiva do “objeto” deste estudo - caracterizada pela educação popular - para com isto conscientizar-nos da dimensão pedagógica da luta política, de forma à conduzir-nos a uma práxis (ação-reflexão-ação) e a uma organicidade de nosso movimento. Consideramos esta pesquisa como uma contribuição, ainda que limitada, no esforço coletivo e transdisciplinar.

Quanto à educação popular é necessário esclarecer que a ideia do “popular”, assim como o conceito de “povo”, por ser polissêmica, é muitas vezes empregada de maneira imprecisa, denotando tanto “união”, “unidade”, “nacionalidade”, quanto “diversidade”, “divisão”, “classes sociais” e “contradição”.

As classes dominantes, ao nível do discurso político-ideológico, propagam uma determinada visão homogeneizadora da sociedade, que compreende nestes conceitos “opressores” e “oprimidos” indistintamente, numa tentativa de escamotear as desigualdades da sociedade de classes.

No entanto, como argumenta Vale (2001) o termo “popular” oportuniza desvendar justamente o oposto desta visão: as classes sociais. Pois, se existe algo popular significa já admitir a existência de algo não popular – a elite. De forma que, a educação popular é comprometida com os segmentos populares da sociedade, objetivando contribuir com a elevação da consciência crítica destes, no reconhecimento de suas condições (de classe, gênero, étnica, etc.) e de suas potencialidades transformadoras.

Na perspectiva da educação popular o conhecimento constitui a “matéria prima” para a efetivação da sua prática social, servindo de instrumento de mobilização, conscientização e de organização política, associado ao saber já existente na prática da vida cotidiana. Sua prática se justifica pelo fato de o povo, no processo de luta pela transformação popular, precisar elaborar seu próprio saber, caracterizando-a como processo de aquisição de saberes (particulares ou específicos) vinculados a um projeto social transformador.

Tendo isto em vista, reconhecemos este processo educativo no contexto das lutas do Quilombo Mesquita por seu território e identidade cultural, que vão conformando um projeto sociopolítico desta comunidade. O que induziu o

pesquisador na sua identificação com a educação popular e na condição de morador da região, em participar de seu movimento e partilhar desta realidade.

Quanto à forma desta participação, Carlos Rodrigues Brandão (1982) nos propõe que a missão do educador popular seja a de participar do trabalho, junto ao povo, de produção e reprodução de um saber popular, aportando a contribuição específica de educador (ou o ramo em que se profissionalizou, por exemplo.) em função das necessidades e em adequação com as possibilidades diante das práticas e da construção de um saber popular. Assim,

*a educação popular é mais um modo de presença assessora e participante do educador comprometido, do que um projeto próprio de educadores a ser realizado sobre pessoas e comunidades populares. Ela se realiza em todas as situações onde, a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e movimentos populares(...), as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam. (BRANDÃO, C.R. 1982. p. 50.)*

De forma que o sentido do trabalho pedagógico seja contribuir para a “passagem” do trabalho social da comunidade a um movimento orgânico de dimensão política, em que o próprio movimento popular seja a razão e a dinâmica da educação popular.

Há, com isto, um deslocamento no processo de pesquisa (em contraposição ao *modus operandi* tradicional), em que esta “razão” e “dinâmica” retira a centralidade do pesquisador, exigindo uma postura verdadeiramente dialógica do profissional, o que o coloca numa profunda inadequação ao modelo hegemônico de produção acadêmica e em sua relação com o tempo.

Um trabalho com este caráter demanda reconhecer metodologicamente uma temporalidade que assuma conflitos e mediações. Exige um tipo de implicação pessoal e coletiva que permita a construção de uma relação (política e afetiva) em ato de um projeto sociopolítico, sendo que esta relação é parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento. E reconhecer isto é fundamental!

Partindo deste raciocínio, o grande desafio que se apresentou para nós é a descoberta e o aprimoramento de tipos de relação de práticas pedagógicas entre

nós (profissionais comprometidos com a causa popular e os sujeitos – movimentos populares com os quais estamos envolvidos).

Diante de tal questão assumimos como **objetivo** desta pesquisa compreender e colaborar com o processo emancipatório da Comunidade Quilombo Mesquita, por meio da **experiência da educação popular**, com base no referencial de Paulo Freire em processo de pesquisa-ação existencial.

E tendo em vista que a educação popular

aspira a ser uma presença militante(...)onde não raro a forma mais consequente de trabalhar é não ter um programa de trabalho, mas servir aos dos movimentos populares a que se destina”. (BRANDÃO, C.R. 1982. p.57)

Foi na presença com a comunidade, no processo de ação-reflexão-ação de suas lutas (onde identificamos o emergir de um programa de trabalho educativo) e no desdobramento destas, que viemos a "tocar" em **objetivos específicos**, através da possibilidade de com este trabalho propor aos sujeitos-coletivos envolvidos no movimento quilombola uma "interpretação" de significação praxiológica do movimento político em questão, sob a ótica da educação popular, à luz de nosso referencial.

No período de 2013-2015, neste processo de experientiação da educação popular em colaboração política com os sujeitos/coletivos do Quilombo Mesquita participamos diretamente (articulando, mobilizando, incentivando...) em determinadas atividades como na produção de acervo no/para/sobre o centro de referência e memória da comunidade - o “Espaço Memória”; no processo de organização de canais de comunicação virtual (redes sociais) da Associação Quilombola e; no estudo das relações territoriais do Quilombo Mesquita e do Município de Cidade Ocidental para fins da elaboração do Plano Diretor de Ordenamento Territorial – PDOT.

A participação de dimensão coletiva nestas atividades nos proporcionaram condições para propormos ao movimento quilombola, com este trabalho, primeiro a identificação de um programa de trabalho educativo a ser compreendido e devidamente sistematizado, que já nos tem exigido, dentro desta experiência pedagógica, esforços interdisciplinares a cerca de temas como, "classes sociais",

"direitos étnico-raciais", "memória social", "tecnologias da informação e comunicação" e "geopolítica", por exemplo.

Esta proposta de identificação consiste também na proposta de reconhecimento do caráter pedagógico da luta política, para afirmarmos nossa experiência coletiva no âmbito deste movimento, enquanto uma prática de educação popular. A partir do que as noções da "metodologia da investigação temática", "ação cultural", "círculo de cultura" e "pesquisador coletivo" sejam apropriadas coletivamente de forma significativa, como estratégia político-pedagógica do movimento, na produção de conhecimentos visando a construção do projeto sociopolítico visado.

Esta pesquisa está inserida no campo das pesquisas qualitativas, que propõe um olhar integrado da ciência, superando a visão reducionista da cientificidade. Este campo requer e privilegia do ponto de vista ético, um tipo de investigação que inclui a presença do pesquisador na "cena" e sua relação com os grupos sociais. A pesquisa, desta forma, assume sua "reflexividade" e "intersubjetividade" (MINAYO & GUERREIRO, 2013), reconhecendo que tanto o pesquisador, quanto o campo social envolvido se afetam mutuamente. Por isto, o compromisso do pesquisador deve ir além da conformação técnica de sua pesquisa e contemplar o sentido social do estudo.

As pesquisas qualitativas estão fortemente conectadas com os objetivos de uma sociedade democrática e os pesquisadores devem assumir compromissos com as pessoas e os temas com os quais trabalham. Requerindo deste tipo de estudo a contextualização dos sujeitos e uma postura dialógica por parte do pesquisador na ação de compreender e interpretar as experiências, vivências da ação social dos sujeitos ou grupos.

Cabe observar que a qualidade interativa destes estudos com os sujeitos não são simples e precisam ser pensados com a profundidade merecida, pois, ao mesmo tempo em que podem beneficiar as comunidades, os grupos e as pessoas, podem também prejudicá-las ou simplesmente porque está suscetível aos conflitos de relações. Por isto, a pesquisa-ação deve ser avaliada, retransmitindo seus dados e resultados à coletividade, a fim de perceber sua

percepção da realidade e de orientá-la de modo a permitir uma avaliação mais adequada dos problemas identificados.

Uma vez contextualizada a proposição da prática educativa a ser exercitada e investigada no contexto da Comunidade Quilombola Mesquita e a natureza metodológica desta pesquisa, seguiremos:

No Capítulo I, apresentamos os referenciais teóricos que sustentam a prática do pesquisador, expressos na teoria educacional de Paulo Freire e na pesquisa-ação existencial de René Barbier, seguida de uma reflexão sobre os “sentidos” em educação e, por fim, realizamos uma reflexão teórico-filosófica sobre as perspectivas de integração entre cultura científica e a cultura das humanidades.

No Capítulo II apresentando uma contextualização espaço-temporal para compreensão da Comunidade Quilombola Mesquita: aspectos históricos, culturais, políticos e geográficos. Referenciais fundamentados a partir do trabalho realizado na graduação e aprofundado por pesquisas bibliográficas, documentais e empíricas durante o curso de mestrado.

No Capítulo III desenvolvemos os procedimentos metodológicos e de análise da pesquisa, realizando discussões suscitadas em nossa práxis da pesquisa-ação existencial.

## 1. REFERENCIAIS TEÓRICO - METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os referenciais teóricos e metodológicos que orientam este trabalho, a teoria educacional de Paulo Freire e a pesquisa-ação existencial de René Barbier, a partir do que se segue uma reflexão sobre as perspectivas de integração entre cultura científica e a cultura das humanidades defendida pela comunidade científica internacional no âmbito da Organização das Nações Unidas - ONU. A exposição destas referências e reflexões demonstram o itinerário ao qual o pensamento do pesquisador vai se implicando epistemologicamente na formação de sua perspectiva de ciência e educação.

### 1.1. A pedagogia de Paulo Freire

Temos como referência primordial o educador brasileiro, Paulo Freire, que transformou o pensamento político-educacional do Brasil com a educação de adultos e a promoção da cultura popular por meio da *conscientização* como forma de mobilização política das massas populares. Exerceu influência na América, na Europa, na Ásia e na África-Portuguesa, sendo traduzido em pelo menos quatorze idiomas (espanhol, inglês, francês, alemão, italiano, sueco, norueguês, finlandês, dinamarquês, flamengo, grego, árabe, chinês e outros idiomas.). Para exposição de suas ideias temos por base a “pedagogia da autonomia”, a “pedagogia do oprimido” e a “pedagogia da esperança”, guiando-nos pela análise de Venício Artur de Lima (2001) sobre a teoria educacional de Freire e seus conceitos fundamentais, este que, segundo o próprio Paulo Freire, mergulhou com profundidade na compreensão de sua obra.

A teoria educacional de Paulo Freire funda-se, a partir de uma análise marxista, no antagonismo da sociedade de classes e na luta por sua superação, em que justifica e elabora sua concepção problematizadora e libertadora de educação, tendo a dialogicidade como método da práxis educativa e da investigação.

Sua noção de consciência histórica e da ação crítica do homem em seu aqui e agora, enquanto práxis, sustenta o caráter problematizador de sua pedagogia contra qualquer tentativa de interpretação inexorável da história. Ao se conscientizarem da história como processo, os sujeitos podem (re)conhecer sua realidade existencial, questioná-la e inserir-se nela como sujeitos ativos, no propósito de transformação da sociedade pela superação das relações de opressão.

A libertação para Freire não é vista enquanto ausência absoluta de opressão, mas como categoria e processo histórico-social na experiência de práxis do homem. É um permanente processo dialético construído por um homem inacabado, consciente dessa condição, mediante sua relação com uma realidade também inacabada. A base desta transformação fundamenta-se no diálogo, na luta pela humanização que implica a emancipação do trabalho, a superação da alienação e a afirmação dos homens enquanto pessoas, pois estes nas relações de opressão são reduzidos à condição de “coisa”.

“Comunicação” e “cultura” são conceitos fundamentais e complementares entre si na teoria educacional de Paulo Freire, compreendidos no movimento dialético da articulação entre “superestrutura” e “infraestrutura”, sendo referentes à noção de “sobredeterminação da superestrutura” sobre a infraestrutura (LIMA, 2001.).

A comunicação é defendida por Freire como uma relação social – o homem em sua relação com o mundo enquanto sujeito e em sua relação com os outros homens em comunicação. Isto significa coparticipação de sujeitos iguais e criativos no ato de pensar. É a situação social na qual as pessoas criam conhecimento juntas, desde que a natureza dessa interação esteja fundada no **diálogo**. Essa dimensão relacional da comunicação assume uma dimensão política, pois o princípio filosófico do diálogo ao nível do “ato de conhecer” é realizado no plano social, o que exige e implica em sua transformação.

Pensamento e linguagem são gerados na relação dialética entre sujeito e sua realidade histórica e cultural concreta, por isto “pronunciar o mundo” é modificá-lo e daí o homem ter o direito à “voz” para ser sujeito que opta e projeta

seu próprio destino. Traz, assim, ao debate das culturas “silenciadas” ou “alienadas culturalmente” a conquista do direito à voz, o direito de pronunciarem suas “palavras” que é a essência do próprio diálogo. Nesta dimensão relacional e política do conceito de comunicação/diálogo em Freire, complementa-se à visão da natureza humana – o conceito de cultura.

O conceito de “cultura” em Freire tem significado fundamental em seus escritos, sendo elemento básico em três de suas expressões chaves: “cultura do silêncio”, “conceito antropológico de cultura” e “ação cultural” (LIMA, 2001.).

A primeira surge a partir de sua análise da herança colonial brasileira, que se ampliou para abranger não somente a realidade da América Latina, mas todas as sociedades “dependentes” e os povos oprimidos em geral, correspondentes ao conjunto de estruturas de dominação. Ela constitui a “cultura do oprimido”. Sua pedagogia dirige-se para as pessoas que se encontram mergulhadas na “cultura do silêncio”, e, que apesar de criativas e transformadoras, não tem voz própria, postura crítica, sofrem de “dualidade existencial” por um senso de autodepreciação e se caracterizam pela submissão e pelo silêncio.

O homem oprimido, que vive mergulhado na “cultura do silêncio”, não se vê como transformador do “mundo”, ele pensa a si próprio como fazendo parte do mundo “natural” preso a uma consciência mistificada, em oposição ao mundo da “história” e da “cultura”. Sua libertação, no entanto, não virá unicamente por meio de mudanças nas estruturas econômicas de dominação, mas virá paralelamente à mudança estrutural, pela “ação cultural”, conquistando seu direito de fala. Emergindo assim o “conceito antropológico de cultura”;

Esta segunda surge no que foi se conformando em metodologia de sua práxis educativa, o “conceito antropológico de cultura” tornou-se “tema dobradiça” utilizado nos “círculos de cultura”, em que nestes se supera o mito da educação neutra e instrumento a serviço da domesticação dos homens, problematizando a realidade do “contexto concreto” dos educandos, buscando “clarificar situações” e a ação derivada dessa clarificação. Os “temas dobradiças” são a inclusão pelos educadores de temas não sugeridos pelos educandos no processo de

“investigação dos temas geradores”, caracterizando a programação educativa pela dialogicidade da educação.

O conceito antropológico de cultura é um destes “temas dobradiças”, que prendem a concepção geral do mundo que o povo esteja tendo ao resto do programa. Esclarece, através de sua compreensão, o papel dos homens no mundo e com o mundo, como seres da transformação e não da adaptação. (FREIRE, 2011a. p. 161.)

Assim o educando pode superar sua compreensão mágica ou ingênua da realidade e desenvolver um entendimento cada vez mais crítico, sendo este o ponto de partida do processo educativo. Compreendendo “cultura” enquanto resultado da práxis e do trabalho humano em sua relação dialética com o mundo e como processo dialético criado pelo homem e que ao mesmo tempo o cria.

O homem faz cultura pela transformação da natureza através do trabalho e ao ensinar seu modo de intervenção às gerações mais jovens faz educação. Esta discussão conduz-se inevitavelmente ao tema da categoria social do trabalho e a compreensão deste como princípio educativo (CIAVATTA FRANCO, 2005.), expresso na relação criativa do homem com a natureza e nas suas formas históricas de sujeição, de servidão ou de escravidão, ou do trabalho moderno, assalariado, alienado na sociedade capitalista. Este tema integra o processo de “conscientização” numa “cultura do silêncio” mediante a práxis “ação cultural”, último conceito que trataremos adiante.

A terceira e última, a “ação cultural” é equiparada à “educação”, devendo ser compreendida com o conhecimento prévio dos conceitos anteriores. Este é um conceito dialético que identifica a atividade educativa e que pode estar voltado tanto para a libertação como para a dominação, pois está sempre relacionada à estrutura social. Portanto, a “ação cultural” estará sempre voltada quer a dominação quer para a libertação. A partir do que, com a complementaridade de todos estes conceitos, erigem-se suas duas teorias da ação cultural:

A teoria da ação antidialógica e a teoria da ação dialógica. A primeira ligada à ação opressiva e caracterizada pela “conquista ideológica”, “dividir para manter a opressão”, “a manipulação” e a “invasão cultural”; a segunda, revolucionário-

libertadora consiste na “cooperação”, na “unidade”, na “organização” das massas populares e na “síntese cultural” (FREIRE, 2011a.).

A educação problematizadora proposta por Freire, caracteriza-se por sua metodologia conscientizadora - a “metodologia da investigação temática” – que trata de “investigar o próprio pensar do povo” referido à realidade. Fundamentada pela compreensão da totalidade histórico-cultural, busca proporcionar aos sujeitos “pensarem criticamente a própria condição de existir”, partindo do “concreto” ao “abstrato” por meio da “codificação” e “descodificação” da realidade. Um processo de ação-reflexão gerador e identificador de “situações-limites”: a “denúncia da realidade” e o “anúncio de sua transformação”. Este último que é o “inédito-viável”, algo definido cuja concretização se dirigirá à ação dos sujeitos. O objetivo, portanto, da educação problematizadora é ultrapassar o nível da “consciência real” atingindo o da “consciência possível”.

O “inédito-viável” é uma categoria fundamental na “pedagogia do oprimido”. Os sujeitos diante das “situações-limites”, estas decorrentes da problematização da realidade, podem vê-las como barreiras intransponíveis ou não quererem transpô-las “por medo da liberdade”, mas se estas forem percebidas criticamente encontrar-se-ão desafiados a resolver, na medida do possível, os problemas da sociedade em que vivem. Esta ação necessária à superação das “situações-limites” são os “atos-limite” que, resolvendo pela ação e reflexão, os obstáculos à liberdade dos oprimidos, transpõe-se à “fronteira entre o ser e o SER-MAIS”, que é a realização da humanização. O “inédito-viável” é uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida, mas que será conseguida pela práxis libertadora que passa pela “teoria da ação dialógica” proposta por Freire.

Paulo Freire nos alerta que, o importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e por isto dialógica, é que os homens se sintam sujeitos de seu pensar, que discutam o seu pensar e sua própria visão do mundo. Assim, o processo de produção do conhecimento deve tornar “investigadores profissionais” e o “povo”, ambos, sujeitos deste processo, por isto, não se trata de homens como “objeto da investigação” e de pesquisadores como “sujeito”. Atenta para o risco de deslocar o centro da investigação, que é a “temática significativa” a ser

objeto da análise, para os homens mesmos, como se fossem “objetos” da investigação. Incurrendo, assim, no erro de reduzir a investigação temática a um ato mecânico e não um processo de busca, de conhecimento e criação que exige dos sujeitos descobrirem nos “temas significativos” a interpenetração dos problemas.

Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de construir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem-“comportada”, mas, na complexidade de seu permanente vir a ser. (FREIRE, 2011a. p. 140)

As concepções de Freire constituem contributos fundamentais ao desenvolvimento das “pesquisas qualitativas” em educação. Esta metodologia articula-se complementarmente às noções do método da “pesquisa-ação existencial” de René Barbier e suas formas de planejamento, a qual adotamos também como base referencial deste trabalho.

## **1.2. A pesquisa-ação existencial**

Segundo René Barbier (2007), a “pesquisa-ação” tem suas raízes nos métodos de investigação propostos pelos pesquisadores em Ciências Sociais do século XIX e início do século XX. Podendo-se pensá-la a partir da perspectiva de Marx ao incitar operários das fábricas a refletirem sobre suas condições de vida, respondendo a uma sondagem, concebida como um instrumento militante, por meio de questionário e com o surgimento de uma “sociologia qualitativa”.

No início do século XX emerge nos Estados Unidos com a Escola de Chicago, iniciando um período de consolidação a partir das décadas de 1950 – 1960 nas Ciências Sociais e Humanas, tanto nos Estados Unidos como no Canadá e na Europa. Na América Latina associa-se à sociologia radical que uniu-se à militância revolucionária com Camilo Torrès, Luis A. Costa Pinto, Florestan Fernandes, Orlando Fals Borba e com a “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire em educação popular (BARBIER, 2007).

A pesquisa-ação é, portanto, um questionamento epistemológico, representando uma mudança de atitude da postura acadêmica do pesquisador em Ciências Humanas. Se esta por muito tempo (e ainda hoje!) teve por papel “descrever”, “explicar” e “prever fenômenos”, impondo ao pesquisador ser um “observador neutro” e “objetivo”, a pesquisa-ação adota postura oposta: servir de instrumento de mudança social. Ela exige a implicação do pesquisador, o engajamento pessoal e coletivo na práxis científica.

A participação do pesquisador é um engajamento pessoal aberto para a atividade humana, visando à autonomia, e extraída das relações de dependência em que prevalece o diálogo nas relações de cooperação e de colaboração. (BARBIER, 2007. p. 81)

Ela visa democratizar o processo de produção do conhecimento por seu caráter emancipatório e participativo. Trata-se, portanto, segundo Barbier, de um método de pesquisa mais científico do que a pesquisa tradicional, pois a participação da comunidade facilita uma análise mais precisa e mais autêntica da realidade social. No entanto, alerta sobre seus “riscos”, sejam institucionais ou pessoais, pois ela está longe de ser o melhor caminho para ser rapidamente “bem-sucedido” no mundo acadêmico e, porque a pesquisa-ação na sua intersubjetividade “leva inevitavelmente o pesquisador para regiões de si mesmo que ele, sem dúvidas, não tinha vontade de explorar” (Idem. 2007 p. 33) ou que nem pensaria existir.

Dentro desta forma de fazer pesquisa em Ciência Humanas, a “pesquisa-ação existencial”, proposta por Barbier, representa um “tipo” onde fica difícil precisar as fronteiras entre ciência e arte. Está enraizada na afetividade humana (nascimento, amor e paixão, velhice, morte, sofrimento, autoformação, vida social alternativa, interculturalidade, etc.) e no potencial humano. Barbier a define como “uma arte de rigor clínico, desenvolvida coletivamente, com o objetivo de uma adaptação relativa de si ao mundo” (Idem. 2007. p. 67). Cabendo esclarecer que:

- Barbier quer dizer com “arte” que se trata de aplicar faculdades de abordagem da realidade que pertencem aos domínios da “intuição”, da “criação” e da “improvisação”;
- Segundo, que implica em rigor do quadro simbólico – “expressão do imaginário”, rigor da avaliação permanente da ação, rigor da implicação

dialética do pesquisador e; o rigor para manter, “custe o que custar”, a tríplice “escuta-ação” (científica, filosófica e mitopoética) que ultrapassa a “simples multirreferencialidade” em Ciências Humanas, alicerçada na contribuição das disciplinas reconhecidas como “legítimas” pelo mundo científico, para uma “multirreferencialidade geral” em que o questionamento filosófico (essência do mundo, do eu, da comunicação, do *socius*) está conjunto à luz de nossa própria experiência humana e da sabedoria contida nos conhecimentos ancestrais da humanidade;

- A dimensão coletiva remete à presença ativa de um grupo envolvido na pesquisa - “pesquisador coletivo” – considerado as embaraçosas questões metodológicas. Para torná-la possível exige que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, “na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa e racional”, a partir do reconhecimento mútuo entre os sujeitos do coletivo, como “seres de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária”;
- O objetivo da adaptação relativa de si ao mundo é o objeto final da pesquisa-ação existencial e reside em uma mudança de atitude do sujeito (indivíduo ou grupo) em relação à realidade que se impõe em última instância. As mudanças institucionais são lentas, mas as mudanças pessoais são cotidianas, proporcionando mudanças de comportamento em função de uma “nova visão” do mundo, entretanto, não se trata de “esperar” uma mudança milagrosa ou de permanecer numa atitude passiva.

René Barbier defende, e estamos de acordo, que a pesquisa-ação existencial é talvez a que mais diretamente aborda as “situações-limite” da existência individual e coletiva. Enxergando em todos estes pontos a complementaridade da pesquisa-ação existencial à pedagogia de Paulo Freire e conscientes do que lhes caracterizam, é que as escolhemos e defendemos como “método de pesquisa” dentro das possibilidades encontradas no campo das “pesquisas qualitativas”, em especial no contexto da “pesquisa em educação”.

Por fim, a pesquisa-ação é estabelecida por “**noções-entrecruzadas**”<sup>2</sup> concebidas como meios praxiológicos para compreender o que une pesquisa e ação. Estas são:

- a) **o paradigma da complexidade**: sistema de relações lógicas entre noções-chave de inteligibilidade da complexidade do mundo que se opõe à desconstrução da totalidade em unidades isoladas e que possui três princípios básicos: o dialógico, o recursivo organizacional e o hologramático;
- b) **a escuta sensível e multirreferencial**: representa um retorno do “sensível” nas Ciências Humanas. É um “escutar-ver”, apoiado na empatia, cabendo ao pesquisador sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro, para compreender as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos. É um reconhecimento incondicional do outro, por isto, não é um “rótulo social”, uma “obsessão sociológica” de interpretar fixamente as pessoas no campo das relações sociais imediatas, devendo antes de situar uma pessoa a partir do seu “lugar”, começar por reconhecê-la em seu ser, na sua qualidade de pessoa complexa, dotada de liberdade e de imaginação criadora. Por isto mesmo não pode ser a projeção de nossas angústias ou de nossos desejos, não parte da interpretação teórica dos fatos pelo pesquisador, mas, trata-se a princípio, de “atribuir um sentido” à prática ou à situação coletiva, podendo o pesquisador colocar seu posicionamento teórico à disposição dos sujeitos. Está assentada na totalidade complexa da pessoa, demandando uma “presença meditativa”;
- c) **o pesquisador coletivo**: grupo-sujeito de pesquisa constituído por pesquisadores profissionais e por membros da população vinculada à investigação participativa (pessoas mobilizadas, líderes de opinião e interessados em uma ação ligada à ação e reflexão) que delineiam as

---

<sup>2</sup> René Barbier utiliza o termo “noções-entrecruzadas” em preferência ao de “conceito”, porque do seio de cada uma delas muitos conceitos podem ser extraídos em função da singularidade da situação de trabalho. Expressa, assim, a natureza aberta, transversal e polissêmica de cada uma das noções.

estratégias de intervenção. Faz parte de sua atividade **a escrita coletiva** na qual os escritos são submetidos à leitura e à discussão de todos;

- d) **a mudança:** a pesquisa-ação é sempre um questionamento político no sentido etimológico que visa mudanças de atitude, de práticas, de situações, de condições, de produtos, de discursos, em função de um projeto-alvo. Supõe que o grupo passe por três fases de mudança, sendo: a fase de descongelamento que desbloqueia os hábitos; a fase de mudança propriamente dita; e, por último, a fase de reforço de um novo equilíbrio;
- e) **negociação e avaliação:** são termos que aparecem juntos na pesquisa-ação. A negociação é primordial e permanente ao longo da pesquisa nas escolhas diante dos conflitos inerentes ao processo. Ela se abre para a mediação/desafio de cada instante e se desenvolve dentro de um universo de avaliação, isto é, de discussão sobre valores e sentidos;
- f) **do processo:** é uma rede simbólica e dinâmica, apresentando um componente ao mesmo tempo funcional e imaginário, construído pelo pesquisador a partir de elementos interativos da realidade, aberta à mudança e necessariamente inscritos no tempo e no espaço. Empregando-se diversas lógicas e referenciais teóricos para interpretar um processo (lógicas dialéticas de síntese e não sintéticas, lógicas do paradoxo, lógicas simbólicas, por exemplo);
- g) **da autorização:** significa o favorecimento da emergência de uma capacidade dos sujeitos implicados em serem os próprios autores da prática – pesquisa, por meio dos processos de ação, visando resolver questões existenciais, ao mesmo tempo pessoais e comunitárias, resultando no aumento de discernimento em cada participante. Não se trata necessariamente de produzir mais “saber”, mas de melhor “conhecer” a realidade do mundo tal qual nós a percebemos nas nossas interações.

### 1.2.1. Metodologia da pesquisa-ação

Nestas “noções-entrecruzadas” encontramos a base para compreensão do método em pesquisa-ação. O método é antes um auxílio à estratégia que algo a ser “aplicado”, pois este pode modificar seu rumo em função das informações recebidas e dos acontecimentos imprevisíveis, é nessa acepção que se fala de “método” em pesquisa-ação. O espírito dela consiste em uma *abordagem em espiral*, significando que:

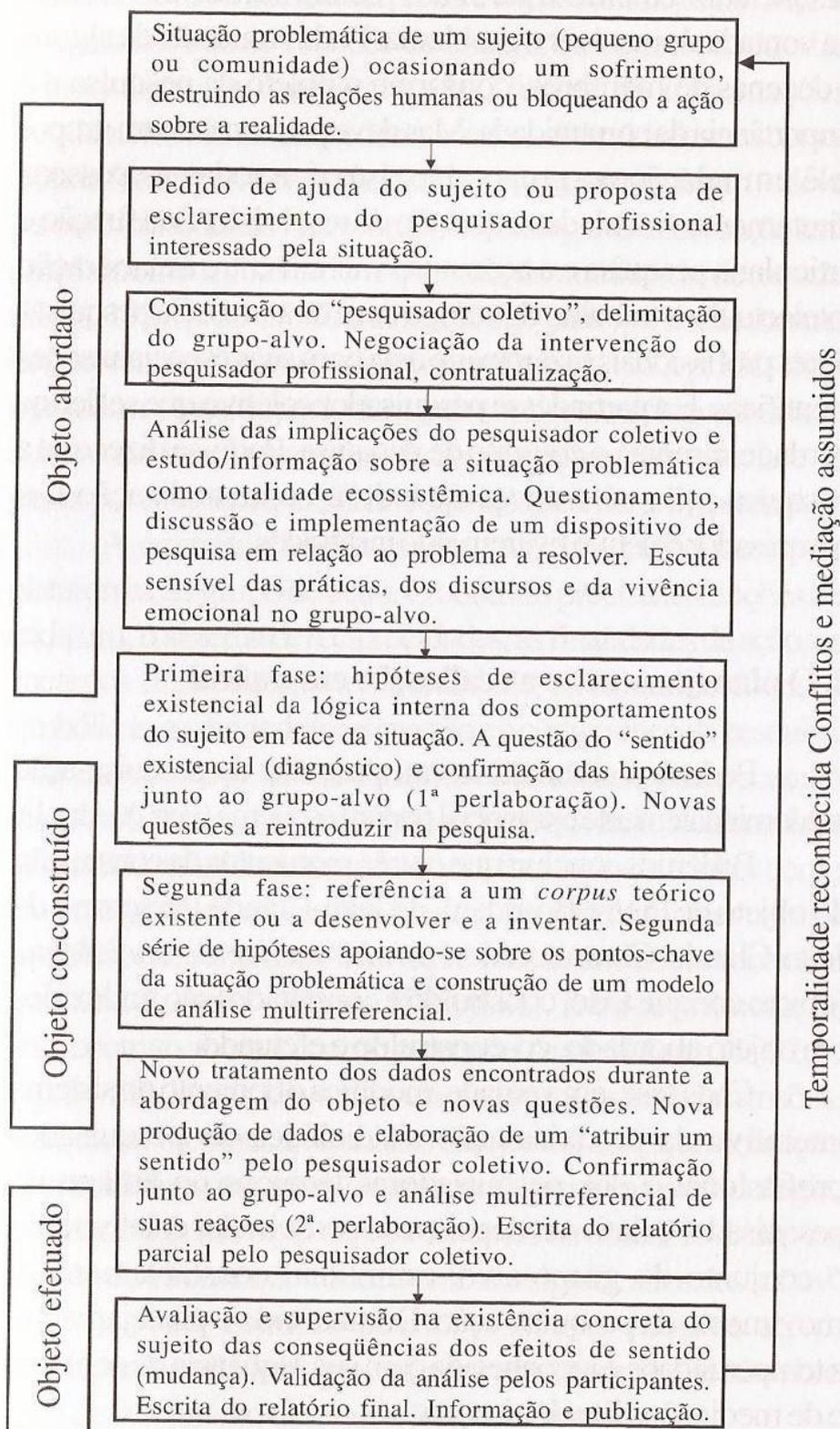
“todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação. Inversamente, porém, todo segmento de ação engendra *ipso facto* um crescimento do espírito de pesquisa. Nada de pesquisa sem ação, nada de ação sem pesquisa” (BARBIER, 2007. p. 117).

Quatro temáticas centrais devem ser examinadas quando se fala do método da pesquisa-ação:

- 1) A identificação do problema e a contratualização;
- 2) O planejamento e a realização em espiral;
- 3) As técnicas de pesquisa-ação: a observação participante predominantemente existencial (periférica, ativa e completa) e o diário de itinerância;
- 4) A teorização, a avaliação e a publicação dos resultados.

Quanto aos resultados da pesquisa, René Barbier, nos diz que uma pesquisa-ação “chega ao fim quando o problema inicial é resolvido, se é que pode realmente sê-lo”, podendo somente os sujeitos ligados a ele afirmar. Uma pesquisa-ação mais do que outra pesquisa, “suscita mais questões do que as resolve”. Segundo o autor, ela incomoda quase sempre os poderes estabelecidos, pois, afinal, “a quem se trata de dar lições”?

### Quadro 1 – O procedimento da pesquisa-ação predominantemente existencial



Quadro 01: BARBIER, René. Pesquisa-Ação. 2011.

Para finalizar nossa exposição-reflexiva a cerca dos princípios metodológicos da pesquisa-ação, traremos mais uma vez as contribuições de René Barbier para pensarmos, de uma forma mais diretiva, o papel do educador em sua práxis educativa e seus sentidos.

### **1.3. O educador com um “*passEUR*”<sup>3</sup> de sentidos.**

Barbier (1997) ao discutir o sentido da/em educação considera três significados da palavra “sentido” buscando a especificidade mais existencial de cada um deles, são:

- a) “sentido-direção” aberto à finalidade da vida;
- b) “sentido-significado” aberto sobre um campo de relações de sinais, de símbolos e de mitos;
- c) “sentido-sensação” aberto sobre a inscrição corporal do espírito e a pluralidade dos dados sensoriais;

Educação, etimologicamente, significa em primeiro lugar, “nutrir”, pelo latim “educare” e, num outro significado mais tardio, “conduzir para fora”, por “educere”. Barbier trata destas significações sugerindo que o significado que remete à “alimentação/nutrição” pode ser imaginado como a “soma de saberes” da humanidade, compreendendo-os como saberes plurais, não exclusivamente científicos, mas igualmente filosóficos, artísticos e religiosos a serem transmitidos de uma geração à outra pelos agentes especializados e homogêneos em determinados sistemas de ensino das sociedades. Pondera nesta relação às questões de ordem ideológica, dotada de violência simbólica, sob a marca da “reprodução das relações sociais de produção” (ALTHUSSER, 1985; CARNOY & LEVIN, 1987; GRAMSCI, 1987.)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> “PASSEUR” pode-se traduzir como passador ou atravessador, pessoa que atravessa outras de uma margem a outra do rio. Preferiu-se manter o termo original francês. (BARBIER, René. O educador como “*passEUR*” de sentido. 1997.)

<sup>4</sup> Estes autores sustentam que na sociedade capitalista a escola representa o mais importante “Aparelho Ideológico de Estado” ou “organização cultural” para Gramsci, sendo mecanismo de dominação pela ideologia para assegurar as condições de reprodução das relações de produção. Martin Carnoy e Henry M. Levin no estudo “Escola e Trabalho no

Segue indicando outro emprego da palavra “alimentação” que possa significar o aporte de uma “verdadeira vitamina do ser”. Esta alimentação trata-se propriamente da dimensão espiritual, geralmente de competência da teologia ou da filosofia. Por outro lado, aponta o autor, a significação da educação enquanto “condução para fora”, tornando-se uma orientação sobre o caminho singular da pessoa concebida como um projeto do indivíduo em direção ao “Si”, referindo-se ao processo de individuação “junguiano”, que engendra uma verdadeira aventura ontológica.

René Barbier diz que somos confrontados com a necessidade de uma passagem de sentido entre o universo da racionalidade científica e aquele da não-racionalidade, que não é “irracionalidade”, mas que está aberta ao conhecimento de si, à luz da experiência espiritual ou artística e poética. É nesta direção que propõe aos educadores atuarem como “*passseurs*” de sentido, em que o Manifesto da transdisciplinaridade ou Carta da Transdisciplinaridade, proposto por Basarab Nicolesco e pelo I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Portugal, 1994.) guiam este caminho. Como a obra do educador brasileiro, Paulo Freire, que recentemente foi reconhecida por seu caráter transdisciplinar<sup>5</sup>, que rechaça toda atitude que negue o diálogo, buscando um saber e compreensão compartilhados e o respeito às alteridades.

A transdisciplinaridade é entendida como o reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por diferentes lógicas e que nos oferece uma nova visão da natureza e da realidade. Trata-se de uma atitude aberta, que reconhece a complexidade e que procura uma educação concreta, contextualizada, sem reduzir a realidade a uma ou várias disciplinas fechadas, o que supõe uma liberação da opressão do conhecimento como poder. A educação

---

Estado Capitalista”, realizado em escolas de ensino fundamental nos Estados Unidos em 1987, demonstram a reprodução das relações de produção nas práticas escolares e como se expressam estas formas de reprodução.

<sup>5</sup> Basarab Nicolescu afirmou: “Estoy convencido de que el encuentro entre el pensamiento de Paulo Freire y la transdisciplinariedad tiene el potencial de conducirnos en la dirección de ese nuevo mundo, libre del dominio de la agresión y de la violencia. La educación transdisciplinar es una educación de liberación, que nos permitirá establecer vínculos entre personas, hechos, imágenes, campos de conocimiento y de acción, posibilitando descubrir el Eros del aprendizaje durante toda la vida, y construir seres humanos en constante cuestionamiento y en constante integración” (LINHARES & TRINDADE, 2003 apud, ANGELIM, M.L.P. Pedagogía de la liberación. In: Diccionario latinoamericano de bioética / Dir. Juan Carlos Tealdi. Bogotá. UNESCO – Red Latinoamericana y del Caribe de Bioética – Universidad Nacional de Colombia, 2008a.)

transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos (ANGELIM, 2008.). Exercitar uma postura transdisciplinar lança-nos como educadores num infindo e instigante desafio.

### 1.3.1. A educação como mediação e desafio entre saberes e conhecimento

A educação neste contexto transdisciplinar torna-se cada vez mais “uma abordagem paradoxal entre a constelação dos saberes construídos e o sem-fundo do Conhecimento” (BARBIER, 1997.) chegando a uma mediação e desafio permanente. Ao educador o autor dirige alguns destes desafios e mediações:

- 1) **O educador é um ser de desafio** antes mesmo de ser um ser de mediação. Quanto ao “sentido” em/da educação, corresponde ao estabelecimento de uma ligação entre o homem, os outros homens e o mundo por meio de valores socialmente reconhecidos. Trata-se de uma “religação” que abre as vias do conhecimento de si mesmo, onde começa a verdadeira discussão do sentido da educação.
- 2) **O educador deve ser consciente e lúcido**, e se apoiar sobre o conhecimento de si, experiencialmente assumido, para acolher o saber dos outros, em benefício da dúvida e fazê-lo frutificar. Assim, aproximamo-nos da compreensão do mundo e de nós mesmos, proporcionando um estado de consciência holística. Sinaliza que um movimento pessoal/comunitário permite-nos compreender a vida e participar da sua dinâmica complexa e da sua tessitura instantânea.
- 3) **O educador é necessariamente um ser de mediação entre saber e conhecimento**, tornando-se, nesse campo, necessariamente um poliglota das linguagens científicas e filosóficas, valendo-se da “abordagem multirreferencial”<sup>6</sup> em educação.

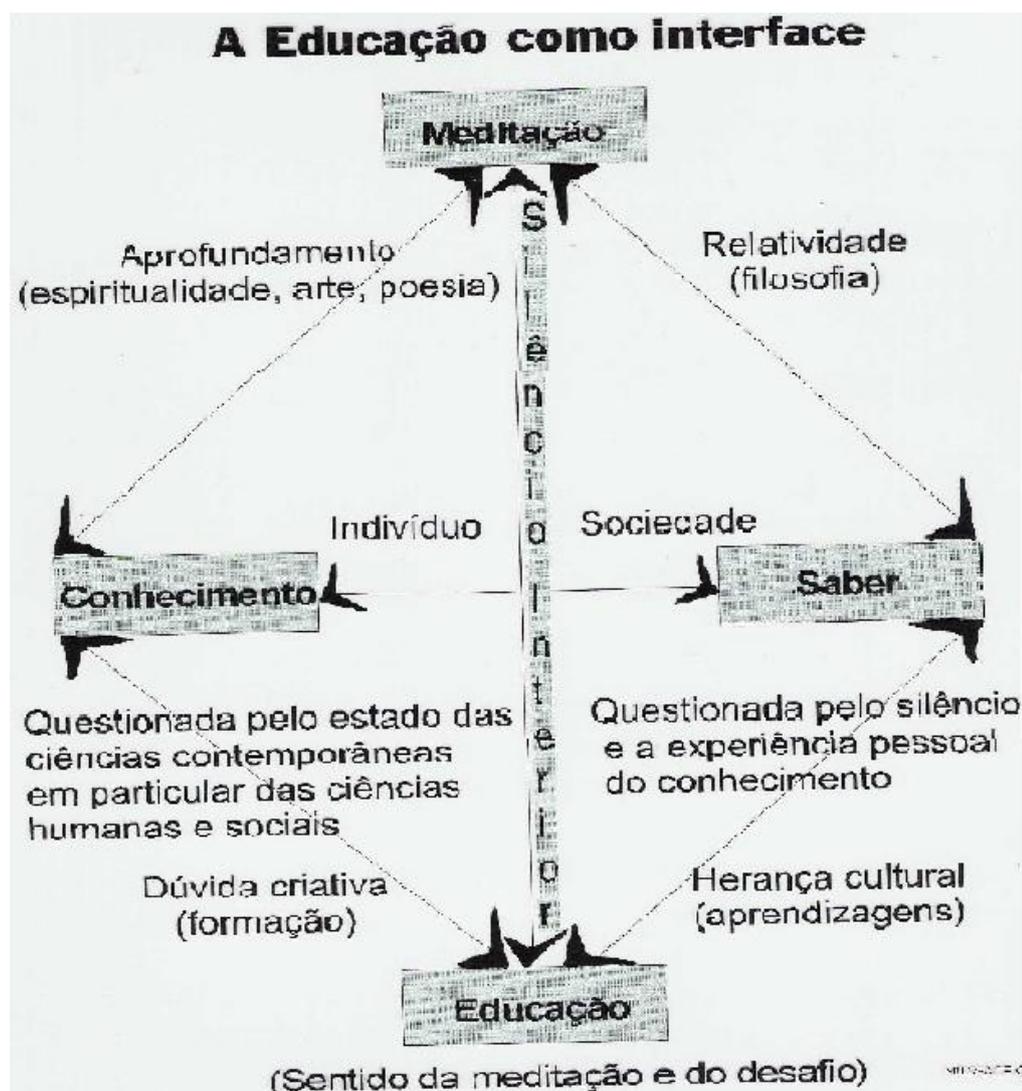
---

<sup>6</sup> Esta abordagem se preocupa em tornar mais legíveis, a partir de leituras plurais, fenômenos complexos (processos, situações, práticas sociais, etc.), constituindo-se a multirreferencialidade num apelo deliberado através da pluralidade de olhares e de linguagens, reconhecidos como necessários à compreensão da complexidade. Trata-se de um questionamento epistemológico atualmente imprescindível (ARDOINO, Jacques. 1998.).

- 4) **O educador é um “passeur” de finalidade.** Para Barbier a distinção é feita em três tipos de finalidades de responsabilidade do educador: em “ciências”, em “artes” e na “espiritualidade”. **A finalidade em ciências** põe em questão a pertinência entre teoria e fatos conquistados, de acordo com uma busca da verdade. Trata-se da constatação da importância da dúvida metódica no coração das “estruturas das revoluções científicas”, em referência a obra do filósofo da ciência Thomas Kuhn; **A finalidade em artes** apoia-se sobre a realização e a simbolização de uma obra, essencialmente pessoal, em função de uma realidade imaginada e que se torna sensível. O autor considera que a filosofia caracteriza-se pela criação de conceitos, a ciência se orienta pelas perspectivas e a arte abre-se às percepções e aos afetos; **A finalidade na vida espiritual** busca alcançar um sentimento vivenciado de unidade de tudo o que existe, trata-se de uma vivência quase intraduzível na linguagem racional e prosaica. O educador torna-se um articulador de finalidades para todos, através de uma linguagem metafórica apropriada, além de ser um curioso de tudo.
- 5) **O educador é um “passeur” de significados.** Da ciência ele faz compreender o interesse das metodologias rigorosas e da diversidade delas, até a transformação radical das mesmas, passando das ciências “duras” para as ciências humanas e sociais (que não são moles), mas simplesmente “vivas”. Insiste sobre a ideia da verdade e sobre a sua relatividade intramundana; da arte insiste sobre o emergir do objeto desconhecido, deslumbrante na sua inquieta estranheza afetiva e sensorial; da espiritualidade sublinha a relação do desconhecido, a incompletude radical do conhecimento da “realidade última”.
- 6) **O educador é um “passeur” de sensações,** sempre retorna ao que diz respeito ao ser humano, ao mundo das emoções e do desejo. Recorda que o estatuto do corpo varia segundo as culturas; interpela o artista nos seus modos de expressão comprometidos com o seu tempo, pede-lhe para religar sua obra à sua vida concreta, apontando na arte todo o jogo sutil da sensibilidade em ato; interroga o espiritual sobre o lugar tanto do corpo como do social na plenitude do despertar.

- 7) **O educador coloca em interferência duvidosa** a estrutura do conhecimento do mundo físico (o olho de carne), baseada na racionalidade científica a partir do mundo das percepções naturais; a estrutura do conhecimento do mundo mental (o olho da razão), baseada no jogo das imagens, dos conceitos e de sua própria lógica; a estrutura de conhecimento do “mundo luminoso” (o olho da contemplação).

Cabe ao educador apontar as convergências e as oposições dos três tipos de conhecimento, relativizar as proposições absolutas, compartilhar suas conclusões e submetê-las à crítica. Todavia, conclui que a passagem de uma estrutura de conhecimento a outra, deve ocorrer de forma vivencial com respeito aos componentes próprios de cada uma das estruturas.



Quadro 02: A educação como interface (BARBIER, René.. 1997.)

René Barbier com este pensamento lança enorme desafio a nós educadores em formação inicial e continuada ou, simplesmente, no decurso de nossas vidas, pois exige a nós, primeiramente, compreender ou abrir-se à busca da compreensão do paradigma da complexidade, da qual, a abordagem multirreferencial em educação se faz necessária por buscar fornecer uma contribuição analítica à inteligibilidade das práticas sociais nesta realidade complexa, como aponta Ardoino (1998). Ademais, ao desafiar-nos no exercício de mediação entre “saberes” e “conhecimento” faz coro a uma grande questão: como educar os educadores no sentido de um “despertar da inteligência” e desta competência transdisciplinar? Com este trabalho nos desafiamos nesta direção.

Trouxemos estas reflexões quanto ao sentido da/em educação, pois é indispensável para pensarmos o potencial promotor de mudanças que ela pode oferecer ao mundo diante das “crises” conjunturais e estruturais que a humanidade e nossa sociedade vive (civilizatória, político-econômica, sócio-ambiental e etc.), mesmo sabendo que ela sozinha não pode reverter todo este quadro de “crises”, mas que tão pouco poderemos pensar em realizar mudanças sem considerá-la.

O psiquiatra chileno, Claudio Naranjo (2011), ao analisar a educação numa perspectiva global, salienta que temos uma educação que em grande parte está roubando a consciência, o tempo e a vida das pessoas, num trabalho domesticador de geração em geração, manipuláveis pelos meios de comunicação e em função do sistema de produção. Embora esta crítica seja já bem conhecida e levando em conta o caráter dialético da educação, que não a encerra num reprodutivismo, pois não é um processo determinista, mesmo sendo hegemônica a submissão da educação e dos sistemas de ensino à lógica de “reprodução do sistema produtivo capitalista”.

No entanto, Naranjo aprofundando sua crítica nos convida a pensar alguns aspectos quanto ao papel da educação para a humanidade. O fato de a educação estar fundada no modelo de desenvolvimento econômico atual encobre o papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, pois, afinal, o que necessitamos é uma educação que nos faça evoluir, uma educação para a consciência. Para o

psiquiatra, perdemos uma grande quantidade de energia investidos na repetição e apenas uma educação holística ou integral pode prevenir a deterioração da mente e do planeta.

Enfatiza, ao pensar a educação, o fato de sermos seres com três cérebros: cérebro intelectual - neocórtex, cérebro emocional e cérebro visceral ou instintivo – sistema límbico e reptiliano, alertando para o fato de que em nosso processo civilizatório por haver o predomínio do cérebro racional, com a superioridade da razão instrumental sobre o afeto e a sabedoria instintiva, temos nos empobrecido, pois uma pessoa apenas pode viver sua plenitude

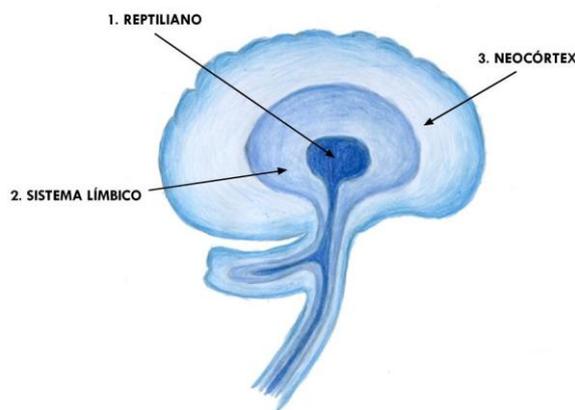


Figura 01: Três zonas constitutivas do cérebro humano.

Fonte: <http://guzmanlastra.com/del-instinto-a-la-razon-como-usar-el-poder-de-los-tres-cerebros-para-lograr-tus-metas-narte-1/> (acessado em 20/06/2014)

tendo seus três cérebros em ordem e coordenados. Por isto, conclui ser necessária uma educação que se ocupe do aspecto emocional e que atenda também a “mente profunda”, esta última entendida como a consciência mesma, que depende do sentido da vida. Sendo muito importante a disciplina de deter a mente, a disciplina do silêncio, como se pratica em todas as tradições espirituais: cristianismo, budismo, yoga, xamanismo, etc, reconhecendo a diferença entre religião e espiritualidade.

René Barbier também chama atenção para a importância da “meditação” ou da “presença meditativa” que “nada tem a ver com um êxtase exuberante ou transe [...] é simplesmente a plena consciência de estar, aqui e agora, no menor gesto, na menor atividade da vida cotidiana” (BARBIER, 2007, p. 99-100).

Contribuindo neste pensamento com os “sentidos” da/em educação Claudio Naranjo propõe que:

La educación también tiene que incluir un aspecto terapéutico. Desarrollarse como persona no se puede separar del crecimiento emocional...No puede aprender intelectualmente una persona que está dañada emocionalmente. Lo terapéutico tiene mucho que ver con devolverle a la persona la libertad, la espontaneidad y la

capacidad de conocer sus propios deseos (NARANJO, 2011, p. 02).

Diante disto, podemos pensar o quanto a gestão das instituições educativas precisa transformar-se, superando a lógica da racionalidade funcional e instrumental, que ausenta a “filosofia” da “gestão” incidindo no erro da repetição de pensamentos feitos, normatizando uma “super adaptação” educacional dos indivíduos para a manutenção do “*status quo*” por meios autoritários e/ou “persuasivos”. Este movimento de transformação, que ocorre ao nível da rejeição pessoal ou de forma indiscriminada e espontaneísta, enquanto postura rebelde em nome da criatividade deve ganhar consciência e corpo político na crítica coletiva de caráter praxiológico, para efetivar as mudanças culturais necessárias para (e através de) uma gestão e pedagogia emancipatória.

Desta forma, a proposta educacional a qual fazemos referência compreende a gestão emancipatória (GARCIA, 1980.) dos processos e organizações educativas; educadores e educandos como seres integrais onde se relacionam as dimensões de corporeidade, pensamento, linguagem e afetividade frequentemente excluídas das reflexões acerca do processo de formação; na comunicação pedagógica como espaço de criação de significado e sentido; e na afirmação da identidade cultural brasileira (RIBEIRO, 1995.), por nossa autodeterminação como povo singular e universal (SANTOS, 1999.), no propósito de transformação da sociedade atual instituindo uma educação pública popular (VALE, 2001.), que contribua para a conscientização de nosso povo quanto à sua história e da missão do Brasil de liderança dos povos subdesenvolvidos e dos povos de cor, assumindo-se de cor (SILVA, 2007.).

Todas as reflexões, ora apontadas, na base da discussão da relação sujeito-objeto, nas práticas educativas e na produção do conhecimento, bem como a escolha destas perspectivas teórico-metodológicas, inseri-nos no desafio de superação das formas “tradicionais” através de uma perspectiva emancipatória e holística, que exigi-nos relações mais complexas de produção do conhecimento que a perspectiva positivista, utilitarista e instrumentalista. Esta superação inicia-se no reconhecimento de que todos somos sujeitos-objetos, educador e

educando, pesquisador e “interlocutores”, são ambos sujeitos da pesquisa e da prática educativa.

Na próxima e última parte desta seção, buscando aprofundar o pensamento a partir das referências ora estabelecidas, desenvolvemos uma reflexão sobre as perspectivas de integração entre cultura científica e a cultura das humanidades defendida pela comunidade científica internacional no âmbito da Organização das Nações Unidas - ONU.

#### **1.4. Reflexões teórico-filosóficas**

*“A ciência não se aprende, a ciência apreende a ciência em si;  
A ciência não se ensina, a ciência insemina a ciência em si;  
A ciência não avança, a ciência alcança a ciência em si”<sup>7</sup>*

Teoria em grego quer dizer o Ser em contemplação. As referências teóricas expressas neste trabalho servem-nos neste exercício de contemplar o “Ser” e a “Vida”.

Entretanto não se trata meramente de um “olhar” sobre o real. Contemplação não enquanto postura passiva e dissociada entre teoria e prática, como gregos acreditaram na Antiguidade e como muitos, hoje, possam ainda crer. Constitui, ela, tarefa de inserção na realidade (de forma pessoal, profissional e cidadã), aspirando uma elevação do [nosso] pensar e agir – práxis - ao nível do “bom-senso”, que dirá a uma “consciência filosófica”, unitária e coerente como nos propõe o filósofo italiano Antônio Gramsci (1987).

No Trabalho de Conclusão de Curso esta seção foi intitulada como “Orientações – Fundamentos do Ser e da Vida” por considerar que, à luz de nossas teorias, encontramos e construímos nossas profundas orientações e os fundamentos de nossa Vida e nosso Ser. De outro modo, estes referenciais podem ser encarados como mero instrumento de crivo acadêmico que,

---

<sup>7</sup> GIL, Gilberto. Álbum: Quanta. Warner Music, 1997 – Disco 02. Faixa 01 “A ciência em si”.

majoritariamente, confere rigor ao pensamento quando este se mantém na repetição tautológica, constituindo-se em enunciados discursivos fechados ao imprevisto, em jogos de linguagem.

As referências aqui expressas representam, no processo de formação do pesquisador, antes um ato de curiosidade e de descoberta do “mundo” que uma mera aplicação teórica sobre ele. E como descobrir pressupõe alguma ação, a teoria deve, por isso mesmo, ser entendida como um “que fazer”, conseqüentemente um “como fazer”, assinalando o caráter inseparável entre “teoria” e “método”. É o caminho por onde nos conduzimos!

Para efeito dessa reflexão o estudioso da tradição marxista, professor José Paulo Netto (2011), ao nos orientar no “estudo do método em Karl Marx”, aponta-nos a concepção marxiana de teoria da qual tomamos parte. Ela, segundo o autor, é entendida como uma modalidade peculiar de conhecimento, compreendida entre outras, como a arte, o conhecimento prático da vida cotidiana e o conhecimento mágico-religioso, mas que a teoria distingue-se e especifica-se por ser o conhecimento do objeto - de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo. A teoria, assim, é a reprodução, no plano do pensamento, do movimento real do “objeto”, extraíndo dele suas “múltiplas determinações” e apreendendo-o como um processo. No entanto, esta reprodução não deve ser vista como um reflexo mecânico, pois o “sujeito” assume um papel fundamentalmente ativo no processo de pesquisa, mobilizando conhecimentos, criticando e revisando-os, dotado de criatividade e imaginação.

Concordando plenamente com esta concepção de teoria, ainda sim, cabe perguntar-nos: que “objetos” estão ao alcance de ser conhecidos em “estrutura” e “dinâmica” por nós?

Se tomarmos a VIDA em seu sentido mais amplo – totalidade cósmica<sup>8</sup> – como “objeto”: tem a Ciência a possibilidade de conhecer a “estrutura e dinâmica” da VIDA em sua totalidade?

---

<sup>8</sup> Universo constituído de tudo o que existe fisicamente, a totalidade do espaço e tempo e todas as formas de matéria e energia - O Cosmo.

É certo que a Ciência interou-se com exatidão das partes principais do mecanismo do universo e do organismo humano na arguta investigação das entranhas da Terra e das profundezas do “céu”. A Ciência forneceu à humanidade as leis que regem a matéria, assim como na transformação desta por aquela, fornece-nos as leis que “regem” historicamente o desenvolvimento da sociedade. No entanto, pode-nos oferecer algo que dê sentidos ainda mais amplos e profundos a todas as descobertas e teorias científicas?

No campo da física: a teoria da grande explosão e expansão do universo, a teoria da relatividade e dos quantas; na biologia: a evolução das espécies e seu desdobramento no campo antropológico; o processo de humanização que fez o homem transcender da escala zoológica para situar-se no plano da conduta cultural, por exemplo. O que essa evolução representa na evolução maior do Cosmo? Qual o propósito da vida humana no planeta e no universo? Em suma, será a Ciência capaz de elaborar uma teoria que ofereça a “real” resposta do que somos e o que viemos fazer aqui?! A quem podemos perguntar: que viemos fazer neste mundo?

Mas que VIDA? Que consciência de VIDA?

Para ANGELIM & RODRIGUES (2009) evoluindo e gerando conhecimento a sociedade humana segue atribuindo sentidos e fundamentos ao Ser e a Vida no processo de geração da existência, sobreVIVER e TRANScender – sendo este o sentindo fundante da educação. Tomando como base referencial o “Ser Aprendiz Orgânico Cósmico” enquanto:

“uma espécie humana sujeito, naturalmente aprendiz, no exercício de interação com o outro ou os outros no ambiente permanente de ligação cósmica do eterno agora! Uma espécie capaz de exercer sua autonomia de aprendizagem da Vida (autoconsciência), como cidadão (habitat) e como trabalhador culturalmente identificado em sociedade, como constituinte do equilíbrio harmônico da natureza-vida”. (Idem, p. 92.)

Concordamos com estas autoras na compreensão da autonomia do sujeito aprendiz compreendido como uma totalidade dinâmica, biológica, psicológica, social, cultural, cósmica, indissociável (BARBIER, 2007), no decurso da vida (PIENAU, 1998), considerando a educação libertadora / pedagogia da autonomia

(FREIRE, 2011a; 1996) em processo de auto-co-ecoformação (GALVANI, 2008) e o processo de individuação – crescimento psíquico em sua totalidade (JUNG & FRANZ, 1964.).

Mas que VIDA?

O físico britânico, Peter Russel (1999), no filme “O Buraco Branco no Tempo”, baseado em sua obra de mesmo título, nos proporciona um olhar singelo, deslumbrante e cuidadoso sobre nossa existência neste planeta, dizendo-nos que:

Nosso sol é apenas um entre bilhões de estrelas na nossa galáxia e existem bilhões de outras galáxias espalhadas pelo universo. Em termos de espaço somos realmente uma partícula no infinito. O universo tem existido por mais de um bilhão de vezes do que você e eu, nós somos de acordo com a filosofia hindu um piscar do olho do Deus. Deste ponto de vista nós realmente parecemos insignificantes. Entretanto, de outro modo, nós e o tempo pelos quais estamos passando, estamos longe de sermos insignificantes. Nunca, tanto quanto sabemos, houve nessa terra uma espécie que pode mudar o mundo como temos feito, nunca tanto foi possível, e nunca tanto esteve em tanto risco. (Transcrição do filme sobre a obra “O Buraco Branco no Tempo” de Peter Russel. 1999.)

Russel surpreende-nos ainda mais ao informar que em bilhões de anos da evolução biológica, 99,9 % dessa jornada teve que ocorrer para que surgisse o *homo erectus* – “a humanidade está apenas começando e aonde quer que estejamos indo estamos indo rápido, mas pra onde estamos indo, o que o futuro nos reserva?” (Idem, 1999.).

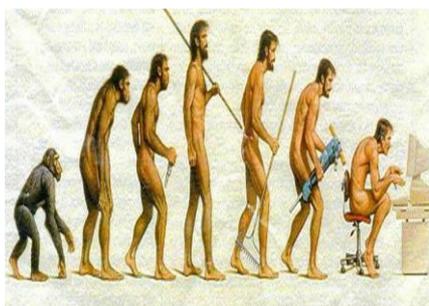


Figura 02: “Evolução humana”. Fonte: google imagens (2014).

E ao pensarmos nossas vidas inseridas na infinitude do cosmo vemo-nos diante de grande e engenhoso mistério que buscamos conhecer, assim viemos

fazendo aqui da/na Terra, em nosso *continuum* da evolução sociocultural (RIBEIRO, 1975) com nossas revoluções tecnológicas e científicas e atingindo compreensões da realidade física e social.

No entanto, para muitos [principalmente entre as ciências sociais] pensar sobre o “universo” pode ser uma grande perda de tempo, algo sem valor, improcedente, pois o que importa é, exclusivamente, o “aqui e agora” terreno, e sua “concretude”. Assim, com receio de caírem na “inexatidão”, fogem da realidade que é o “Cosmo”, infinito e fugidio ao nosso entendimento<sup>9</sup>. Ao mesmo tempo, esta postura não permite enxergar os desdobramentos do desenvolvimento das ciências da natureza sobre as ciências sociais, visão que dissocia filosofia das ciências naturais. Koppin (1978) alerta neste sentido e indica que “nos conceitos e categorias do materialismo dialético, a realidade objetiva está representada do ponto de vista da atividade prática do homem numa etapa determinada da sua evolução” (p.63). E as investigações astronômicas e astrobiológicas estão intimamente ligadas às primeiras revoluções tecnológicas da humanidade e hoje em estágio incrivelmente avançado com a engenharia astronáutica.



Figura 03: “Astronáutica”. Fonte: google imagens (2014).

Diante deste amplo contexto para compreendermos a VIDA da sociedade humana neste canto do universo, em sua historicidade, são imprescindíveis as contribuições da tradição marxista para uma teoria social que, fundamentada no “materialismo histórico dialético”, possibilita-nos numa análise da realidade histórica, examinar e compreender a existência de nossas diversas formações sociais e as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas, etc. que lhes correspondem. Formações estas constituídas de indivíduos reais e suas condições materiais de vida produzidas

<sup>9</sup> Convido os leitores a fazerem uma “viagem pelo universo” no site do Observatório Nacional (Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação) onde a ciência astronômica, sem esgotar o universo, pode nos mostrar os aglomerados de aglomerados de galáxias que somam bilhões no Universo, da qual a nossa Via Láctea é apenas uma delas navegando no espaço sideral.

por sua própria ação. Este movimento é de acordo com a concepção materialista o que confere o fator decisivo na história:

a dinâmica do desenvolvimento da produção e reprodução da vida imediata que é, de um lado, a produção de meios de existência, de outro, a produção do homem, a continuação da espécie, (ENGELS, 1979b. p. 2).

E é, pois, pelo trabalho que o homem produz sua existência, transformando natureza em cultura, sendo este a condição básica e fundamental de toda a vida humana (ENGELS, 1876). Assim o homem pôde se conceber enquanto “ser social”, resultado elementar de seu próprio trabalho. O que constitui o modelo da práxis, “que é um processo, movimento que se dinamiza por contradições, cuja superação o conduz a patamares de crescente complexidade, nos quais contradições impulsionam a outras superações” (NETTO, 2011. p. 31). Daí a impossibilidade de compreender o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos, sendo nossas sociedades e suas instituições, produtos históricos da ação recíproca dos homens, determinadas em última instância pela base econômica que as constituem (ALTHUSSER, 1985.).

A humanidade em seu desenvolvimento tem por fruto do seu trabalho as marcas radicais promovidas pela revolução agrícola na Mesopotâmia, acompanhada da invenção das primeiras cidades, da escrita, da matemática e da astronomia (lembrando-se do desenvolvimento da astronomia egípcia, chinesa, grega, indiana, maia e islâmica); pelas formas de organização das sociedades clássicas (Egito, Grécia e Roma) que contribuíram com o desenvolvimento da filosofia, da literatura, da arte, da política e do direito (sem esquecer no mesmo período o desenvolvimento das filosofias orientais e suas inter-relações, faltando por nossa ignorância relatar outras contribuições advindas do continente africano, do Oriente e das Américas); pela idade média europeia que abriu precedente às profundas transformações da relação entre o homem e o “tempo” com a criação do relógio, a difusão da bússola, o moinho d’água, a vela, a pólvora e a imprensa; e pela modernidade que aperfeiçoou os conhecimentos matemáticos, a física, a química, biologia e psicologia gerando uma poderosa base científica que propiciou o advento da indústria e a revolução industrial, com o desenvolvimento

da sociedade burguesa “a mais desenvolvida e diversificada organização histórica da produção” (MARX, 2011.).

Temos vivido ultimamente o que alguns teóricos vêm chamando de “nova revolução industrial”, baseada nas tecnologias da informação e comunicação, que tem modificado radicalmente as relações de uma sociedade interligada por uma rede mundial de computadores, configurando-se numa sociedade da informação e comunicação (CASTELLS, 2008) em que há uma nova racionalidade em desenvolvimento, onde se renova o espaço de poder e a divisão social do trabalho (CARVALHO, 2003). Neste caminhar a Ciência, conjunto de conhecimentos humanos a respeito da natureza, da sociedade e do pensamento, representa a profunda capacidade humana de conhecer e intervir na realidade. E, por isto, é impossível pensá-la imparcial<sup>10</sup>.

Através da razão e suas diferentes lógicas científicas (formal e dialética) alcançamos conhecimentos, ainda que relativos e provisórios, constituídos de “verdades objetivas” a respeito da “realidade” (física e social), compreendendo a “objetividade” do conhecimento teórico na prática social e histórica. Desta forma, a Ciência representa muito para humanidade, pois pôde explicar mais claramente a constituição material da Natureza e a materialidade das relações histórico-sociais. Mas, a totalidade da “Vida”, do “Cosmo”, essencialmente encerra-se na “materialidade”? Que se compreende por matéria?<sup>11</sup>

A partir daqui, dadas estas reflexões de cunho teórico-filosófico sobre a importância da Ciência, considerando a questão sobre seu possível alcance diante da Vida compreendida no Cosmo, passamos adiante à necessidade de

---

<sup>10</sup> Numa sociedade baseada na luta de classes não pode haver ciência social “imparcial”. (Lénine, V.I. 1913.)

<sup>11</sup> A Física Moderna com as teorias “quântico-relativísticas” demonstram que a massa não tem a ver com qualquer substância material, sendo a massa nada mais que uma forma de energia. Puseram-se abaixo os conceitos clássicos de objetos sólidos. A matéria assume “tendências a existir” a “ocorrer” e seu aspecto sólido é um “efeito quântico” vinculado ao seu aspecto dual (onda-partícula), sendo que as partículas subatômicas são um processo dinâmico que envolve uma energia que a faz manifestar-se como massa, revelando na estrutura atômica a simetria entre “matéria” e “antimatéria” (CAPRA, 1995.). O filósofo russo, Pavel Kopnin (1978), diz que “o conceito de matéria no materialismo dialético não é idêntico ao de substância (...). A matéria não é uma essência material jacente na base todas as coisas; é todos os fenômenos, coisas e processos que existem fora e independentemente da consciência do homem”. Caberia, assim, indagar sobre a “espiritualidade” do homem, concebido dentro da lógica do materialismo histórico dialético enquanto ser social?

pensar as fundamentais contribuições da Ciência à humanidade sem negligenciar suas limitações e problematizando seus desdobramentos sobre a sociedade humana e a natureza. Lanço algumas reflexões referentes ao “racionalismo” e o “cientificismo” de nossa época.

Limitaremos as reflexões a um problema fundamental que podemos identificar: a “prepotência” com que fomos arrogando-nos do conhecimento científico, que, por consequência, tanto impede reconhecermos as mais transparentes limitações como analisar criticamente nossas “invenções” e “compreensões” possíveis por meio dele.

Voltemos à questão lançada anteriormente sobre o alcance do conhecimento teórico, pensando: poderia a humanidade pela Ciência, coincidir a totalidade de seu pensar com a totalidade do universo?

O filósofo e sociólogo francês, Henri Lefebvre, diz-nos que estamos sempre nos aproximando deste limite, sabendo que este é um “caminho cheio de complicados meandros” (LEFEBVRE, 1983. p. 99 - 103). Teríamos condições de pensar em alcançarmos, por meios estritamente intelectuais, uma “realidade última” da totalidade do universo?

As grandes tradições filosófico-espirituais da humanidade, a exemplo do pensamento chinês, pensamento hindu, judaico-cristão ocidental, por exemplo, assim, como nossa tradição oral tupi guarani-tubugçu (JECUPÉ, 1998), apontam-nos que esta “realidade última” pode ser entendida como a “alma” ou a essência interna de todas as coisas, sendo infinita e além de todos os conceitos, inacessível em sua integralidade ao pensamento-intelecto e nem possível de ser adequadamente descrita em palavras, mas possível de ser “sentida”.

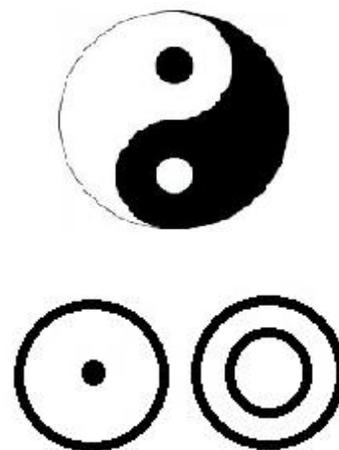
A “realidade última” para o hinduísmo é representada por *Brahman*, o conceito unificador das diversas manifestações de uma mesma realidade que se manifesta na alma humana *Atman*, sendo ambas Um; por *Tao* para o pensamento chinês, uma realidade última e indefinível, em que suas manifestações são geradas pela inter-relação dinâmica de duas forças polares *yin* e *yang*, expresso no “Diagrama do Supremo Fundamental” (CAPRA, Fritjof. 1995. p.72-87); “Deus” para os judaico-cristãos ou; *Tupã Tenondé* para os Guaranis brasileiros e seus

símbolos milenares *Nãmandu*, “o grande mistério”, “o imanifestado”, o “um”, e *Kuaracy*, a “primeira emanção do imanifestado”, “fogo-mãe”, “o dois”, onde o Ser emerge do Todo, mas não se desfaz do Todo. Embora, estas tradições possam divergir em inúmeros detalhes, todas enfatizam a unidade básica do universo, características centrais de seus ensinamentos.

Podemos pensar que nossa “inclinação” a conhecer e estabelecer “verdades absolutas” pela Razão está em igual relação com a utopia para

Eduardo Galeano<sup>12</sup>, servindo-nos para fazer caminhar. De toda forma, chama a atenção, na caminhada humana, a “pretensão” intelectual de explicar a tudo ou o “Todo”, esta que parece ser uma “vocação” nossa. Atraindo-nos para a compreensão desta “inclinação” ao conhecimento e ao desenvolvimento histórico desta “vocação” ontológica, gnosiológica, lógica e histórica com a qual instituímos a filosofia enquanto exame do ser e de todas as categorias que o expressam, através da relação do pensamento com o ser, constituindo o problema fundamental da filosofia (KOPNIN, 1978).

É certo que as filosofias de tradições religiosas ao lado da ciência constituem as buscas cosmológicas da humanidade. As primeiras surgem anteriormente ao desenvolvimento da Ciência, sendo elas para muitas culturas, a princípio, as principais fontes de “ciência” e “códigos civis”. Entretanto, com desenvolvimento do conhecimento das leis da natureza, a Ciência foi retificando muitas ideias que formaram as filosofias religiosas acerca da origem das coisas. A Ciência abriu caminhos fendendo o velho edifício das crenças e a alegoria não pôde ser aceita como realidade pela Ciência, pois esta, a partir da observação



**Figura 04:** Acima, antigo símbolo chinês “Diagrama do Supremo Fundamental”, representa o caráter dinâmico do *yin* e do *yang*, polos arquetípicos da natureza (CAPRA, Fritjof. 1995.). Abaixo, símbolos milenares do povo Guarani, respectivamente, “o imanifestado” e a “emanção do imanifestado” (JECUPÉ, 1998).

<sup>12</sup> A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (Eduardo Galeano)

direta, alçou comprovar o estado do mundo material erigindo-se pela autoridade dos fatos, da qual “revelações” ou “mitos” foram colocados diante de dados irrecusáveis.

Todavia, deve-se compreender tais tradições correspondidas aos estágios do conhecimento de cada época da humanidade e suas limitações, assim como, o potencial de suas compreensões, pois a alegoria que ocupa ali considerável espaço pode ocultar sob seus véus sublimes verdades as quais a Ciência, hoje, estuda e pode inclusive comprovar algumas destas. Por exemplo, através da medicina, das neurociências; da psicologia analítica; pela medicina vibracional e; da Física moderna com a teoria quântica que revela a unidade básica do universo a que nos referimos anteriormente às tradições<sup>13</sup>, mostrando-nos que não podemos decompor o mundo em unidades menores dotadas de existência independente, como pela Física atômica, jamais podemos falar sobre a natureza sem falar, ao mesmo tempo, sobre nós mesmos (CAPRA, 1995) do que trata o princípio hologramático da teoria da complexidade.

As tradições filosóficas de tradição religiosa e a Ciência podem e devem reconhecer-se mutuamente e avançar juntas. Às primeiras, cabe rejeitar posturas dogmáticas e abrir mão de ideias que nos tempos primitivos do saber se faziam do mundo material e do mecanismo do universo, reconhecendo o estado atual dos conhecimentos, embora, também, muitas ideias possam hoje ser confirmadas no campo da física moderna (CAPRA, 1995); à segunda, reconhecer que rasgou um canto do véu e que o desenvolvimento que alcançou não lhe respondeu o que mais importa saber.

A dúvida, a incerteza no tocante à vida atira o homem a um penoso vácuo, atordoando-o a ideia do nada e o faz atirar-se numa espécie de frenesi para as coisas da vida material, ao mesmo tempo em que, aumenta seu deslumbre em descobrir e perceber a magnífica e misteriosa engenharia do universo.

---

<sup>13</sup> O filósofo português, Agostinho da Silva, a este respeito nos diz: “Existe um Deus que é o conjunto de tudo quanto apercebemos no Universo. Tudo o que existe contém Deus, Deus contém tudo o que existe. Pode-se, sem blasfêmia, considerar, falar não de Deus, mas apenas do Universo, com Espírito e Matéria, formando um todo indissolúvel.” (in “A Doutrina Cristã” - 1943).

O fato é que no desenvolvimento do conhecimento humano viemos atribuindo à ciência, enquanto conhecimento metódico e sistematizado, o posto mais elevado entre as fontes de conhecimento pela sua “exatidão”. No entanto, é indiscutível neste processo a prepotência da racionalidade humana diante da “VIDA-EXISTÊNCIA”, do “MUNDO” e do “UNIVERSO”

Pensemos sobre a afirmação de Henri Lefebvre a respeito do pensamento humano, em que este para o autor:

(...) pretende legitimamente deter a possibilidade, o poder de atingir a verdade absoluta. O pensamento humano pretende possuir a soberania sobre o mundo e o direito absoluto sobre a verdade “infinita” (LEFEBVRE, 1983. p. 100).

Este pensamento impressiona pelo caráter de nossas aspirações. Não há motivos para discordar que o pensamento humano possa ou mesmo deva reivindicar a si soberania sobre o “mundo”<sup>14</sup> (o que aumenta a nossa responsabilidade para com este), afinal o pensar elevou o homem ao mais alto grau dentre os seres justamente por sua capacidade de juízo, de livre arbítrio, e é justamente esta capacidade que deve dimensionar esta “soberania”, pois ela não significa jamais que estejamos acima de qualquer controle. Pretendemos “dominar” a natureza, mas somos nós, que em última instância, estamos sob seu controle (afinal, não escolhemos nascer e muito menos podemos evitar a morte!<sup>15</sup>). Isto, a priori, de um ponto de vista estritamente biológico.

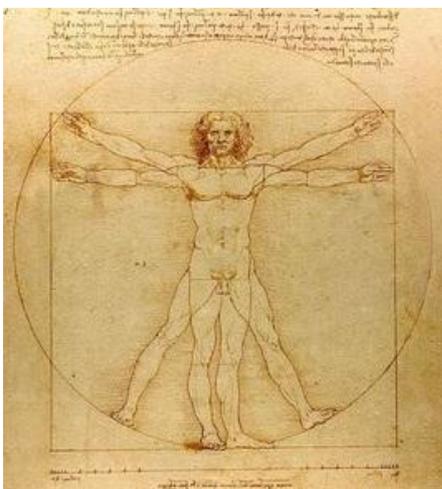
A busca e alcance de “domínios” nos é tanto necessário quanto possível, a partir da “autoconsciência” do homem e da colocação do problema do pensamento e do conhecimento humano com a realidade fora dele existente e

---

<sup>14</sup> Agostinho da Silva, diz que nós chamamos “mundo” àquilo que entendemos do “universo”, como se considerássemos este o antônimo da palavra mundo, reduzindo o universo a um “não crer em nada”. Conclui: “então quando nós falamos do mundo estamos falando dessa parte aqui do universo que nós entendemos”. Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/agostinho-da-silva/> Acessado em: 20/06/2014.

<sup>15</sup> Agostinho da Silva nos presenteia com um olhar humilde sobre a humanidade: “O homem aparece numa das últimas idades geológicas do mundo, é um ser muito recente na terra, e já passaram muitas qualidades dele inclusive o homem Neandertal, em que muita gente vê o começo da abertura para as coisas intelectuais, para o espírito e etc. Talvez sejamos apenas uma larva tal a mais e a certa altura poderá aparecer mais uma coisa que nos exceda completamente e que se possa rir das ideias que nós tivemos”. Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/agostinho-da-silva/> Acessado em: 20/06/2014.

interior. Neste sentido podemos “dominar” nossa natureza atingindo uma determinada “soberania” sobre nós mesmo. Mas daí acreditarmos ser esta “soberania” absoluta sobre a natureza é no mínimo “presunçoso” e revela a crise moral e espiritual da humanidade, ou simplesmente uma crise de consciência.



**Figura 05: O Homem Vitruviano**, de da Vinci. 1490. Símbolo do Renascimento e do Antropocentrismo.

O “absolutismo racional” humano expresso com todo vigor nas ideias do “iluminismo” (séc. XVIII), caracterizou a ciência moderna, vigorando no pensamento filosófico mesmo em campos antagônicos como o “positivismo” e o “materialismo histórico dialético”, onde a razão realocou enaltecidamente o posto do homem no cosmo.

A oposição do racionalismo iluminista ao Estado teocrático representou um avanço político histórico, mas ao negar *Theos* como fundamento do mundo e do universo e instituir o *Anthropos* como central, que se pretendeu com isto, simplesmente encarnar a onipotência D’ele? No mais, além de colocar o humano no centro do “mundo” ou do “universo”, colocamos a razão no centro do homem e a realidade a ser conhecida, a “verdade”, o “real” e o “concreto”, tornam-se exclusivamente o “racional” ou o alcance deste que não é a totalidade da vida humana. A teoria psicanalítica, hoje, sustenta que a consciência é a menor parte e a mais fraca de nossa vida psíquica e demonstra as influências do campo “inconsciente” sobre nós (CHAUÍ, 2000).

O psiquiatra suíço, Carl Jung (1964), em sua obra “O Homem e seus Símbolos”, argumenta haver indicações que o inconsciente tenha a capacidade de “examinar”, “concluir” e “deliberar”, sendo esta dirigida principalmente por tendências instintivas, enquanto uma análise lógica é prerrogativa da consciência, de acordo com a razão e o conhecimento, sendo esta distinção fundamental. O fato é que reconhecer isto é perturbador para nosso “ego” racionalista, que faz acreditar-nos senhores de nossa alma, mas enquanto formos incapazes de tornarmos conscientes inúmeras maneiras secretas pelas quais fatores

inconscientes se insinuam sobre nossos projetos e decisões, certamente não seremos donos dela. Como pode nos assustar ainda mais reconhecer que esta relação do “inconsciente” não se encerra na dimensão do indivíduo, podendo manifestar-se em dimensões coletivas – o “inconsciente coletivo”.

Jung declara que o homem moderno, para não ver esta cisão do seu ser, protege-se com um sistema de “compartimentos” que separa aspectos da sua vida e do seu comportamento e nunca os confronta uns com os outros.



Figura 06: O gabinete antropomórfico de Salvador Dalí -1982

Esta discussão é essencial, pois para este autor, a psique é o mais importante instrumento do homem, ao passo que recebe pouca atenção, quando não tratada com desconfiança e desprezo, sem o que não podemos pensar – que se faz à humanidade hoje. É neste sentido que Kopnin (1978) defende que desvendar os mistérios do cérebro humano é uma das questões atuais que ora se levanta com intensidade especial e de que depende o progresso da ciência.

Para Peter Russell,

(...) nossa percepção e nossa compreensão [do mundo] deram saltos enormes, mas ao que diz respeito a nossa autocompreensão ainda estamos muito adormecidos, nós ainda conhecemos muito pouco sobre como pensamos, muito de nós não estamos completamente conscientes de nossos sentimentos, nosso ser interior permanece tão misterioso quanto sempre. Esta é a grande fronteira que ainda nos espera, não o espaço exterior, mas o interior - a exploração e o desenvolvimento da mente humana. Uma exploração que poderia se revelar como a mais fascinante, a mais surpreendente e a mais valiosa de todas as nossas explorações. Este é o próximo passo da evolução, não uma evolução biológica, mas uma evolução da consciência (RUSSEL. 1999.).

Com efeito, esta discussão conduz a repensarmos nosso sistema de pensamento científico ancorado não somente na racionalidade humana, mas no “racionalismo”. Não se trata de desqualificar as faculdades intelectuais, legando-as ao supérfluo, mas, propriamente por meio destas, reconhecer que a nossa mente desenvolveu-se até o seu atual estado de consciência através de muito

tempo e da mesma maneira continua a desenvolver-se por forças interiores e estímulos exteriores.

Carl Jung, diz que estas forças procedem de uma fonte profunda que não é alimentada pela consciência e nem está sob seu controle afirmando que: “a única coisa que nos recusamos a admitir é que dependemos de ‘forças’ que fogem ao nosso controle” (1964. p. 82.). Seria herético na academia reconhecer isto, sob alegação de esoterismo ou coisa que o valha? Seria falsa polêmica ou cremos possuir o total controle da vida? Todavia, é obvio que reconhecer isto não nos converte em espíritos inertes, não nega nossa ação histórica. No entanto, é possível que pensemos possuir o total controle da vida, pois a isto nos propusemos acreditando ter “conquistado a natureza” pela Razão.

O objetivo destas reflexões é atentar para certos limites com que nos deparamos em nossa cientificidade, pois como indicou Carl Jung, e podemos verificar, “à medida que aumenta o conhecimento científico diminui o grau de humanização do nosso mundo”, pois o homem “dissociou-se” da natureza e hoje se sente isolado e é preciso curar esta dissociação, que nos faz pensar estarmos separados ou independentes do meio que nos cerca, mas estamos demasiadamente deslumbrados com a ciência e temos dificuldade de ver ou conviver com outros caminhos. Jung retrata esse deslumbramento assim:

O homem não resiste às solicitações aventurosas de sua mente científica e inventiva, nem cessa de congratular-se consigo mesmo pelas suas esplêndidas conquistas. Ao mesmo tempo, sua genialidade revela uma misteriosa tendência para inventar coisas cada vez mais perigosas, que representam instrumentos cada vez mais eficazes de suicídio coletivo (JUNG, 1964. p. 101).

Questionando como pensar, então, em “conquista da natureza” se vivemos um mundo como se fora uma pessoa neurótica ou mesmo esquizofrênica, em referência à “cortina de ferro” que dividiu a Europa Ocidental e Oriental durante a “guerra fria”, simbolizada pelo “muro de Berlim”, visto ainda nos muros atuais.



**Figura 07:** À esquerda, protesto com cruzes contra os muros nas fronteiras entre EUA e o México com cerca de 3.000Km. À direita, manifestação de palestinos contra o muro de Israel. Fonte: Google imagens (2014).

Sem cair numa psicologização da vida social, a analogia “cai como luva” diante destes exemplos vividos no século XX e nos princípios deste que vivemos.

Para Jung, o racionalismo negou toda forma de crenças religiosas, superstições e outras barreiras invisíveis para erguer um apego exagerado pela Razão, convertendo esta na “superstição do homem moderno” com o lema: “querer é poder”. Considera que para sustentar esta crença na Razão, o homem contemporâneo paga o preço de uma “incrível falta de introspecção”, não conseguindo perceber que, apesar de toda sua racionalização e toda sua eficiência, continua possuído por “forças” fora de seu controle.

Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm, apenas, novos nomes. E o conservam em contato íntimo com a inquietude, com apreensões vagas, com complicações psicológicas, com uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses (JUNG, 1964. p. 82).

Todavia, pondera e reconhece que, para além dos aspectos negativos da crítica, nos últimos tempos o homem civilizado adquiriu uma força de vontade que pôde aplicar onde lhe pareceu melhor. Aprendemos a realizar eficientemente o trabalho, podendo executar aquilo a que nos propomos com uma grande capacidade de traduzir ideias em ação sem maiores obstáculos (Idem. 1964).

O pensamento de Carl Jung constitui importante referência para analisarmos criticamente esta “crença na Razão” que a humanidade veio assumindo e o sentimento de dissociação que ela gera entre homem civilizado e a natureza. Sua “avançada” consciência privou-se dos meios de assimilar as contribuições dos instintos e do inconsciente. A “Razão” e sua insaciável busca pela “concretude” desvanece os sentidos da vida num deserto intelectual. Falamos em “matéria”, descrevemos suas propriedades físicas, mas esta palavra tornou-se um conceito seco, inumano e puramente intelectual que para muitos de nós não guarda qualquer significação psíquica.

No entanto, não reduzir a “VIDA” e o “SER” à matéria, conferindo-lhes “espírito”, é algo que desde tempos imemoriais os homens especulam a respeito, mas hoje julgamos poder prescindir destas ideias com o argumento da inexistência de “provas” científicas que as autenticem e é irritante para o ponto

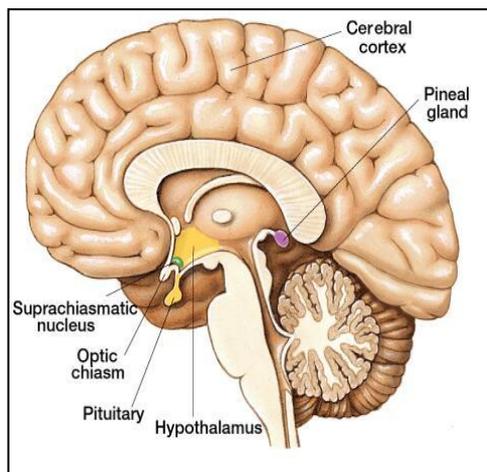
de vista científico lidar com fatos que não podem ser apreendidos apropriadamente ou totalmente pelo intelecto e a lógica. Assim como, também, não podemos encerrar em definições absolutas os fenômenos dos “afetos” ou emoções que fogem às tentativas da psicologia. O problema com estes tipos de fenômenos é que são fatos que não podem ser negados, mas que também não podem ser formulados em termos intelectuais. Por isto acreditar na existência de um ser supremo (um ou vários) é uma decisão tão arbitrária quanto negá-la e, assim, temos a inteira liberdade para escolher nosso ponto de vista a respeito.

É importante ressaltar que as mudanças de perspectivas na Ciência vêm sendo discutidas há algum tempo, buscando superar este espírito racionalista, como é observado nas declarações dos Fóruns sobre Ciência e Cultura da UNESCO. A Declaração de Veneza (1986), por exemplo, aponta que *“reconhecendo-se as diferenças fundamentais entre a ciência e a tradição, constatamos não a sua oposição, mas a sua complementaridade”*, recusando todo sistema fechado de pensamento. As Declarações de Vancouver (1989) e de Belém (1992) aprofundam uma visão integral de ciência, cultura e natureza. Culminando estes fóruns no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Portugal, 1994) resultando na Carta da Transdisciplinaridade. À ciência do século XXI cabe religar saberes dispersos e caminhar para um tipo transversal e polifônico de cognição, retroalimentado pela dialogia natureza – cultura, dando fim a cisão entre cultura científica e a cultura das humanidades, mas esta mudança só se efetivará se o homem passar a ser entendido como um ser simultaneamente cosmo-psico-bio-antropossocial (CARVALHO E.A., 2003.).

Na direção desta visão integral de ciência que supera um padrão de pensamento fragmentador do conhecimento, vemos um processo de consolidação desta perspectiva. Assim, temos a epistemologia da complexidade (MORIN, 2005.) inserida na ordem da razão concebida como racionalidade, mas recusando todos os excessos saídos da racionalização, aceitando a contradição, a incerteza, o imprevisível e o não-saber a respeito de alguns aspectos da vida. E isto em nada nega uma concepção dialética da história, nem se confunde com a falta de projeto político civilizatório da chamada pós-modernidade, trata-se, substantivamente, de uma reforma do pensamento a ser estendida a todos os

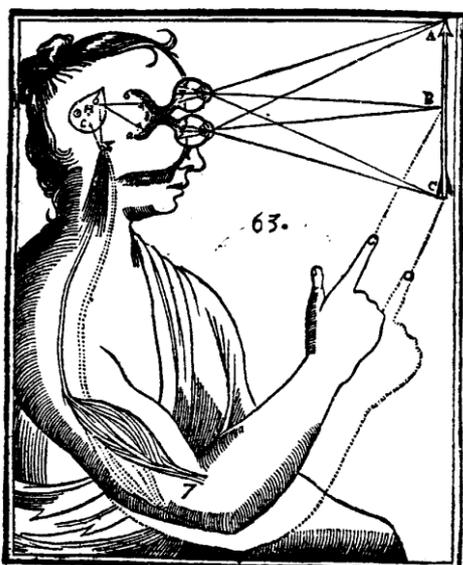
campos da cultura (CARVALHO E.A., 2003). Encontramo-la, também, no princípio dialógico da pedagogia de Paulo Freire e na pesquisa-ação existencial de René Barbier, de abordagem multirreferencial e resultante de uma “escuta sensível” que envolve a “meditação” (KRISHNAMURTI, 1960.) e o imaginário da “vida simbólica” da psicoterapia de Carl Gustav Jung.

No tocante à “meditação”, hoje, os estudos de integração psicofísica e pesquisas envolvendo práticas de meditação, sustentam o destaque a sua importância dado por René Barbier no processo educativo. Por exemplo, os estudos que vem sendo realizados pelo Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo – USP sobre a glândula pineal ou epífise (OLIVEIRA, 1998.) que exerce importante função na regulação dos ciclos circadianos, sendo um órgão cronobiológico de senso-percepção, sensível a luz através da retina, é a única estrutura do corpo capaz de se relacionar e captar informações da quarta dimensão, o espaço-tempo propugnado por



**Figura 08:** anatomia cerebral indicando a glândula pineal. Fonte: <http://www.med-health.net/Pineal-Gland-Calcification.html>

Einstein com a teoria da relatividade. Ela nos conecta com a biosfera fazendo com que respondamos de forma uniforme e coordenada referentemente as



**Figura 09:** Ilustração do livro “De Homine” - 1662 de René Descartes (1596-1650), publicação *post mortem*.

transformações astrofísicas, colocando-nos em sincronidade rítmica com a natureza, possuindo cada espécie seus ritmos específicos. Esta glândula capta magnetismo e o transforma em informações neuroquímicas. Os hindus há quase quatro milênios já a tratavam como uma “antena” e René Descartes há quase quatro séculos dizia que se tratava do ponto onde a “alma” se liga ao corpo.

Com o avanço das pesquisas sobre a glândula pineal surgem novos conceitos para ajudar-nos a compreender nossos “sentidos”<sup>16</sup> tão rejeitados pela objetividade racionalista, demonstrando que a anatomia corporal vai além do que nossos olhos podem ver, comprovando os centro de inteligência corporal – os *chakras* – de origem indiana - curiosamente similar ao *ayvú* – “corposom do ser” da compreensão do povo Guarani (JECUPÉ, 1998) - e os corpos sutis (**imagem ao lado**). E de forma heurística passa a considerar a hipótese de que a “consciência” encontra-se fora do corpo. A mente neste caso não gera o pensamento, ela é um instrumento pelo qual a consciência se manifestaria. Estas ideias podem à primeira vista parecer “loucura”, mas, hoje, a atividade “mediúcnica” é estudada do ponto de vista médico<sup>17</sup>.

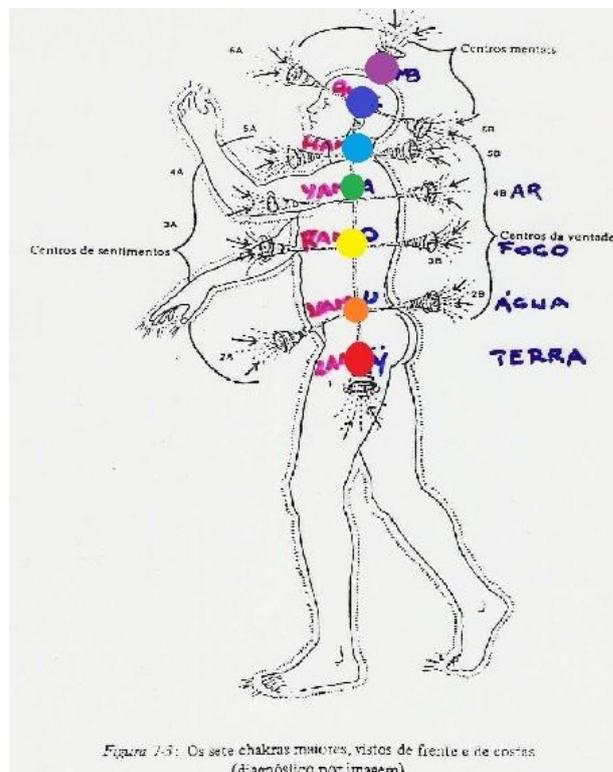


Figura 10: CHAKRAS – Centros de Inteligência e AYVÚ – O Corpo-Som do Ser (In: ANGELIM, 2008b.)

<sup>16</sup> Atualmente a medicina reconhece 23 órgãos do sentido e ainda temos muito a conhecer do nosso universo perceptivo. (JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa; CARNEIRO, José. Histologia Básica. 2008.)

<sup>17</sup> Curiosamente Friedrich Engels (1979a) em “A Dialética da Natureza” realizou, ceticamente, estudos experimentais neste sentido, descritos no apêndice II “A Investigação Científica no Mundo dos Espíritos”. Foram realizados estudos empíricos com um grupo de *médiuns* adeptos do espiritismo envolvendo a hipnose, a fotografia e a aplicação de eletricidade. Dentre estes *médiuns* encontravam-se os cientistas ingleses Alfred Russel Wallace (1823-1913) que simultaneamente a Darwin estabeleceu a teoria da evolução das espécies e; William Crookes (1832-1919), o descobridor do elemento químico “tálio” e inventor do radiômetro “moinho de luz”. Relata a preocupação de academias europeias com o estudo dos fenômenos espiritistas e nas páginas 235-237 conta incrédulo sobre os estudos do alemão, Johann Karl Friedrich (1834-1882), do problema da “quarta dimensão” do espaço, em que este pesquisador alegou ter sido a ele, esta compreensão, revelada e sentida em sessão espiritual. Engels negou tanto as “evidências” espirituais, quanto à proposição à época da “quarta dimensão”, alegando tratar-se de misticismo em detrimento à ciência, desprezo pela teoria, ao empirismo e a dialética, que conduziria o pensamento ao erro, para sua forma naturalista e supersticiosa. Hoje a “quarta dimensão” é factual e certos são os desdobramentos que os conhecimentos das “ciências naturais” exercem sobre as “ciências humanas”, assim mesmo defendia Engels pelo materialismo histórico dialético. Ele não pôde ver o que viria a se tornar realidade com a teoria da relatividade que impôs a modificação de todo o referencial

A Décima Revisão de Classificação Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados à Saúde (CID-10)<sup>18</sup> da Organização Mundial da Saúde – OMS, concebe como consenso das Nações Unidas os critérios de qualidade de vida sob os aspectos: biológicos, psicológicos, sociais e **espirituais**. O capítulo “V” do CID-10 que trata de transtornos mentais e comportamentais, no item F44.3, reconhece o estado de “transe” e “obsessão”, sem diagnosticá-lo necessariamente como patológico, tornando a espiritualidade um campo aberto à pesquisa científica, pois esta não fechou sua compreensão a este respeito (OMS, 2008).

O Centro de Desenvolvimento de Educação Médica da Faculdade de Medicina da USP desenvolve estudos neste sentido. É ofertada nesta faculdade a disciplina “medicina e espiritualidade” de responsabilidade do médico Sérgio Felipe de Oliveira, mestre em ciências pelo Instituto de Ciências Biomédicas desta universidade. Este professor indica que a espiritualidade em medicina é objeto de estudo em mais de dois terços das Faculdades de Medicina dos Estados Unidos, sendo este movimento acompanhado por universidades do Canadá e da Europa<sup>19</sup>.

E para dar desfecho aos exemplos destacados aqui de uma perspectiva integral da ciência, em complementaridade com as tradições, salvaguardada suas diferenças fundamentais, a obra do físico austríaco, Fritjof Capra, “O TAO da Física”, a que nos referenciamos assertivamente durante a exposição das ideias aqui propostas e consideradas. Nela o autor traça um paralelo entre a Física moderna e a filosofia das tradições místicas do Oriente, a partir da fascinante aproximação do pensamento filosófico contemporâneo com a filosofia oriental, sobretudo nos seus aspectos dialéticos, explorando a relação entre os conceitos da Física moderna e as ideias básicas existentes nestas tradições. Muito embora,

---

utilizado para descrever a natureza pela Física Clássica (mecânica newtoniana do universo) em que se apoiou toda a ciência, pondo em questão o fundamento do conceito da realidade da matéria.

<sup>18</sup> Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo/Organização Mundial de Saúde/Organização Pan-Americana de Saúde. 2008. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>. Acessado em: 20/06/2014.

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www2.fm.usp.br/cedem/simposio/simp5.php>. Acessado em: 20/06/2014.

seja bastante difícil superar o hiato entre o pensamento analítico, racional e a experiência meditativa da verdade mística.

O argumento central do autor está em que a Física moderna leva-nos a uma visão do mundo bastante similar às visões adotadas pelos místicos de todas as épocas e tradições. A Física moderna, desta forma, desafia o mito de uma ciência livre de valores, questionando radicalmente o ideal clássico de objetividade científica, sugerindo que a Física moderna ultrapassa a tecnologia podendo ser um caminho que nos conduza ao conhecimento espiritual e à auto-realização.

É incrível a compreensão da emergência da Física Moderna em harmonia com a antiga sabedoria oriental, em que esta proporciona, segundo Capra, a mais consistente base filosófica às modernas teorias científicas acerca do mundo físico. Ressalta que estes paralelos ao misticismo oriental estão aparecendo não apenas na Física, mas também na Biologia, na Psicologia e em outras ciências, e por isto seu valor no campo da Educação.

Compreender isto significa uma verdadeira reviravolta no modo de pensar ocidental. É ter que fazer nosso conhecimento racional, do reino do intelecto, aceitar o fato de que estas filosofias puderam milênios antes da Física Moderna, alcançar, através da observação “meditativa”, *insights* intuitivos a respeito da natureza das coisas. A meditação compreendida como técnica, como preparação da mente para uma consciência constante, que parece consistir no silenciar da mente pensante e na transferência da consciência do modo racional para o intuitivo. Esta passagem do intelecto à intuição já era sinalizada como importante referencial para a pesquisa em educação no próprio Programa de Pós-Graduação em Educação desta universidade há quase três décadas, no trabalho da professora Maria Luiza Pereira Angelim, “Educar é descobrir” (1988).

Quanto à questão lançada sobre o alcance da ciência a uma “realidade última” ou à “totalidade do cosmo”. Capra nos diz que o reino da ciência é, naturalmente, o reino do conhecimento racional que mede, quantifica, classifica e analisa, mas que as limitações deste conhecimento tem se mostrado cada vez mais evidentes na ciência moderna. E que a “realidade última” não pode ser

objeto de raciocínio ou de conhecimento demonstrável, estando além do reino do intelecto.

O conhecimento absoluto é, pois, uma experiência da realidade inteiramente não intelectual, uma experiência nascida de um estado de consciência não usual que pode ser denominado “de meditação” ou estado místico. (CAPRA, 1983. p. 31.)



Figura 11: “Meditação”. Fonte: Google imagens (2014).

Levando em conta que a existência desse estado não tem sido testemunhada apenas por numerosos místicos orientais e ocidentais, mas que tem aparecido igualmente na pesquisa psicológica, entre outras como as que apresentamos aqui.

Neste texto buscamos considerar o valor e o potencial da ciência problematizando aspectos críticos referentes ao cientificismo e ao racionalismo, pois diante da capacidade de racionalização e eficiência do gênio humano, estes podem passar “despercebidos” em virtude da persuasiva ideologia do poder científico, afinal, e incontestavelmente, este adquiriu papel fundamental na vida da humanidade ao proporcionar progressos incríveis (por exemplo, a cura de diversas doenças ou ao realizar a proeza de enviar seres humanos ao espaço).

Apoiando-se na emergência de um novo “paradigma” na ciência, fundado na dialogia do conhecimento, e ao colocar a questão do alcance da ciência diante da “totalidade do cosmo”, correu-se o risco de induzir (ou viciados estamos em nossa interpretação) que esta discussão está deslocada ou distante demais da “vida real”, da “vida concreta”. No entanto, a reflexão da consciência “cósmica” liga-se, indissociável, às formas de consciência “telúrica”, “ecológica” e “antropo-social” na unidualidade do homem, um ser físico e meta-físico, natural e meta-natural, cultural e meta-cultural (CARVALHO E.A., 2003.). E aos que, ainda sim, possam se furtar ao pensamento e sentimento cósmico devido à incerteza destes, não perceberão que estes tratam de um amplo projeto de regeneração cognitiva da ciência do homem, e se furtarão também, a reconhecer que a cultura conterà

sempre resíduos impenetráveis, zonas obscuras, enigmas, nos quais a ciência, qualquer que seja ela, jamais penetrará (Idem. 2003.).

Todas estas ideias que são contra-hegemônicas na academia, embora indiscutível seja o caráter científico destas, são marginalizadas por toda sorte de preconceitos. Cabe registrar que o encontro por parte do pesquisador com estas ideias ocorreu, principalmente, no ambiente da Universidade de Brasília/UnB e por intermédio desta. São louváveis as iniciativas do Departamento de Antropologia – DAN/UnB, com o projeto e disciplina de graduação “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais”, coordenados pelo professor José Jorge de Carvalho; os grupos de Yoga vinculados ao Decanato de Extensão e ao Centro Olímpico da Faculdade de Educação Física -CO/FEF/UnB; o projeto de extensão MOVIMENTO ligado a esta faculdade e coordenado pelo professor Marcelo de Brito, conhecido por Dhyán Kapish, que une práticas e sabedorias orientais aos conhecimentos da Educação Física; à Faculdade de Educação – FE/UnB pela experiência com o Movimento Vital Expressivo *Río Abierto*, com o projeto “Água como Matriz Ecopedagógica” coordenado pela professora Vera Margarida L. Catalão e a disciplina “Educação de Adultos” ofertada pela professora Maria Luiza Pinho Pereira (Angelim); o Núcleo da Agenda Ambiental - NAA da Universidade de Brasília/UnB; assim como o projeto “Conexões de Saberes” entre tantas outras iniciativas dentro da UnB.

Muito importante, também, foi o contato com a Sociedade *Vipassana* do Planalto Central, organização dedicada à prática e aos ensinamentos da meditação *Vipassana*, também chamada de “meditação da plena atenção”, baseada em ensinamentos budistas *Theravada* de ética, concentração e sabedoria. O contato com os estudantes indígenas da UnB; com a Comunidade Indígena Fulni-o Tapuya do “Santuário dos Pajés” (Brasília-DF); com os indígenas das etnias Kalapalo, Xavante e Kamaiurá (Mato Grosso-MT) e com o povo Ashaninka (Acre-AC) de cultura ayuasqueira, profundos conhecedores da medicina da floresta. O contato com a prelazia de São Félix do Araguaia – MT, importante referência da Teologia da Libertação, e com a Comunidade Quilombola Mesquita com o Culto ao Divino Espírito Santo. Todas estas

experiências, para o pesquisador, enraízam-no no solo e na cultura brasileira em contato com as demais culturas universais dos povos deste planeta.

Por fim, registrar que este trabalho como parte do processo formativo do pesquisador, integra de forma fundamental sua aventura em direção ao seu “Si”, em intersubjetividade, pois transformar o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo como afirmou Gramsci (1987). A sentença tão professada pelos sábios, “conhece-te a ti mesmo”, é condição para participação ativa na história, tarefa e desafio permanente.

Quanto à luta de classes e a espiritualidade, uma não exclui a outra, senão, ao contrário, fortalecem-se mutuamente. A primeira pode até se negar a condição espiritual do homem, mas a última se verdadeira, jamais poderá negar a justiça e liberdade que são os objetivos desta luta pela emancipação humana, pois também são os seus. A tristeza e a indignidade a que são submetidos os homens pelas relações sociais de dominação, não são apenas “condições materiais”, são, também, “estado de espírito”, como o é a avidez humana por possuir e dominar.

A luta por emancipação é a luta pela felicidade e dignidade humana, pois estas não podem ser compradas e nem estão à venda nos supermercados, imobiliárias ou concessionárias de automóveis. Encontram-se fundamentalmente dentro de cada um (no universo interior em sentimento de ligação com tudo que existe). E é com a Luz do Amor e da Inteligência que venceremos esta guerra, pois se aceitarmos o que o mestre Paulo Freire diz: que ao oprimido não cabe ocupar o lugar do opressor, pois deverá ele libertar a si e ao seu opressor. Grande será a lição de Amor que os oprimidos darão a humanidade ao desabarem dos palácios de cada coração toda a farsa, todo o ódio e todo egoísmo. O esplendor da humanidade se erguerá em uma nova sociedade. E isto nos exige imperiosamente algo: trabalhar.

## 2. QUILOMBO MESQUITA: COMPREENSÃO ESPAÇO-TEMPORAL



Figura 01: No Quilombo Mesquita. Fonte: Imagem original Daiane Souza Alves (2006), adaptada por Wesley da Silva Oliveira.

Neste capítulo, apresentamos estudos realizados na busca de situarmos nossa **vivência** através da compreensão das relações espaço-temporais da Comunidade Quilombola Mesquita – GO e alguns elementos importantes de sua organização cultural. Nossas investigações se dirigem ao histórico de povoação do Goiás, do Planalto Central e da Região Metropolitana de Brasília e a origem da presença Africana no Brasil tendo em vista a compreensão do processo de formação e significação dos Quilombos.

### 2.1. Compreensões históricas: quilombos, escravidão e resistência negra

Como ponto de partida, antes de passarmos a algumas especificidades desta comunidade, devemos compreender “o quilombo” dentro de um movimento histórico maior que foi a “diáspora africana” e a escravidão no Brasil, esta que foi uma das maiores tragédias da história da humanidade (MUNANGA, K. & GOMES, N. L. 2008; ANJOS, R. S. A. 2004, 2008, 2010.).

A partir disto, podemos ter consciência dos significados da presença dos africanos no Brasil que são decisivamente responsáveis por contribuições de ordem econômica, demográfica e cultural na construção de nosso país. E desmistificando a “crença” de que o africano escravizado sofreu de maneira passiva, pois onde houve escravidão havia negros lutando e se organizando contra a desumanização a que eram submetidos.

Esta visão mistificada do negro está marcada pelo racismo e pela ignorância da sociedade brasileira, inclusive da intelectualidade, dos processos de organização e lutas políticas dos negros durante o regime escravista e dos “movimentos negros” desde os primeiros anos da República à atualidade, que se assenta ainda na falta de pesquisas e livros que recontem a história do negro brasileiro como sujeito ativo e não como uma mera vítima da escravidão. Embora, avanços significativos ocorreram nos últimos 13 anos com a forte inserção desta problemática no âmbito do Governo Federal e de suas políticas (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI/MEC, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR, Fundação Cultural Palmares - FCP, etc.), como pela participação dos movimentos sociais relacionados.

É neste contexto de lutas que surgiram os milhares de “quilombos” nas Américas e de forma quase generalizada no Brasil. Hoje representados, segundo, o Centro de Cartografia Aplicada e Informações Geográficas da Universidade de Brasília (CIGA/UnB) e a Fundação Cultural Palmares (FCP/MinC), por cerca de 5.000 comunidades quilombolas em todo o Brasil.

No Estado de Goiás situa-se o maior quilombo do Brasil, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural *Kalunga* formado por 20 comunidades dentre as cerca de 30 identificadas em todo o Estado. **(Ver anexo imagens 01 e 02)**

Com a Constituição Federal de 1988, no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT/CF) estas comunidades conquistaram o direito à propriedade definitiva de seus territórios. No entanto, a primeira titulação de terras ocorreu sete anos após a promulgação da Constituição e até 2012, no

segundo ano do Governo Dilma Rousseff, apenas 193 comunidades foram tituladas.

As principais conquistas deste grupo étnico nos últimos anos foram o direito à “autoatribuição” enquanto quilombolas com o Decreto 4.887/2003, em consonância com a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre povos indígenas e tribais e o Programa Brasil Quilombola, criado pelo Decreto nº 6.261/2007, ligado à Presidência da República, que prevê em caráter interministerial a Agenda Social Quilombola. Entretanto, os resultados são tímidos e o Decreto 4.887/2003 encontra-se sob júdice desde 2004, pela Ação Direta de Inconstitucionalidade protocolada no Supremo Tribunal Federal – STF pelo Partido Democratas – DEM.

A Comunidade Quilombola Mesquita desde 2006 é devidamente reconhecida pela Fundação Cultural Palmares – Ministério da Cultura. Atualmente tramita no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA o Processo Administrativo nº 54700.001261/2006-82, que trata da regularização fundiária das terras da COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS MESQUITA, tendo sido publicado no Diário Oficial da União – DOU, em 29 de agosto de 2011, página 106, o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID.



Figura 02: Anciões quilombolas recebem titulação de autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares, 2006. Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Mesquita>

A área delimitada corresponde a 4.292,8259ha (quatro mil duzentos e noventa e dois hectares, oitenta e dois ares e cinquenta e nove centiares), pequena em comparação com a área originalmente ocupada. **(Ver anexo imagens 03, 04 e 05)**

Sua representação política neste processo é assegurada pela ASSOCIAÇÃO RENOVADORA DO QUILOMBO MESQUITA - ARENQUIM, fundada em 2003, que empreende esforços no processo de afirmação identitária da comunidade, de valorização dos agricultores, na luta pela adequação da escola à realidade quilombola, na realização de intercâmbio com outros quilombos e buscando garantir a efetivação de políticas públicas junto às instâncias governamentais municipais, estaduais e federais.



Figura 03: Logotipo da Associação. Fonte: ARENQUIM.

## 2.2. Quilombo Mesquita - Localização e histórico

O Quilombo Mesquita situa-se, hoje, na zona rural do Município de Cidade Ocidental-GO, localizado na região Leste de Goiás, na microrregião do Entorno Sul do Distrito Federal, região metropolitana de Brasília, compondo a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE **(ver anexo imagem 06)**.

O município construído em 1976 obteve em 1991 sua emancipação política de Luziânia-GO. Deste antigo município tão importante para compreensão histórica e geográfica de Brasília-DF, pois, com a reconfiguração territorial engendrada no Estado de Goiás para a construção da Nova Capital (QUEIROZ, 2007), contribuiu com a constituição do território do Distrito Federal destinando as áreas correspondentes à Brazlândia, Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Gama, Santa Maria, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Núcleo Bandeirante e Lago Sul, tendo as outras áreas do quadrilátero sido formadas por Planaltina de Goiás e

Formosa-GO (CHAUVET, CHAUVET. 2007). Podemos, com isto, perceber a grande dimensão territorial que Luziânia assumia e da qual surgiram também os municípios goianos do Entorno do DF, Águas Lindas de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Novo Gama, Valparaíso de Goiás e o próprio Município de Cidade Ocidental **(ver anexo imagem 07)**.

O território desta comunidade tradicional encontra-se mergulhado em uma das maiores regiões metropolitanas do Brasil, compondo a mais populosa “Rede Integrada de Desenvolvimento” ligada ao Ministério da Integração Nacional com 20 municípios goianos, 03 mineiros e o DF **(Ver no anexo “A” imagem 08)**, tendo que lutar pela manutenção de suas tradições culturais e território, cada vez mais ameaçado pela expansão urbana e a especulação imobiliária, e pela presença de tradicionais latifundiários como do ex-presidente e senador, José Sarney (REVISTA DARCY. UnB Agência. 2ª edição, set-out. 2009.), além de políticos locais presentes em seu território.



**Figura 04:** Benedito Nonato (sentado) e seu filho, João Antônio, exibem fotografia com José Sarney. Fonte: Roberto Fleury - Revista Darcy nº2/UnB/2009.

A região tem suas origens na economia do ouro de Goiás durante os séculos XVIII e XIX, especificamente no planalto aurífero de Santa Luzia (atual Luziânia-GO) que foi um dos julgados mais ricos e populosos da província de Goiás, inserida no que foi a última grande mineração aurífera da história do Brasil, a dos “sertões *Guaiases*” nos séculos XVIII e XIX (BERTRAN. 2000; PALACÍN & MORAES, 1994; INCRA, 2011.) De forma que estes quilombolas ocupam essa região há mais de 200 anos, resultado do regime escravista que movimentou a economia de Santa Luzia.

No entanto, a decadência do ouro definiu a economia da região afetando profundamente a sociedade goiana, que regressou a uma economia de subsistência e sofreu uma redução demográfica significativa.

Em 1804 apenas dois gêneros eram objeto de exportação na capitania: o bom fumo de rolo de Meia Ponte (Pirenópolis) e Corumbá e desde então a famosa **marmelada de Santa Luzia (...)** expressão de toda a riqueza a que se resumia agora Santa Luzia (BERTRAN, 2000, p. 185. Grifo nosso.).

A região também era conhecida por Santa Luzia das marmeladas, onde ainda hoje tem doce produzido pelos quilombolas de Mesquita, sendo importante símbolo da comunidade e do Município de Cidade Ocidental.

Com o referido declínio da mineração, muitos senhores abandonaram suas terras em Goiás e junto à escassa base documental das fazendas goianas tornaram estas terras as mais desvalorizadas do país ao lado do Estado do Acre até os princípios do século XX (BERTRAN, 2000.).

Seguindo a isso, o mito fundador amplamente difundido pela comunidade é o de que três negras libertas receberam as terras de um antigo senhor “Mesquita”. Este mito é evidenciado pelas pesquisas históricas da região, sendo a versão prevalecente (BERTRAN, 2000; INCRA; 2011.). Coincidente com o número de matriarcas fundadoras da comunidade é o das famílias originárias do Quilombo: Pereira Braga, Lisboa da Costa e Teixeira Magalhães, que se unem por parentesco.

As áreas tradicionalmente ocupadas pelos quilombolas se estendiam pelos municípios goianos do Entorno Sul de Brasília sendo eles: Luziânia, Cidade Ocidental, Valparaíso de Goiás, Novo Gama e também na Região Administrativa de Santa Maria-DF, em que a Terracap – Companhia Imobiliária de Brasília - Empresa Pública do Distrito Federal, responde judicialmente ao pagamento de indenização às famílias quilombolas.

O Governo do Distrito Federal, a partir de pesquisas empreendidas pelo Arquivo Público - ArPDF, reconhece a participação do Quilombo Mesquita na Construção de Brasília. Estas pesquisas indicam a contribuição deste povo no fornecimento de alimentos para as levas de trabalhadores que chegavam de diversas regiões do país e na construção das primeiras obras da Nova Capital,

conhecidas como “Brasília de madeira”: Palácio do Catetinho, as cantinas na Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante) e o antigo hospital de Brasília na “Vila IAPI” (atual Museu Vivo da Memória Candanga).

Em abril de 2012, no cinquentenário da Capital Federal, o Quilombo Mesquita foi homenageado na figura do Sr. Sinfrônio Lisboa da Costa, pelo Governador Agnelo Queiroz e Vice-governador Tadeu Filipelli na reinauguração do Palácio do Catetinho. Reconhecimentos como este tem a importância de dar visibilidade à história do Quilombo Mesquita que perpassa o Brasil Colônia, Império e Republicano, não estando retida ao período da escravidão.



**Figura 05: GDF homenagea quilombolas de Mesquita** - Governador Agnelo Queiroz cumprimenta o pioneiro Sr. Sinfrônio Lisboa da Costa no Catetinho, palácio que ajudou a construir. Ao centro Sandra Pereira Braga líder quilombola de Mesquita. Fonte: Fundação Cultural Palmares. 2012.

Oriundo do ciclo do ouro no século XVIII, o Quilombo Mesquita vivenciou o declínio da mineração, o isolamento geográfico, a baixa densidade demográfica e a economia de subsistência características da economia goiana no século XIX (BERTRAN, 2000; PALACÍN, MORAES, 1994), sendo partícipe de outros fatos importantes como a presença da Missão *Crulls* em 1893 em seu território. No século XX sentiram o fortalecimento da presença do Estado na Era Vargas, se depararam com a Coluna Siqueira Campos em 1927 (BORGES, 1989.), e com a presença de Juscelino Kubitschek para a construção de Brasília entre 1956 e 1960 (ALVES, 2012.). Atingidos pela a expansão urbana da região que, a partir da

década de 1970, impusera um processo de desterritorialização (MACHADO, 2011.) e desagregação étnica, sendo os primeiros anos do século XXI marcados por sua luta de resistência e de projeto identitário e territorial.

### 2.3. Elementos da organização sócio-cultural

#### 2.3.1. Agricultura familiar

Esta é uma matriz econômica do quilombo. São produzidas culturas de marmelo, goiaba, laranja, mexerica, jabuticaba, pequi, cana-de-açúcar, milho, mandioca. A localidade possui forte produção de hortaliças e fabricação artesanal de doces de marmelo e goiaba, rapadura, pães e biscoitos. Estas produções são vendidas nas feiras e comércios da Cidade Ocidental e Luziânia.



**Figura 06: Agricultura familiar** - À direita casal de produtores de marmelo, “Seu” João de Dito e Dona Pita; à esquerda um de seus netos. Fonte: <https://www.facebook.com/quilombo.mesquita.904/photos> (acessado em 22/08/2018).

No entanto, esta importante veia econômica que expressa sua origem cultural camponesa, vem, há décadas, perdendo sistematicamente espaço para os latifundiários que mecanizam o trabalho do campo, investem em monoculturas e exploram o trabalho deste povo. Esta dinâmica, junto ao adensamento urbano da região e o crescimento populacional da comunidade gera um “distanciamento” da terra e do trabalho camponês.

Quanto à organização social do trabalho na comunidade, as fontes escritas aliadas as fontes orais evidenciam que até a primeira metade do século XX os

quilombolas de Mesquita organizavam-se numa economia de subsistência, possuindo criações de animais e roçados, de base familiar e com vínculos de reciprocidade.

Havia trocas de bens e serviços sem intermédio da moeda, como relatam os mais velhos a respeito da realização de “muxirão” e “treição”. O primeiro, ocorrendo mediante convite com data marcada para roçar ou construir, e, o segundo, realizado como surpresa ao beneficiado, chegando-se de madrugada à porta entoando cânticos, costume chamado de “pagodão”.

Apesar de possuírem roçados e criações, muitos perderam terras principalmente por questões relacionadas a roubos, documentos e má administração. No entanto, alguns quilombolas (Aleixo Pereira Braga, Jonas, Malaquias e Etelvino.) mantiveram propriedades e realizaram benfeitorias que beneficiaram herdeiros. Dentre estes últimos encontram-se os que quiseram/querem manter o território tradicional e os que cederam aos apelos do valor especulativo da terra.

Neste período a que fazemos referência, as fazendas da região (Barreiros, Água Quente, Xavier e Mesquita – **ver anexo imagem 07**) produziam principalmente, milho, arroz, feijão e criação suína, além do açúcar de forma (mascavo) para produção de marmelada. Diante do difícil processo de produção do açúcar, passaram a comprar nos mercados de Luziânia o que encareceu e declinou a produção em escala do doce de marmelo.

A sistemática ocupação de grileiros e posseiros de terras na fazenda Mesquita, esta pertencente aos quilombolas, pressionavam-os a trabalharem nas grandes fazendas como “meeiros” - entregando  $\frac{1}{2}$  da produção - e aqueles que nada possuíam ou tudo perderam, restava tornar-se “agregados” nas fazendas - morando sem direito a quintal e trabalhando na “meia”. Constituindo como única alternativa trabalhar na “empreitada” - vender a força de trabalho na capina, roçado, plantação e poda.

A partir da segunda metade do século XX com a construção de Brasília e região, parte significativa da comunidade passou a deslocar-se diariamente para Brasília, Cidade Ocidental e Luziânia para trabalhar e para dar continuidade aos

estudos. Isto resultou em processos de “aculturação” de membros comunitários, com o abandono ou a perda de uma série de referências e práticas culturais que são, de alguma forma, inferiorizadas diante dos signos da “modernidade” e do “progresso”. Sendo forte a supervalorização do espaço urbano diante do rural, embora venha, ultimamente, se fortalecendo um “êxodo consciente”. Esta questão repercute profundamente na cultura e organização social comunitária.

Entretanto, os trabalhadores rurais são reanimados com a implantação no ano de 2012 do Plano de Aquisição de Alimentos – PAA, do Ministério do Desenvolvimento Social – MDS e da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, em que o Estado compra 30% da produção dos agricultores familiares para oferta de merenda escolar e atendimento às instituições sociais.

Hoje parte da produção da agricultura familiar do Quilombo é comprada pelo Estado e ofertada à própria comunidade pela cota pertencente à sua Associação de Moradores, atendendo aos que pouco ou nada produzem e abastece a merenda escolar local, um avanço significativo na economia da comunidade.

### 2.3.2 A religiosidade

Esta é uma marca da comunidade de forte expressão do catolicismo popular com as “Folias” e os “Festejos”. Ao longo do ano a comunidade se mobiliza na realização de grandes eventos religiosos: a “Folia de São Sebastião” em janeiro; a “Festa do Marmelo” em fevereiro; a “Folia do Divino Espírito Santo” em maio; a “Folia de Nossa Senhora D’Abadia”, padroeira da comunidade, em agosto; e a “Folia de Nossa Senhora Aparecida” em outubro.

Estas demonstram o sentimento gregário, de comunidade, que produzia



Figura 07: Imagem de N. Sra. da Abadia.

uma economia assentada na reciprocidade, onde há trocas de “bens” sem a intermediação de dinheiro, a exemplo dos “mutirões” e “treições” relatados.

A partir das contribuições de Agostinho da Silva (1967), Carlos Rodrigues Brandão (1981) e Graça Veloso (2009) sobre o Culto ao Divino Espírito Santo e as Folias de origem portuguesa no Brasil, pudemos compreender melhor o sentido destas manifestações no seio da comunidade.

Dada a “reflexividade” da pesquisa, o contato com os estudos sobre o “Culto do Divino” e a participação neste, propiciou ao pesquisador uma ressignificação desta herança de matriz lusitana ao povo brasileiro, que representa “Tempo de Ser Livre” e seus sentidos podem objetivamente ser descritos por “dar, receber e retribuir”, o que proporcionou novos significados e sentidos à sua visão teológica, filosófica e espiritual em sua relação com o “sagrado”.

No trabalho anterior adentramos na abordagem deste culto e suas formas de expressão no Quilombo Mesquita com a tradição da “dança do catira” e a musicalidade dos “sarcedotes de viola”.

A comunidade que é convencionalmente católica, conta com um grupo numeroso de adeptos ao protestantismo. É possível identificar o sincretismo religioso com cultos de origem africana, embora o preconceito e discriminação os tornem marginais mesmo em um território tradicional. Isto constitui um desafio para a comunidade no desenvolvimento de relações de respeito à liberdade religiosa e de auto-afirmação de sua identidade, pois a prática religiosa de origem afro é mantida de forma quase “sigilosa”, apenas após 04 de pesquisa nos foi diretamente indicado um local destinada a este culto.

As imagens a seguir (figuras 08 a 11 da página 62) demonstram a diversidade de templos religiosos presentes atualmente em seu território e como é possível identificar como a prática religiosa de matriz africana é alvo de auto-discriminação a medida que a simbologia afro não ocupa o mesmo espaço físico que o dedicado a simbologia cristã. No cemitério familiar dos Pereira Braga os vestígios de culto afro não chegam a passar da porta de entrada (figuras 12 e 13 da página 63).



Figura 08 - Capela N. Srª da Abadia



Imagem 10 - Vale do Amanhecer.



Figura 09 - Igreja evangélica – Congregação Cristã no Brasil.



Imagem 11 - Grupo xamânico - Aldeia Amor Lakota.

Figuras 08 a 11. Fonte: Wesley da Silva Oliveira, dezembro de 2014.



**Figura 12 - Cemitério da família Pereira Braga.** Fonte: Wesley da Silva Oliveira, dezembro de 2014.



**Figura 13 - A matriz religiosa africana e o preconceito.** Vestígios de cultos afro não passam da porta do cemitério evidenciado a discriminação, expressa também num processo de autodiscriminação. Fonte: Wesley da Silva Oliveira, dezembro de 2014.

### 2.3.3. A escola

A única escola presente no quilombo – ALEIXO PEREIRA BRAGA I – oferta o ensino fundamental de 1º ao 9º ano. Ela tem buscado assumir projetos de afirmação da identidade camponesa e quilombola da comunidade, que se expressa a partir de 2011 em seu Projeto Político Pedagógico - PPP. No entanto, enfrenta contradições neste processo devido à falta de referências, e dificuldades diante dos conflitos políticos, dado a orientação política dos representantes municipais, contrários à luta quilombola.

Este é um espaço fundamental na comunidade e havíamos intencionado nos envolver mais diretamente com o espaço escolar, mas os conflitos estabelecidos neste com a intervenção da direção escolar, alheia a comunidade e subordinada aos interesses dos gestores municipais, por ser este cargo ocupado por indicação da Secretaria Municipal de Educação, nos dificultou tal intervenção.

A luta da ARENQUIM é para que escola assuma a identidade quilombola e seja dirigida por professores quilombolas. Estes que representam a maioria do quadro docente. Em 2011 chegavam a 70% do quadro, como indicamos anteriormente. Neste mesmo ano fomos “convidados” pela direção a nos retirar da escola durante a realização do estágio supervisionado por “ordens superiores”, logo após nossa participação na 2ª Conferência Municipal de Educação - CME, onde apresentamos posições de respaldo à luta quilombola.

Entre 2012 e 2013, na passagem de governos, professoras quilombolas conseguiram ocupar a direção, mas logo a Secretaria Municipal de Educação alterou o quadro de profissionais de acordo com a conveniência de seus interesses. Embora haja mobilização dos professores em torno da temática étnico-racial, há “receios” políticos diante da hierarquia escolar e do sistema municipal de ensino. O conselho escolar, embora eleito, é burocrático e não cumpre seu papel mobilizador.

No ano de 2014 a ARENQUIM avançou seu diálogo com a escola exigindo que seu PPP e o Plano Municipal de Educação - PME assumam a identidade quilombola, no que indicamos como orientação as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

No trabalho de graduação analisamos as iniciativas encampadas na escola pelos professores para o fortalecimento da identidade da comunidade no Projeto Político Pedagógico, como as “feiras culturais” e abordamos a história da escola na comunidade a partir de fontes orais.



**Figura 14:** “Seu” José Coutinho, artesão, homenageado pela escola na “Feira Cultural” em 2012. Fonte: Wesley da Silva Oliveira.

#### 2.3.4. Arquitetura e organização espacial

O Quilombo Mesquita guarda expressões do passado colonial na região do Planalto Central. Encontramos antigos “casarões” construídos com “adobe” e “madeiras de lei”, representações da simplicidade do barroco goiano. Há alguns destes muito bem conservados e até restaurados, mas em propriedade de não quilombolas.

Tais propriedades, além do traço arquitetônico, proporcionam interpretações históricas, demonstrando quais propriedades serviram como

residência de antigos senhores de engenho. Algumas, segundo relatos da própria comunidade, guardam o “tronco” utilizado para os castigos aos negros escravizados, embora até o momento não nos tenha sido confirmado. Atualmente as novas construções são feitas em alvenaria, mas em quase todas as casas



**Figura 15: Sede da Fazenda Água Quente**, em posse do ex-presidente e senador José Sarney. Fonte: Sandra Pereira Braga (In: INCRA, 2011).

podemos encontrar fogões à lenha, pequenas hortas e criação de animais.

A maior parte do povoado vive em chácaras relativamente isoladas, circunscritas a uma vizinhança de origem familiar, gerando alguns núcleos populacionais. O mais antigo deles se configura como uma vila na região central do povoado, onde se encontram a antiga capela de Nossa Senhora da Abadia, construída pelos próprios moradores na década de 1960.

A vila provém do fracionamento das terras em virtude de heranças, formada por casas avizinhas que se apresentam com a feição de um pequeno núcleo “urbano” e periférico, principalmente pela aproximação das casas, pela “pavimentação asfáltica” de suas duas ruas e por estar à beira da rodovia que

cruza o território quilombola ao meio, ligando Cidade Ocidental ao Jardim ABC e ao Distrito Federal **(ver anexo imagem 07)**.

Praticamente toda a comunidade tem seu abastecimento de água garantido pelos inúmeros “regos d’água” feitos há tanto tempo que não encontramos ninguém que pudesse relatar a sua construção, “cortando” a comunidade e levando água dos rios, córregos e nascentes para as casas e plantações. Suspeitamos que a construção destes “regos d’água” tenha relação com a construção do famoso “rego das cabaças”, construído no século XVIII pelos negros escravizados, para levar água do ribeirão Saia Velha ao centro de Santa Luzia (Luziânia) por uma distância de 40 km, para a lavagem do ouro no rio Vermelho (BERTRAN, 2000.).



**Figura 16: Bancário do Córrego Maria Pereira - Quilombo Mesquita.** Fonte: Sandra Pereira Braga (In: INCRA, 2011).

#### **2.4. Projetos comunitários**

Atualmente no Quilombo Mesquita existem três projetos desenvolvidos no âmbito da ARENQUIM. Estes são: o projeto “Som de Quilombo”; o “Viveiro de

Mudas Comunitário” e; o “Espaço de Memória”. Denominamos projetos, visto que são ações destinadas a determinados fins de mobilização e conscientização da comunidade, referentes à luta identitária e territorial. Eles se desenvolvem mediante articulação da ARENQUIM com fundações públicas, Movimentos Sociais e Populares e parceiros/militantes quilombolas e não quilombolas.

Além do desenvolvimento destes projetos a ARENQUIM tem sua atuação pautada na preservação do patrimônio histórico da comunidade, participando ativamente da organização das principais manifestações culturais do quilombo (as Folias e os Festejos), recobrando e atribuindo-lhes os sentidos identitários. Assim como assumindo papel diretivo nas principais questões políticas da comunidade e do município como: a formulação do Plano Diretor de Ordenamento Territorial – PDOT; o Plano Municipal de Educação – PME e; o Plano de Regularização Fundiária Municipal - PRFM.

#### 2.4.1.) Projeto “Som de Quilombo”

Este projeto desenvolve trabalhos na Associação Comunitária de inicialização musical de crianças, jovens e adultos, em instrumentos de corda, percussão e canto, com objetivo de relacionar a arte e o pertencimento histórico da comunidade atuando na promoção de eventos culturais comunitários com a intenção de conscientizá-la sobre as problemáticas enfrentadas pelo quilombo.



Figura 17: Projeto “Som de Quilombo” - coordenado por Manuel Barbosa Neres, o segundo em pé da direita para esquerda. Ano 2012. Fonte: [https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Mesquita/242891922469598?sk=photos\\_stream](https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Mesquita/242891922469598?sk=photos_stream)

Este grupo é formado por professores (as), estudantes e agricultores da comunidade que se reúnem semanalmente na sede da ARENQUIM para realização de ensaios musicais. Nestas reuniões elegem temáticas a serem discutidas relacionadas à identidade cultural e as questões socioambientais no território, por exemplo.

#### 2.4.2. Viveiro de mudas comunitário

Compõe o projeto “Rio São Bartolomeu Vivo”, trabalho elaborado e financiado pela Fundação Banco do Brasil - FBB e executado pela “Rede Bartô”, estabelece parceria com a Associação da comunidade, atuando no reflorestamento das matas ciliares de córregos e nascentes da comunidade que confluem para o Rio São Bartolomeu. Este é um espaço de incentivo a produção de mudas de espécies do cerrado (frutíferas e ornamentais) e que vem, aos poucos, sendo utilizado em trabalhos de educação ambiental com os alunos da comunidade para despertar o interesse dos conhecimentos relacionados à lida com a terra e à identidade camponesa;



**Figura 18: Viveiro de mudas comunitário** - membros da Associação de Moradores do Quilombo e do Projeto “São Bartolomeu Vivo” realizando plantio de mudas do cerrado. 2013. Fonte: [https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Mesquita/242891922469598?sk=photos\\_stream](https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Mesquita/242891922469598?sk=photos_stream)

### 2.4.3. Espaço de Memória

Criado em junho/julho de 2013, esta iniciativa da ARENQUIM, converteu a antiga Capela de Nossa Senhora da Abadia, construída pelos quilombolas em 1966, no que chamaram de “espaço de memória”. Lá a Associação criou um acervo memorial reunindo materiais coletados entre as próprias famílias da comunidade, sendo estes: retratos, fotografias novas e antigas, artefatos ancestrais como tachos de cobre utilizados na antiga produção de marmelada, pilões de madeira, artesanato, objetos pessoais de seus antepassados e utensílios domésticos.

Esta iniciativa é dentre as ações da ARENQUIM uma das iniciativas mais contundentes e expressivas de valorização do patrimônio cultural material e imaterial desta comunidade. Tornou-se um dos principais espaços de interlocução



**Figura 19: Projeto Espaço de Memória** - À direita no canto superior visita da Escola Classe 47 da Ceilândia-DF ao “Espaço Memória”, as outras três fotos mostram o interior do espaço e parte de seu acervo. Fonte: <http://escolaclasse47deceilandia.blogspot.com.br/2013/11/visita-ao-quilombo-mesquita.html> (acessado em 20/06/2013)

do quilombo, entre os seus moradores e com o público externo. No período de um ano recebeu visitas de escolas do DF e do Entrono, universidades e faculdades da região, órgãos públicos federais e distritais, e embaixadas de países da América, África, Europa e Ásia. Recebendo também visitas de quilombolas das regiões Norte, Nordeste e Sudeste, servindo de inspiração a outras comunidades no Brasil.

Estes três projetos aqui apresentados (Som de Quilombo, Viveiro de Mudas Comunitário e Espaço de Memória) que desenvolvidos no âmbito da Associação Renovadora do Quilombo Mesquita - ARENQUIM, constituem os sujeitos/coletivos com os quais nos envolvemos no desenvolvimento desta pesquisa e a quem propomos a compreensão de significação praxiológica do movimento político em questão, sob a ótica da educação popular, para afirmarmos nossa experiência coletiva no âmbito deste movimento, enquanto uma prática de educação popular. A partir do que as noções da "metodologia da investigação temática", "ação cultural", "círculo de cultura" e "pesquisador coletivo" possam ser apropriadas coletivamente de forma significativa, como estratégia político-pedagógica do movimento, na produção de conhecimentos visando a construção de um projeto sociopolítico.

Esta leitura espaço-temporal a que nos dedicamos neste capítulo nos foi proporcionada mediante o contato direto com a comunidade. Na oportunidade que tivemos de participar nesses 04 anos de suas principais manifestações culturais, estando em contato com sua organização política, nas atividades de estágio supervisionado da Faculdade de Educação na única escola presente na comunidade e no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, assim como nesta dissertação de mestrado. No que éramos provocados a realizar pesquisas às fontes orais e escritas, sempre buscando confrontá-las.

Desta forma começamos a desenvolver uma relação respeitosa e afetuosa, mas, que, como qualquer outra relação, não foge a conflitos. Nesta relação pudemos averiguar a consistência das "informações" trabalhadas e, principalmente, conhecer parte deste povo rico e carismático que apenas recentemente passa a ter sua história registrada, visibilizada e valorizada.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Como diria um sábio quilombola octogenário de Mesquita, Sr. César Alves Rodrigues: “para uma forma de dizer existem várias formas de se entender”. São dizeres de sabedoria deste povo, que se expressam na esperteza [inteligência] e na qualidade exímia de “observadores”, “analistas” e “técnicos”. Tal é a presteza e a atenção!

São conhecedores da “ciência” das abelhas, das formigas, das plantas, do corpo e do espírito, entre outras. Curioso é perceber como estes vocábulos (ciência e observação) estão presentes de forma tão vivaz quanto na academia. Certo de que tanto num lugar quanto em outro, esta vivacidade é encontrada entre aqueles que cultivam a disciplina do estudo, a premissa filosófica da curiosidade, o trabalho com paciência e perseverança, e o amor à sabedoria! Como demonstra o Sr. César que apesar de ter permanecido apenas 06 meses na escola, diz nunca ter parado de estudar!

Neste capítulo diremos sobre os procedimentos metodológicos e analíticos da pesquisa, realizando discussões decorrentes deste estudo. E dentre as várias formas possíveis de entender o que diremos, propomos uma forma no intento de aproximarmos as compreensões a cerca deste trabalho.

Assim, o que faremos será desenvolver a exposição ao mesmo passo procedimental e analítica, refletindo as referências teóricas às práticas (de forma espelhada). Buscando fazer face ao chão de nossa pesquisa de nossos pressupostos teórico-metodológicos, de forma a expressar aquilo que objetivamos: 1) compreender e colaborar com o processo emancipatório da Comunidade Quilombo Mesquita, por meio da **experiência** da **educação popular**; 2) propor aos sujeitos-coletivos envolvidos no movimento quilombola uma "interpretação" de significação praxiológica do movimento político em questão, sob a ótica da educação popular.

Pois, temos na intenção de trabalhar este reconhecimento, o fato de acreditarmos que através da possibilidade de uma lúcida caracterização coletiva

de nossa prática pela educação popular, poderemos alcançar uma forma de compreensão político-pedagógica do processo emancipatório do Quilombo Mesquita, que tem como marco histórico o processo engendrado pela ARENQUIM entre a sua fundação em 2003 que resultou na titulação de autodefinição pela Fundação Cultural Palmares em 2006 e que efetivou a luta de resistência e de projeto identitário, pela identificação, delimitação e titulação de seu território, em trâmite no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.

Esta intenção conforma o caráter de "compreensão" e "colaboração" a que nos propomos com esta pesquisa em relação ao movimento quilombola de Mesquita. Onde demonstrar-se-á a fundamental relação entre teoria e prática, enquanto dimensões unificadoras e geradoras do conhecimento, que qualifique nossa prática social numa "práxis", que possibilite uma maior organicidade do movimento ao qual nos implicamos.

Há, no entanto, neste momento do trabalho, um limite no desenvolvimento das discussões geradas, tanto em relação aos procedimentos, quanto às análises, devido a impossibilidade do momento de realizar uma exposição mais detalhada dos achados da pesquisa, que revelem os aspectos vivenciais da experiência do pesquisador em sua relação com a comunidade, a dimensão etnográfica característica de trabalhos em pesquisa-ação.

Nossos referenciais teórico-metodológicos foram os guias em nossas ações e as "chaves-mestra" interpretativa destas, ressalvado alguns termos. E igualmente nisto reside outro limite, pois um duplo desafio se apresentou: 1) apropriar-se adequadamente das formulações teórico-metodológicas que nos orientam; 2) e a necessidade de criarmos nossas próprias formulações a partir do referencial vivido. Pois, como o próprio Paulo Freire alertou sua metodologia não é uma receita. E René Barbier ao dizer que "é na prática que cada pesquisador poderá, pouco a pouco, aproximar a natureza de 'sua' pesquisa-ação".

Assim nesta dissertação estamos simplesmente apresentando nosso exercício de reconhecimento dos caminhos percorridos [observação e avaliação

de nosso estado/situação], de forma que esta sistematização nos leve adiante a descobrir cada vez mais “nossa” pesquisa-ação.

### 3.1. Sobre “experienciação” - o objeto de estudo.

Devemos alguns esclarecimentos quanto ao aspecto do objetivo desta pesquisa ser **experienciar** a educação popular com base em nosso referencial.

Este termo defrontou-nos com seu teor subjetivo, importando-nos suas acepções. Pois, ele inscreve-se aqui como o sentido que move. As ideias de Freire e Barbier nos abrem caminhos, mas dar os passos por estes caminhos é questão de “experiência”!

Etimologicamente no latim *experientia* deriva do verbo *experiri* [experimentar, provar, ensaiar]. Formado pelo prefixo *ex* [separação do interior], pela raiz *peri* [tentar, arriscar, empreender] e pelo sufixo *entia* [qualidade de agente, criado para criar abstratos]. Derivam daí: *peritus* [perito, habilidoso, experimentado]; *experimentum* [provas pelo fato, comprovação]; *expertus* [experto, conhecedor]; *periculum* [tentativa, prova, exame ou arriscado, perigoso] (AMATUZZI, 2007.).

Sendo que todas estas palavras se relacionam com o grego *empeiría* [empíria] significando na filosofia o conjunto de conhecimentos dados não pelo raciocínio lógico, mas pela experiência sensorial. O termo **experiência**, pela sua origem, significa o que foi retirado [*ex*] de uma prova ou provação [*perientia*], um conhecimento adquirido no mundo da empiria, isto é, em contato sensorial com a realidade (AMATUZZI, 2007.).

Neste sentido o pesquisador em formação vê o emergir da pesquisa a partir de sua necessidade de experienciar, de vivenciar suas referências teóricas e metodológicas, constituindo-se assim em objetivo de sua pesquisa, que é ação e é existencial. Colocando a "si" em prova ao empreender tal experimento e de obter os conhecimentos derivados desta tentativa.

Interessante é perceber, também, na etimologia da palavra "experiência" seu sinônimo de "perigo", de algo "arriscado". Pois se "viver é muito perigoso" e o "aprender a viver é que é o viver mesmo", como diria Guimarães Rosa, então aprender é algo perigoso. Esta aventura em direção ao que se acredita como sendo o "Bem", o "Belo", o "Verdadeiro" e o "Justo" nos coloca permanentemente em situações adversas, que testam as nossas capacidades de permanecer e de aperfeiçoar nossas opções de vida.

Neste sentido, o ato experiencial deste estudo possibilitou ao pesquisador vivenciar duas colocações, anteriormente estabelecidas pelas referências, que evidenciam algumas das adversidades presentes na pesquisa:

1) Paulo Freire diz que "quando a educação não é libertadora o sonho do oprimido é ser opressor". Se nos colocamos em processo de libertação / emancipação, compreendido enquanto experiência de práxis do homem na história, este é, assim, um processo contraditório, no qual devemos permanecer vigilantes e realizando o exame de nossa consciência para perceber, enquanto sujeito, nossas próprias contradições, através da percepção do reflexo do social em nós e do que fazemos com aquilo que nos condiciona. A consciência neste processo é o caminho da liberdade;

2) Barbier anuncia os riscos que o pesquisador corre ao fazer sua escolha pela pesquisa-ação, onde esta opção ao se tratar de lançar um novo olhar sobre a cientificidade das ciências do homem e da sociedade, coloca-o em riscos institucionais e pessoais. Quanto aos riscos institucionais, pudemos constatar como ainda atualmente o mundo acadêmico é resistente à pesquisa-ação e como esta requer um caminho mais longo para seu desenvolvimento. Quanto aos riscos pessoais, o fato da pesquisa-ação poder levar o pesquisador para regiões de si mesmo que ele não quisesse ou mesmo não pensasse em explorar.

E de fato o pesquisador experimentou todos estes riscos sendo levado a conhecer determinadas regiões de si em que circunstâncias o revelaram como sua "consciência de oprimido" hospeda a "consciência do opressor" no seu próprio processo de afirmação de identidade cultural e de origem de classe social,

por exemplo. As incompreensões da academia em torno da pesquisa-ação e a própria dificuldade do pesquisador para expressar os achados de sua vivência sob o ponto de vista do vasto espectro teórico da pesquisa-ação existencial, ancorada na abordagem multirreferencial dos acontecimentos. Além, de ter o lançando a um novo olhar em relação ao "sagrado" e a "espiritualidade", taambém fruto do contato com os quilombolas de Mesquita.

Desta forma o objetivo desta pesquisa em experienciar a educação popular em processo de pesquisa-ação existencial significa colocar o pesquisador e suas referências em contato com o real. Com o intuito de apreender uma realidade e produzir significados sobre esta o que constitui, por sua vez, uma via de acesso ao real, muito embora os significados aqui expressos sejam limitados diante da experiência vivida.

De outra forma, por se tratar a experiência de um conhecimento de origem sensorial, ligado ao que se vê, ao que se toca e sente, e conceituado também com um "fato interno" (AMATUZZI, 2007.), sendo aquilo que se passa no organismo e que pode ser conscientizado ou percebido, apenas por meio da experiência pesquisador poderia ver seu sistema de ideias e valores confrontados pela contexto existencial vivido.

Este conhecimento gerado na "prática da vida" ou na "vivência" de determinados acontecimentos na própria pesquisa, é o que nos faz sentir o impacto do encontro com as coisas e com os outros (no sentido freireano da comunhão dos homens mediatizados pelo mundo!), aqui manifestado em nosso encontro com grupos e pessoas pertencentes ao Quilombo Mesquita.

Esta experiência vivida que não é teoria, mas que é o referencial vivido para a elaboração de uma teoria significativa e, também, para compreensão e exercício de teorias postas à prática como a pedagogia de Paulo Freire e a pesquisa-ação existencial de René Barbier.

O ato experiencial é o que está na base de toda descoberta. Um "saber de experiência feito" como o do poeta navegador Luís de Camões e uma

“experiência que nos encoraje a realizar coisas grandiosas, novas e futuras” como preferiu Walter Benjamim. Este é o valor da experiência para nós!

René Barbier diz que o experiencial (diferente do experimental) põe em ação não somente nossas faculdades lógicas e cognitivas, mas igualmente nossas faculdades de intuição e de imaginação, estas reconhecidamente ligadas a nossa sensorialidade. Entrando, assim, no domínio da “complexidade”.

O experiencial por estar do lado da vida sensível, nos mostra componentes sensoriais e emocionais ligados a existencialidade interna do outro (seus pensamentos, suas emoções, fantasmas, angústias, etc.) o que requer obrigatoriamente modéstia e lucidez do pesquisador, para que ele possa perceber até onde pode ir na direção do outro, retirando daí as conseqüências pertinentes para a evolução da relação, pressupondo uma faculdade de “descentração do pesquisador” que o coloca diante do risco de perder de vista seu objeto de pesquisa (BARBIER, 1997.).

Recai, contudo, uma crítica à “pesquisa-ação” que seria privilegiar a prática em detrimento da reflexão e da teorização, em que “práticos vulgares” tornam a atividade científica espontaneísta. Embora exista alguma pertinência, essa é uma contradição não inerente à pesquisa-ação: nada de ação sem pesquisa, nada de pesquisa sem ação!

Outra crítica é que este tipo de pesquisa seja superficial, permanecendo na empiria, não avançando ao nível do “abstrato concreto”. Talvez por certo desdém à fenomenologia. Todavia, por assumir a prevalência da prática, toma na teoria do conhecimento partido da filosofia da práxis, dado que o conhecimento do homem depende essencialmente de sua prática social.

Quanto a isto, o retorno do sensível nas ciências sociais e humanas a que a pesquisa-ação trata com extrema importância, sabido, pois, que no processo de desenvolvimento do conhecimento parte-se da percepção sensível, das sensações e das representações dos fenômenos, desdobrando-se ao pensamento, para o conhecimento lógico-racional, a fim de fazer juízos, proceder

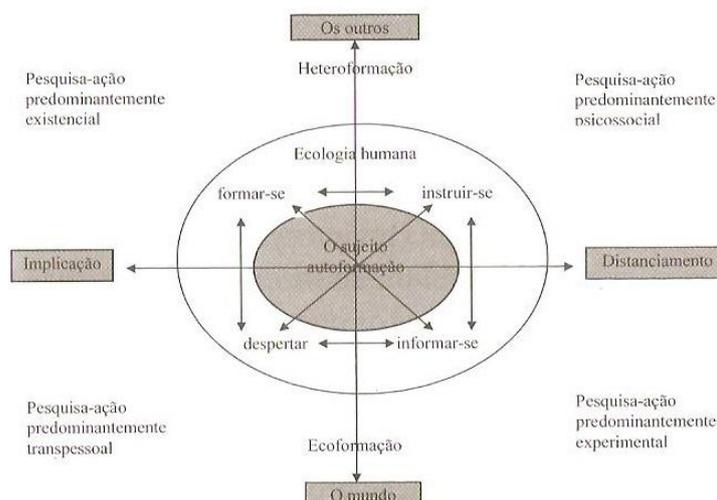
deduções, elucidar as contradições internas nos fenômenos e a ligação interna de diferentes processos (Mao Tse-tung, 1937).

Todavia, esses dois níveis constituem o processo de desenvolvimento do conhecimento humano representado pelo movimento em espiral. Reconhecendo também a não-racionalidade. Somos sinceros em admitir que no estágio atual que nos encontramos nesta pesquisa, devemos apurar tanto nossas percepções dos fenômenos e suas significações, quanto desenvolver o conhecimento e a capacidade de elaboração lógico-racional alcançando compreensões mais objetivas, profundas e mais completas a respeito de nossa prática.

### 3.2. Pesquisa-ação existencial: um modelo aberto.

A descoberta de nossa própria pesquisa-ação passa fundamental experiência da compreensão de que a pesquisa-ação existencial (P-AE) enquanto um tipo de pesquisa que favorece o imaginário criador, a afetividade, a escuta, e que admite a complexidade humana, o tempo da maturação e o instante da descoberta (BARBIER, 2007.), revelando-se como a que, talvez, mais aborda as situações-limites da existência individual e coletiva. Ela por não está ligada a uma disciplina particular, abre-se na realidade para outras coisas sem ser a ciência: a arte, a poesia, a filosofia, as dimensões espirituais e multiculturais do ser.

A (P-AE) como um modelo aberto da pesquisa-ação se organiza em torno de dois eixos: a implicação e o distanciamento, o mundo e os outros. Situando-se no lado da mais intensa implicação!



Quadro 01: Os tipos de pesquisa-ação (Barbier, 2007.).

Compreendido o sujeito – NÓS - na intersecção dos dois eixos, onde interagem as dimensões da autoformação nos planos intelectual (instruir-se, informar-se), no plano afetivo e existencial (formar-se) e no plano transpessoal (despertar).

Nossa pesquisa-ação que é predominantemente existencial, ligada a “experimentações sociais” e “experiências de vida”, exprime-se em nossa busca em **experenciar** os preceitos de Paulo Freire e René Barbier. Por estarmos situados no eixo da “implicação”, tendemos fortemente à pesquisa-ação transpessoal e, também, em níveis variados com a pesquisa-ação psicossocial e experimental [ainda que nos falte a consistência necessária!]. Pois, instruir-se, informar-se, formar-se e despertar constituem dimensões dos processos educativos (BARBIER, 1997.) no sentido da “auto-hetero-eco formação antropológica” (GALVANI, 2002.) ou ainda no sentido de uma “antropologia da inteireza” (SANTOS NETO, 2006.).

Esta perspectiva nos conduz à uma “educação transpessoal”, considerando o desafio e a necessidade de articulação dos estados “interior” e “exterior” da consciência [a mente hilo-holotrópica de acordo com o pensamento da psicologia transpessoal de Stanislav Grof, que nos propõe uma “nova cartografia da consciência humana”<sup>20</sup>].

Esta perspectiva assume o autoconhecimento como condição necessária ao processo de integração e desenvolvimento do sujeito e a transdisciplinaridade como exigência epistemológica. Isto que tem como implicação pedagógica o auxílio à pessoa rumo à inteireza de si mesmo, a compreensão dos níveis de realidade e da dinâmica de interconexão entre as várias esferas do real, desenvolvendo o sentido de responsabilidade e cuidado, auxiliando no processo de superação da crise global [civilizatória].

---

<sup>20</sup> Ver: SANTOS NETO, Elydio dos. Por uma educação transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof (2006).

Esta crise que atinge em cheio nossas concepções a respeito do ser humano e da realidade [a matéria, o social, a natureza, o cosmos], constituindo-se um problema de antropologia filosófica [ontologia] e físico [cosmológico], onde teríamos um universo não simplesmente mecânico, mas autoconsciente! Como nos propõe o físico indiano Amit Goswami (2008) na transição do paradigma newtoniano-cartesiano para outros “significados da vida”.

O fato é que a complexidade da realidade e da condição humana obrigam-nos a esta revisão das correntes dominantes de pensamento em diferentes campos da cultura e do conhecimento. Este problema antropológico constitui um problema pedagógico, em que é preciso “educar para além da razão”.

E por isto fizemos questão de dar luz e fazer coro a este tema em nossas reflexões teórico-filosóficas no **capítulo 1**. Ainda que não possamos fazer com a profundidade necessária! E que, também, não consigamos expressar de forma palatal seu desdobramento “prático” em nossa pesquisa, afirmamos ser possível “sentir” em nossas relações.

Para além de toda esta “abstração”, esta pesquisa parte do pressuposto da conscientização política e da educação como prática da liberdade, onde buscamos desenvolver o trabalho pedagógico na dimensão sociopolítica. Compreendido que esta é uma dimensão da “exterioridade” humana, mas que a educação deve trabalhar também, e simultaneamente, na esfera da “interioridade” de forma a ampliar e aprofundar a consciência!

### **3.3. Pesquisa-ação o método da abordagem transversal**

A Abordagem Transversal – AT é uma teoria psicossociológica existencial e multirreferencial da educação, que tem a pesquisa-ação de caráter existencial como sua metodologia (BARBIER, 1997.)<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Tradução parcial realizada pelos professores da Faculdade de Educação – FE/UnB, Paulo Coelho Ramos Filho e Rogério de Andrade Córdova para estudos.

A “AT” supõe que o pesquisador necessariamente implicado em seu objeto de pesquisa, parte da “existencialidade interna” dos sujeitos com os quais trabalha. Esta existencialidade interna representa um “magma” de sensações, de representações, de ideias, de símbolos, de mitos, de valores, ao mesmo tempo sociais e pessoais, que determinam a orientação das práticas sociais do sujeito.

Para tal o pesquisador começa por identificar a base de objetivação constituída pelos **produtos**, as **práticas** e os **discursos** dos sujeitos em interação. O objetivo científico da “AT” visa à identificação, à compreensão e à interpretação da transversalidade desta existencialidade interna do sujeito (pessoas, grupo e comunidade). Para fazer isto, o pesquisador deve considerar dois grandes eixos de investigação: o eixo Político e o eixo Mitopoético.

O eixo político é constituído pela questão da organização do grupo ou da comunidade. O pesquisador deve depreender a lógica interna dessa organização e o modo de funcionamento do grupo pela análise de seus componentes: social; material; político-jurídico; ideológico; comunicacional e; espaço-temporal. Neste sentido é preciso depreender as interrelações entre essas bases e tentar trazer à luz os processos, propondo-lhes “empréstimos de sentido” e permanecendo o mais próximo possível dos fenômenos vividos no grupo.

O eixo mitopoético reconhece a potência e o caráter dos símbolos e dos mitos na vida individual e social, buscando dar conta da lógica interna dessa função mitopoética das práticas e articulando à lógica interna depreendida sobre o eixo do político.

Ao longo das duas fases desta pesquisa pudemos captar elementos destes componentes de análise dos eixos político e mitopoético, sistematizados parcialmente no **capítulo 2**.

E em nosso caso de pesquisa, a busca em desenvolver o trabalho pedagógico na dimensão sociopolítica em contato com os sujeitos coletivos da Comunidade Quilombo Mesquita, ocorre diante da intrínseca necessidade de “educação das relações” sejam elas pessoais e políticas, onde reside grande desafio.

De toda forma, para além dos meandros de toda a sorte ligados à processualidade da pesquisa (tempo, conflitos, recursos, etc.), um importante desafio relacional e analítico se coloca nesta pesquisa: o desenvolvimento de uma relação de confiança mútua entre os sujeitos para que haja a abertura necessária para análise desta “existencialidade interna” dos sujeitos e/ou do grupo. Além da dificuldade do ponto de vista ético e da elaboração de uma linguagem capaz de comunicar essa percepção da “existencialidade interna” do outro (medos, sonhos, pensamentos, comportamentos).

Este tipo de percepção foi possível de ser alcançada pelo pesquisador a medida que se concretizava determinadas condições de adequação a sua inserção e a sua aceitação pelo grupo, além de também ter de cultivar essa abertura à sua própria “existencialidade interna”, sendo capaz de auto-observação e autoanálise.

### **3.4. A implicação do pesquisador**

A implicação enquanto noção básica da PA-E se expressa no processo de engajamento pessoal e coletivo do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa. Este engajar-se junto a um determinado coletivo não está "dado" mediante a simples vontade do pesquisador em participar de processos relativos a vida dos sujeitos. Ela está compreendida em processos de "autorização" e "negociações" que são engendrados no convívio em que se desenvolvem as relações pessoais, políticas e afetivas.

É necessário ser aceito pelo grupo com que se pretende trabalhar/pesquisar, assim, como é fundamental aceitá-lo também. Reconhecer no tempo o processo de maturação da relação e que "implicar-se" neste processo interativo, consiste sempre em reconhecer simultaneamente que o pesquisador implica os sujeitos e que estes o implicam também na situação interativa. Isto demanda tempo e confiança para que as pessoas aceitem revelar verdadeiramente suas "implicações", assim, como para que compreendam com clareza uns aos outros, já que todos somos sujeitos de interesse e ideologia.

No que tange a isto, as "desconfianças" são encontradas no plano de desenvolvimento das relações políticas, até que os compromissos pessoais e políticos sejam aos poucos e constantemente expressos e compreendidos pelos sujeitos em intersubjetividade, desenvolvendo vínculos de confiança.

Em nosso caso, logo no início de nossa relação há 04 anos, deparamo-nos com sujeitos e coletivos pouco dispostos a estabelecer relações com estudantes universitários, pois abertamente relatavam experiências anteriores de forma negativa, onde se sentiram violados e em alguns casos usurpados por pesquisadores. Evidenciando a postura, por vezes, anti-dialógica na produção de conhecimentos.

Isto que se constituiu em um dos nosso primeiros obstáculos, logo se revelou como o caminho de abertura para o diálogo, ao nos colocarmos em nossa passagem pela escola da comunidade, ao longo do ano de 2011, e em sua associação de moradores (ARENQUIM) de forma crítica em relação à denúncia que nos era apresentada, afirmando nossa opção fundamental pelo diálogo. Com o que buscamos afirmar nossa opção político-epistemológica, oferecendo nossa participação na construção coletiva do movimento político da comunidade. Este foi o primeiro passo em nosso processo de implicação com a comunidade. E pra cada passo de implicação na relação uma responsabilidade!

Assim começamos já em 2011 a participar da vida política da comunidade, participando das reuniões da ARENQUIM, colaborando com algumas ações, apresentando opiniões e sendo inquiridos, buscando desenvolver projetos de cultura e educação no âmbito da associação.

Desta forma fomos dentro de nossas relações aprendendo com o obstáculo encontrado na resistência à presença de pesquisadores na comunidade, ao mesmo tempo que também as lideranças reconheciam a importância das pesquisas de universidades para dar "visibilidade" ao quilombo.

A partir disto, iniciamos nosso processo de pesquisa-ação existencial no quilombo e em que acreditamos que dois fatores foram fundamentais no desenvolvimento de nossa relação pessoal e política com os quilombolas.

Primeiro, o fato de o pesquisador não ser apenas reconhecido enquanto universitário, mas também como morador do município de Cidade Ocidental, o que talvez demonstre além de uma aproximação identificadora, que a posição que ocupamos na divisão social do trabalho, desempenha um papel importante no modo pelo qual as pessoas se envolvem. Logo o pesquisador passou também a ser reconhecido por sua origem familiar, de classe, por seus sistemas de valores que o ligam à vida e de seu projeto sociopolítico pessoal, profissional e cidadão.

Segundo, na medida que o fato anterior o levava a uma implicação verdadeiramente existencial em sua vivência com os sujeitos-coletivos e, conseqüentemente, na relação de produção da pesquisa, a própria característica desta, nas qualidades oportunizadas pela pesquisa-ação existencial, demonstravam um jeito "diferente" de realizar uma pesquisa, aparentemente menos formal, sem a utilização de "entrevistas", embora rica em conversações. De outro modo, houve a princípio, o que é "normal", um certo "estranhamento" quanto ao interesse político demonstrado em nossa forma de participação.

Nossa pesquisa-ação existencial no Quilombo Mesquita encontrou seus caminhos, na riqueza do encontro com este povo, em nossa participação nos espaços políticos da ARENQUIM, na escola, nas festas, refeições, rituais religiosos, etc. Este aspecto etnográfico que foi registrado na primeira fase desta pesquisa.

Nas dimensões de nossos encontros, nos valem das técnicas da pesquisa-ação, no que diz respeito aos mecanismos de observação, para buscar compreender a qualidade de nossa inserção no campo de pesquisa, compreender o desenrolar da relação que estabelecíamos com os sujeitos-coletivos, avaliar nossa capacidade de negociação, de aceitação no âmbito político e de percepção das avaliações que o grupo realiza em relação ao pesquisador. Estas avaliações expressas constantemente de forma concreta ou simbólica em diferentes contextos, evidenciado até onde podemos ir em direção ao outro ou a uma determinada situação individual ou coletiva.

De forma que em nossa relação pessoal, profissional e cidadã no contexto do movimento político do Quilombo Mesquita, desempenhamos constantemente formas básicas de implicação e observação da pesquisa-ação existencial: a "**observação participante periférica**" (OPP), em que aceitamos uma implicação parcial, sem ser admitido no "centro" do grupo e; a "**observação participante ativa**" (OPA) onde tentamos por meio dos papéis que já desempenhamos no grupo, ser reconhecido no interior do grupo, mesmo que não sejamos oriundos dele.

A forma de nossa presença no grupo oportunizada por estas orientações técnicas da pesquisa, nos possibilitaram uma convivência respeitosa, buscando desenvolver uma capacidade de mediação de conflitos. O que em determinados níveis possibilitou uma maior implicação do pesquisador com o grupo no desenvolvimento de uma "**observação participante predominantemente existencial**" (OPE) durante a segunda fase desta pesquisa.

Pois, percebemos que o aumento do nível de aceitação de nossa presença, expressou-se no nosso ingresso ao grupo pela amizade pessoal e política que viemos desenvolvendo, assim, como a nossa capacidade de diálogo e negociação neste encontro social. E, assim, alimentamos através de uma atitude respeitosa o círculo de troca simbólica do dar/receber/retribuir, do qual a cultura do Quilombo é mestre! Viemos aprendendo a saber esperar o florir da confiança, sabendo que a relação com algumas pessoas ou situações demandam tempo para o desabrochar, enquanto outras são floradas constantes. E esperando o florir da confiança no próprio pesquisador que por vezes se sentiu inseguro no desafio desta experiência. Insegurança em relação a sua capacidade política e técnica e na sua capacidade de estabelecer vínculos pessoais com a diversidade de sujeitos da pesquisa.

Os lugares de acontecimento de nossos encontros, nas constantes visitas do pesquisador à comunidade, que entre os períodos letivos da universidade nos anos de 2011 e 2012 ocorriam semanalmente ou quinzenalmente e entre 2013 e 2014 quinzenal ou mensalmente. Alguns intervalos maiores de tempo ocorreram, não superando mais que três meses no intervalo de um ano. Além dos encontros

com os quilombolas nas ruas, feiras e comércios da Cidade Ocidental, no ônibus vindo ou indo à Brasília, em encontros domiciliares na casa dos sujeitos, inclusive na do próprio pesquisador, ou pelas redes sociais (e-mail e facebook) através das quais mantemos relações constantes.

Este espaço vivencial foi e é extremamente rico para as "**técnicas de observação do banal**" e do "**cotidiano**", principalmente em relação aos relatos de vida propiciados por estes encontros.

### **3.5. A escuta sensível**

Como já a apresentamos no **capítulo 1**, a “escuta sensível” é um escutar-  
ver o outro e suas “situações-limites” na esfera do social e do educativo.

“Escutar” se distingue da atitude habitual de “ouvir”. Para a “AT”, esta última está geralmente ligada as nossas percepções e representações do mundo a partir de nós mesmos, donde a compreensão parte de nós para o exterior, sendo a manifestação dos *habitus* que reproduzem um quadro de referências às estruturas sociais que fizeram parte de nossa constituição ao longo dos anos. O “outro” passa a ser somente apreendido por intermédio dessa “ordem”.

Com isto René Barbier quer dizer que inscrevemos o “outro” num quadro de referências que nos dá segurança, porque já o conhecemos. E todo aquele que se desvia desse “quadro de referências” nos gera insegurança, além de nos angustiar o espontâneo, o imprevisto, donde mobilizamos sistemas de defesa esgotantes e buscamos em nossa ansiedade reduzir nossas incertezas e deter a liberdade e o desejo do outro.

Já parou para pensar nisto? Você consegue se ver nesta trama? Este não seria em geral o retrato mais fiel das relações na esfera social e educativa?

É necessária uma postura bastante consciente e verdadeiramente dialógica para escapar desta armadilha! Desta forma podemos nos tornar receptivos ao

outro e estar “disponíveis” e “impressionáveis” ao pensar, ao fazer e ao sentir que não estão em nossos hábitos.

A busca por compreender os sentidos da “escuta sensível” constitui nesta pesquisa um desafio cotidiano de presença no “aqui-agora” e exercício do pesquisador de autoanálise e autodesenvolvimento da maturidade física, mental, emocional e espiritual.

Para exercitar esta escuta do outro, se mostrou realmente incondicional o exercício do “silêncio interior” para se autoescutar diante do impacto do contato com “outro” ou com uma “situação”. Perguntar-se “o que eu aprendo com essa pessoa ou com essa situação?”. E escutar-se antes de agir!

Este silêncio-escuta interior se demonstrou para nós como um exercício de olhar para dentro de si. Isto tem nos revelado um caminho ao encontro da paciência para aprender, percebendo “desequilíbrios” físicos, mentais, emocionais e como estes são em grande parte criados por nosso “ego”. Possibilitando ordenamento da mente, de pensamentos, de emoções, atos e palavras, na busca em se colocar na ação correta, no pensamento correto e na emoção correta. Tornando possível restabelecer a ordem em nossas relações (neste caso nossas relações de trabalho/pesquisa).

É verdade que pudemos perceber e usufruir deste “estado positivo” produzido neste exercício. E o “estado maior” desta positividade certamente é a unidade entre pensamento e ação, sendo esta unidade sinônimo da própria verdade.

No entanto, “perceber nossos desequilíbrios”, significa perceber nossos erros e contradições. E mais que simples percepção, trata-se de se relacionar com eles e de transmutar pensamentos e sentimentos autocentrados, separatistas, ansiosos, amedrontados, fechados e por vezes violentos. Isto não é fácil nem de perceber, muito menos de encarar. E por isto pode-se encontrar tanta “poeira debaixo dos tapetes” da mente e do coração de uma pessoa. Afinal somos seres contraditórios e por isto mesmo devemos estar atentos!

A escuta sensível pressupõe um “reconhecimento incondicional do outro”. Parece até um ensinamento cristão: amai ao próximo como a ti mesmo. Mas para amar ao próximo é preciso amar a si antes de tudo, e o amor que dedica a si mesmo será a medida do amor que dedicará ao outro. Logo, apenas se pode reconhecer incondicionalmente ao outro se assim o for consigo mesmo.

E se reconhecer incondicionalmente, ou seja, de forma absoluta e irrestrita, significa propriamente tirar as máscaras de si mesmo. Haja capacidade de autoaceitação, autocrítica e compaixão! Como posso aceitar incondicionalmente alguém, quando percebo que acabo de reagir (instantânea e inconscientemente) com imaturidade diante daquele que acabo de julgar imaturo? Para ficar apenas com este exemplo.

Para tornar a conversa pouco mais palpável, trata-se aqui de duas questões principais para nossa prática educativa: aprender a se relacionar com outros – educação das relações; e amadurecer-se, buscando plenamente se desenvolver.

Por mais delicado e difícil que seja, buscamos nestas duas questões nos “lapidar”, para fazer florescer o amor, o conhecimento e a sabedoria em nossas relações, em nosso trabalho. Superando o “sofisma” de nossas “paixões”, esta forma tão habitual de se relacionar.

Apesar deste alto teor subjetivo, pudemos de um ponto de vista prático, com nossa técnica de “**observação participante predominantemente existencial**”, “ver” e “escutar” de forma a identificar na esfera social e educativa situações-limites de pessoas e grupos da comunidade com os quais nos relacionamos.

Dentre as “situações-limites”, uma foi claramente objetivada pelos sujeitos e coletivos do Quilombo Mesquita. Esta consiste em assumir a identidade quilombola e manter seu território. Em torno do que se organizam em grupos familiares e em agrupamentos políticos comunitários e com setores públicos e da sociedade civil organizada. No que esta pesquisa entra no movimento desta realidade!

Todavia, esta “luta” é travada por estes quilombolas num mosaico em que “militância político partidário”, “ativismo” e “paceiras sociais” na relação com movimentos sociais e populares, vão se tecendo através de mecanismos de mobilização comunitária, articulando-se com estudantes universitários, organizações de trabalhadores rurais e agricultores familiares, e na relação com o Estado pela promoção e efetivação de políticas públicas gerais e específicas, como pela garantia de direitos já instituídos.

Porém, esta luta mais efetiva do ponto de vista institucional por direitos étnico-territoriais é nova, iniciou-se em 2003 com a criação da Associação Renovadora do Quilombo Mesquita, decorrendo o título de autorreconhecimento pela Fundação Cultural Palmares em 2006, a Delimitação e Demarcação do Território pelo INCRA em 2011 e na elaboração do Plano Diretor de Ordenamento Territorial do município de Cidade Ocidental – GO, agora em 2014-2015. Voltaremos a este ponto adiante sobre a **metodologia da investigação temática**.

A organização em torno desta “situação-problema-desafio”<sup>22</sup> em “assumir a identidade” e relação territorial desta, é hoje mais fácil e inicialmente “codificada”<sup>23</sup> pela maioria no seu aspecto mais “concreto” do ponto de vista da sobrevivência social e cultural deste povo. Mas o ato de assumir esse processo identitário os levam a se encontrarem com aspectos mais “abstratos” a serem “decodificados”.

Por exemplo, afirmar a identidade quilombola (num primeiro momento interpretado como uma forma de estar no mundo: manter uma comunidade parental, uma vida mais ligada à natureza, à agricultura, determinadas práticas e costumes herdados tradicionalmente de forma convencionada) os levam em direção a um reencontro com sua própria história, e isso implica em assumir a “negritude” e a ancestralidade, por exemplo. E isto é uma “situação-problema-

---

<sup>22</sup> (REIS, 2011.)

<sup>23</sup> Os termos “codificada” e “decodificada” fazem menção aos conceitos utilizados por Paulo Freire a respeito do processo dos sujeitos de pensarem criticamente a própria condição de existir, em que estes partem do “concreto” ao “abstrato” por meio da “codificação” e “decodificação” da realidade.

desafio” dado o preconceito, a discriminação e a ignorância sobre a história e cultura do negro brasileiro na sociedade em geral e inclusive entre os próprios negros.

O estigma negro é uma “situação-limite” que está na base da luta desta comunidade. Ele também é um problema objetivado por seu movimento político, mas "efetua-lo" é um exercício de liberdade, e sabemos da existência do medo de ser livre que nos cerca, como já enunciou Paulo Freire.

Estas “situações-problemas-desafios” são tecidas entre tantas outras situações, problemas e desafios. Como abrir mão do valor financeiro das terras em função de uma propriedade coletiva e inalienável no caso de titulação do território? Acrescem-se com as vulnerabilidades sociais, as relações interpessoais numa comunidade parental, onde problemas domésticos viram empecilhos diante de questões públicas da comunidade (em verdade não se pode mensurar bem o que é público e privado numa comunidade e território parental, é outra coisa diferente da ordem civil da *polis*). A própria relação de uma comunidade tradicional com o Estado é uma “situação-problema”. Por fim, algo que nos interessa diretamente, o receio e a crítica, corretos e justos, das comunidades à forma de produção antidialógica das universidades.

### **3.6. Pesquisador coletivo - círculo de cultura**

A educação é uma prática social, um campo de exercício. A investigação que a ela serve entra no movimento da realidade para gerar conhecimento a partir do “chão” que se pisa. Neste caso a Comunidade Quilombo Mesquita e seu movimento!

E desta forma partimos daquilo que dizem, fazem e produzem os sujeitos **com** quem trabalhamos, nós pesquisadores “profissionais” ou em formação e sujeitos-grupos vinculados à investigação participativa. Junção esta a que chamamos de **pesquisador-coletivo**.

O “pesquisador-coletivo” representa uma entidade que não se reduz a soma de seus membros. Este grupo não tem posição e número de membros necessariamente fixados, podendo ocorrer um modo de organização do trabalho em que estes se substituem para garantir a continuidade dos processos iniciados. Como o é em nosso caso!

Barbier (2011) diz que se trata de encontrar na população investigada, as pessoas mobilizadas, os líderes de opinião, suficientemente interessados em uma ação ligada à reflexão. Na primeira fase deste trabalho, induzidos por uma interpretação disto a que nos refere René Barbier, acabamos por buscar “construir o pesquisador-coletivo” e isto se mostrou falho.

Pensamos que se tratava de encontrar determinadas pessoas e grupos e “formar” ou “construir” este “pesquisador coletivo” para refletir sobre ações e situações problemas-desafios específicos. O que “aparentou” formar algo paralelo, interpretado como uma atividade a mais diante das demandas do dia-a-dia da comunidade.

É certo que também nos faltou habilidades para comunicar da melhor forma possível esta intenção, afinal de contas pesquisar o que, pra quê, por quê, como, quando, onde? Isto não é fácil nem para nós que nos dedicamos “profissionalmente” a isto. Além do que, a primeira fase desta pesquisa foi nosso primeiro contato com a pesquisa-ação, refletindo nossa inexperiência.

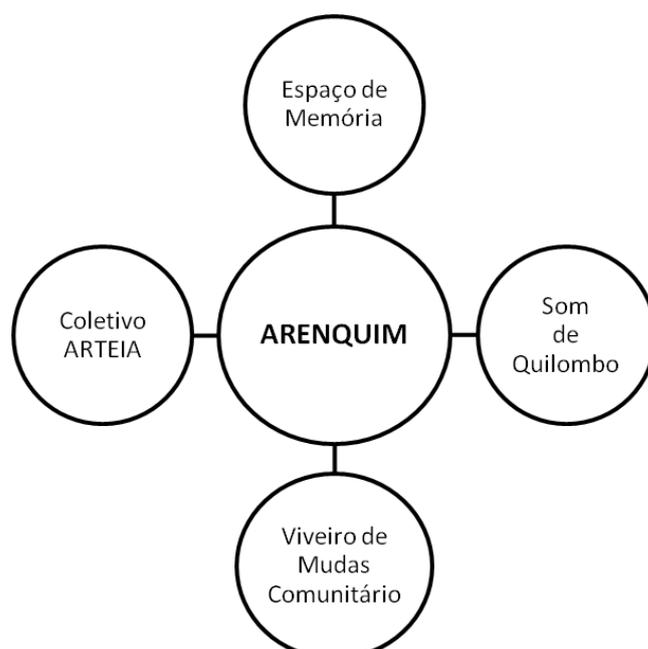
Logo, com o decorrer da relação, ajustamos nosso olhar sobre a concepção do que viria a ser este “pesquisador coletivo”. Em nosso caso ele não é “instaurado”, “construído” pelo pesquisador profissional (como ocorre em “grupos focais” por exemplos). Talvez o possa ser mais facilmente numa relação institucional, afinal de contas Barbier propõe esta compreensão a partir de sua prática em análise institucional na perspectiva da educação. Nossos grupos e as situações a serem pesquisadas já estavam em curso pela própria dinâmica da realidade destes. Nós é que nos somamos a eles para propor a **atribuição** deste sentido ao trabalho do grupo: “**pesquisador- coletivo**” a medida que podemos compor o grupo.

Existe aqui uma sutil diferença entre estas duas situações (institucional e não institucional), refletida em nossas estratégias didático-político-pedagógicas no desenvolvimento de nossa relação com os sujeitos-grupos.

Quanto a este aspecto relacionado à dinâmica e ao sentido do “pesquisador-coletivo”, sua compreensão, sua constituição e o caráter de seu trabalho, expressa mais uma vez a “descentração do pesquisador” neste tipo de pesquisa, que nos coloca diante do risco de “perder de vista o objeto de pesquisa”. Barbier qualifica a participação do pesquisador como “um engajamento pessoal e aberto para a atividade humana visando à autonomia”, extraindo as relações de dependência em que prevalece o diálogo nas relações de cooperação e colaboração.

A dimensão coletiva remete à presença ativa de um grupo envolvido numa práxis política, observada na pesquisa, considerando aqui todas as embaraçosas questões metodológicas decorrentes disto, afinal não é fácil trabalhar coletivamente. Assim, chamaremos aqui de “**pesquisador coletivo**” os sujeitos e grupos atuantes no âmbito da Associação Renovadora do Quilombo Mesquita - ARENQUIM ou relacionados a esta. Sujeitos e grupos com os quais nos encontramos e que nos acolhem em suas ações e reflexões políticas e comunitárias, das quais tomamos parte.

Vejamos adiante o diagrama que apresenta a composição do **pesquisador-coletivo** em nossa pesquisa-ação:



Temos ao centro do diagrama a Associação Renovadora do Quilombo Mesquita – **ARENQUIM**, presidida por Sandra Pereira Braga e composta por um coletivo efetivo de aproximadamente uma dezena de sujeitos. Os projetos “**Som de Quilombo**”, “**Viveiro de Mudas Comunitário**” e “**Espaço de Memória**”, já apresentados no **capítulo 2**, estão no âmbito da ARENQUIM, e são coordenados respectivamente por Manoel Barbosa Neres; José Roberto Pereira Braga e Divino Lisboa; e Célia Pereira Braga. Seus coordenadores compõe o coletivo da ARENQUIM que acaba por envolver outras duas dezenas de pessoas (crianças, jovens e adultos) com estes projetos, desdobrando três grupos ligados à ela. O último círculo referente ao “**Coletivo ARTEIA**” formado por jovens e adultos artistas, estudantes e trabalhadores da Cidade Ocidental, organizados pela construção de políticas culturais e educacionais, articulado com o Quilombo Mesquita na luta pelo desenvolvimento político do município.

Caracterizamos nosso **pesquisador-coletivo** na coparticipação de sujeitos iguais e criativos no ato de pensar e conhecer. Na comunicação – como relação social de dimensão política de sujeitos-grupos que criam conhecimento juntos, tendo a natureza dessa interação fundada no diálogo.

Estamos, assim, implicados em processos de ação e reflexão de nossa situação social no Quilombo e no município, que resultam em transformações expressas em mudanças de atitudes, de condições, de produtos e de discursos. No exercício coletivo de fazer da opressão e de suas causas objeto de reflexão, resultando em níveis de engajamento e de compreensão da luta por nossa emancipação política, social, cultural, etc.

E é nesta compatibilidade de leitura com Paulo Freire que realizamos o que se pode chamar de **círculo de cultura**. Neste diálogo entre pessoas que se propõem construir juntas um saber solidário, a partir do qual cada um ensina e aprende.

Embora nós “pesquisadores profissionais” reconheçamos este processo em sua dimensão político-pedagógica, como método e técnica de ação grupal e como diretriz didática no ato do pesquisador-coletivo de aprender a dizer a “sua

palavra”, este é um sentido que precisa ser ainda profundamente trabalhado e compreendido pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para que, por um lado, se conscientizando geremos o engajamento necessário e espaços orgânicos de reflexão, e por outro, para assumirmos do ponto de vista coletivo um papel mais ativo na sistematização e teorização da pesquisa.

De forma que realizamos em nossa prática esta noção de “**pesquisador-coletivo**” e de “**círculo de cultura**” ao nível que realizamos debates em grupo, na busca de compreender problemáticas e de estabelecer ações decorrentes destas compreensões (assim o é em nossas reuniões na ARENQUIM sobre o Plano Municipal de Educação, o Plano Diretor de Ordenamento Territorial e o Plano de Regularização Fundiária municipais.). Porém precisamos elevar estas noções em nossa prática, tornando-as mais orgânicas para não limitar-nos ao ativismo, mas associada ao sério empenho de reflexão (práxis).

É evidente que esta dificuldade relacionada à “organicidade”, reside no processo de amadurecimento político, que revelam dificuldades de compreender a necessidade e as formas de aprofundamento das reflexões e da sistematização das ações. No entanto, o tempo necessário para o desenvolvimento desta ação orgânica esbarra nas condições da classe trabalhadora que, além de tudo, tem que “matar um leão por dia” para colocar a comida à mesa!

Logo a programação dos debates surge de acordo com as possibilidades do próprio agrupamento. Onde ocorrem a “negociação” e a “avaliação” dos processos de ação, resultando em dinâmicas de “autorização” (relativo à autoria) e de “mudanças”<sup>24</sup> (atos decisórios). Desdobrando-se dos interesses e necessidades do próprio grupo.

E nesta “descentração do pesquisador” diante da programação dos debates e encontros do “pesquisador-coletivo”, a “**técnica do banal e do cotidiano**”<sup>25</sup> nos valeu como forma de escuta e observação que, embora, não

---

<sup>24</sup> Os termos “negociação”, “avaliação”, “autorização” e “mudança” aqui referidos aos processos do “pesquisador-coletivo” pertencem às **noções-entrecruzadas** em pesquisa-ação (BARBIER, 2007.).

<sup>25</sup> Sobre as **técnicas da pesquisa-ação** ver Barbier (2007).

estruturada, nos possibilitou um maior aproveitamento de todas as formas e lugares de encontros propícios à “**escuta interessante**” (café, lugares de culto, festividades, encontros de amigos, etc., ou ainda em reuniões e audiências públicas) onde o “lugar do acontecimento” era proveitoso para a pesquisa. Valeu-nos com frequência “relatos de vida”, conversas grupais (que valeriam e valeram entrevistas), aonde nos chegaram documentos oficiais e principalmente documentos pessoais (fotos, objetos, diários íntimos), assim como produções imaginárias dos membros do pesquisador-coletivo (músicas, fotografias e documentos em vídeo). No que viemos utilizando a “**técnica do diário de itinerância**” para registrar estes encontros e o recebimento/contato com estes “documentos”, representando nosso percurso tal qual ele foi se manifestando pouco a pouco, num emaranhado de encontros com pessoas e grupos.

Diante deste processo onde a centralidade foge ao largo do “pesquisador profissional”, valemo-nos de uma formação para a pesquisa que assume plenamente a ambivalência das práticas profissionais do trabalho social e educativo, não havendo separação entre militância e pesquisa, permanecendo no contexto dos fenômenos estudados para começar a captar suas significações, estando junto **com** quem trabalhamos, tentando junto a estes e com sua aprovação, depreender as estruturas significativas dos fenômenos percebidos e, existencialmente falando, atribuindo sentidos.

### **3.7. A metodologia da investigação temática e a ação cultural**

Feito as considerações anteriores quanto ao pesquisador-coletivo e sua caracterização de acordo com a concepção dos “círculos de cultura” de Freire, cabe-nos esclarecer outro aspecto agora relativo à “**metodologia da investigação temática**”.

Nosso trabalho de pesquisa em educação, como já explicitado, assenta-se na base de um movimento político. E ainda que não esteja relacionado a um contexto escolar ou à alfabetização, importa-nos estar em contato com sujeitos-grupos de um processo histórico e com potencial a ser desenvolvido, pois a

educação é um fenômeno amplo que perpassa diferentes dimensões da vida social (RÊSES & PEREIRA, 2013.).

Assim no trabalho coletivo dentro deste movimento, na exigência intrínseca de produção de conhecimentos da/para a realidade local, é que temos/vemos a “**metodologia da investigação temática**”, como proposta de uma metodologia conscientizadora para uma educação problematizadora de nossa realidade existencial.

De forma que o processo de ação-reflexão gera e identifica “situações-limites” na “denúncia da realidade” e no “anúncio de sua transformação”. O centro da investigação – o objeto da análise – é a “temática significativa”.

Este processo de ação-reflexão está ligado às lutas políticas diárias do Quilombo Mesquita. E destas lutas emergem as “temáticas significativas” ou “temas geradores” que constituem as “situações-limites” ou “situações-problemas-desafios” a que nos referimos anteriormente na identificação da **escuta sensível**.

“Quilombo”, “identidade”, “cultura”, “território”, “memória”, “resistência”, “especulação imobiliária” são as temáticas significativas do ponto de vista existencial e que assumem mais peso e consistência diante das situações-problemas-desafios em que se encontram. Como é o caso das lutas já enunciadas a partir 2003, com a criação da Associação Renovadora do Quilombo Mesquita - ARENQUIM.

Estas questões vêm sendo trabalhadas pelo pesquisador-coletivo de tal forma que vão se constituindo no “programa educativo” e no desenvolvimento de “conteúdos programáticos” de estudo que balizem nossas ações e reflexões. Despertando-nos a criticidade e a noção de cultura enquanto resultado do trabalho (da práxis).

No que reconhecemos também em nossa prática o caráter conceitual da “**ação cultural**” que é equiparada à “educação”, identificando que nossa atividade educativa está voltada para a superação das contradições e das opressões sociais vivenciadas, buscando alçar uma práxis assentada na **teoria da ação**

**dialógica** que consistirá em nossa “cooperação”, “unidade”, “organização popular” e em processos de “síntese cultural”.

Surpreendeu-nos positivamente nesta prática como os conteúdos programáticos demandaram significativamente conhecimentos interdisciplinares para o estudo de nossas ações-reflexões. Temas ligados à prática surgiram, como: gestão democrática, a organização do Estado, política urbana e a cidade educadora, regularização fundiária, legislação sobre territórios quilombolas, estudos históricos e geográficos e base de dados estatísticos do município de Cidade Ocidental, desenvolvimento sustentável, a memória social do Quilombo Mesquita, educação escolar quilombola, estudos culturais, a história de Goiás e DF e o uso de tecnologias da informação e comunicação - TIC's em nossas formas de comunicação e de produções.

### **3.8. Processos de mudança**

A pesquisa-ação tem como objetivo final a “**adaptação relativa**” de si ao mundo, isto é, a finalidade a que se destina. Esta “adaptação relativa” reside em mudanças de atitudes dos sujeitos (indivíduos ou grupos) em relação à realidade que se impõe em última instância. Com a compreensão de que mudanças institucionais são lentas, mas que as mudanças pessoais são cotidianas, proporcionando mudanças de comportamento em função de novas “visões de mundo”. Que nem são mudanças “milagrosas”, porém, não são atitudes passivas diante da realidade.

No decorrer destes 04 anos de relação pudemos acompanhar, em parte, o processo e dinâmicas de conscientização de setores comunitários do Quilombo Mesquita a respeito de sua história e de suas lutas atuais. O que os fazem cada vez mais buscarem reconhecer, questionar e se inserirem ativamente em sua própria realidade existencial e em relação à sociedade abrangente, com o propósito de transformação da comunidade e da sociedade.

O que os levam ao reconhecimento da história como processo, e ao irem se conscientizando disto veem que necessitam optar e projetar seu próprio destino coletivo, modificando o mundo, quebrando o silêncio e dizendo “sua palavra”.

E ao pronunciarem “sua palavra”, podem denunciar a realidade, reconhecer suas “situações-limites”, “anunciar transformações” e por meio de “atos-limite” concretizarem ações necessárias à resolução e superação de obstáculos à sua liberdade. Considerando, evidentemente, as contradições inerentes a este processo, conscientes de estarmos diante do grande problema de **como** libertar o opressor hospedado na consciência oprimida, e sabendo que a libertação não é a ausência absoluta de opressão, mas um processo histórico-social na experiência da práxis.

Assim, o movimento dos Quilombolas de Mesquita em seu processo de emancipação engendram mudanças de **práticas** e **discursos** que analisamos como fazendo parte desta quebra do "silêncio", evidenciando o eco da palavra-ação do movimento quilombola, que cada vez mais se inseri criticamente enquanto sujeito-coletivo histórico.

Partimos do processo de afirmação de sua identidade quilombola, que não aceita mais ser denominada como um mero “povoado”, fazendo questão de serem reconhecidos perante todos e, principalmente, aos poderes públicos como **Quilombo Mesquita**.

Exemplo disto, foi a realização por parte da ARENQUIM da troca das placas de localização e identificação de seu território, como ato político durante a semana da consciência negra em novembro de 2014. Exigindo efetivamente sua identificação enquanto "quilombo" em qualquer referência à comunidade.

A partir deste princípio encampa a luta pela afirmação da identidade da comunidade na elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola presente em seu território e no processo de elaboração do Plano Municipal de Educação, ambos em curso desde 2014, visando a efetivação das Diretrizes Curriculares

Nacionais para Educação Escolar Quilombola, que garante a caracterização da instituição escolar presente em seu território como **escola quilombola**.



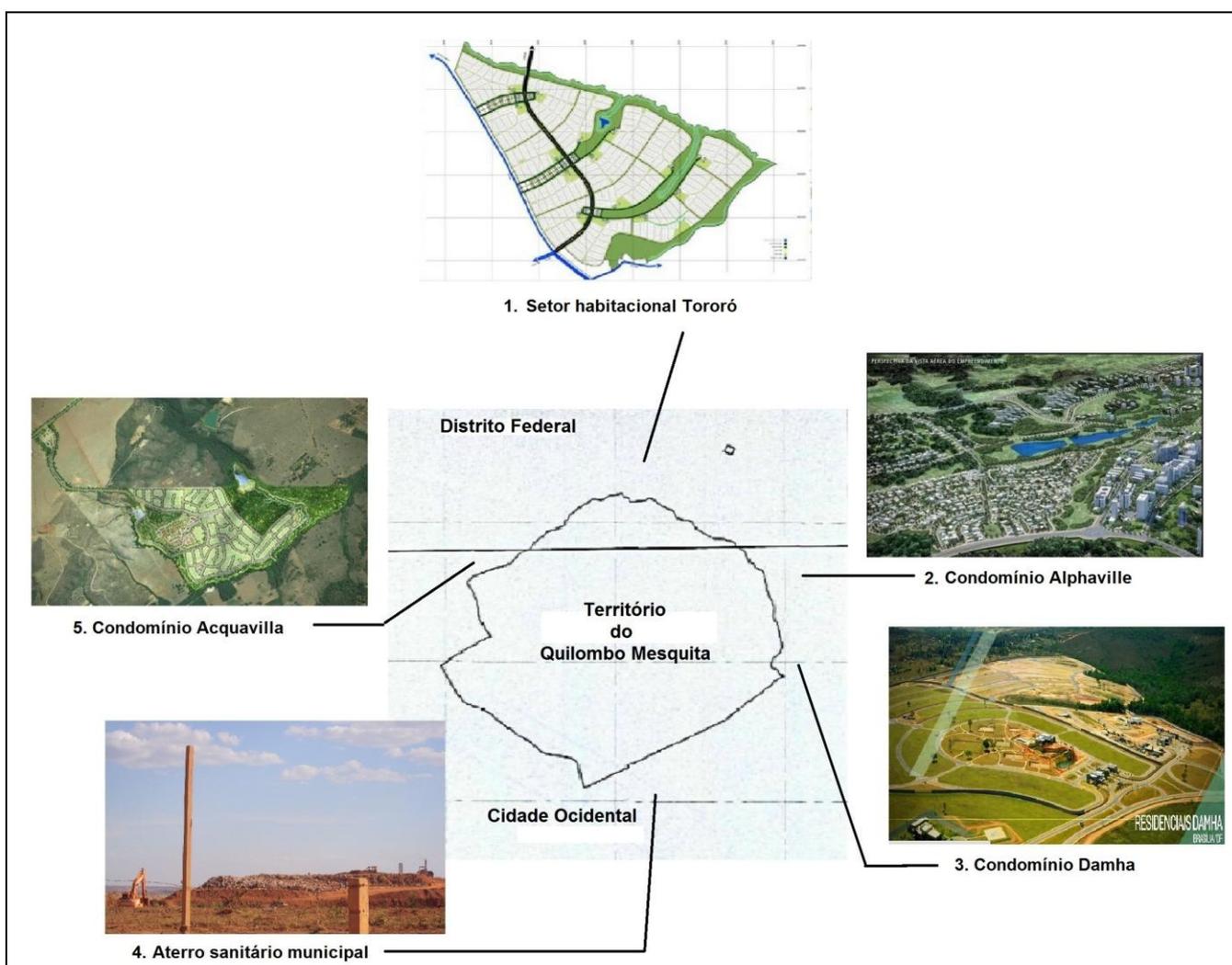
**Figura 01:** Troca das placas de localização realizada pela AREQUIM na semana da consciência negra em novembro de 2014. Fonte: Wesley da Silva Oliveira.

E este "sentido" (direção - significação) vai sendo acompanhado e internalizado pelos demais membros da comunidade, ainda que exista resistências internas em assumir a identidade quilombola, assim como externas por parte de fazendeiros e especuladores imobiliários que reagem a qualquer iniciativa de afirmação identitária do quilombo. Exemplo disto foi o fato de, após ao **20 de novembro**, terem arrancado a maioria das placas de localização afixadas pela AREQUIM. Porém, em meio ao conflito podemos ver estas expressões afirmativas se multiplicarem pela comunidade, o que é uma mudança significativa percebida ao longo da pesquisa.



**Figura 02: Quilombo em todos o cantos** - atualmente a denominação "Quilombo" é estampada em placas de comércios e espaços comunitários. Fonte: Wesley da Silva Oliveira, 2014.

Mudanças de práticas e discursos que se expressam na luta de elaboração da proposta popular de revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial - PDOT e no Plano de Regularização Fundiária em curso no município (2013-2015) para que seu **território tradicional** seja estabelecido como **Zona Especial de interesse histórico, cultural, ambiental e turístico**, para mantê-lo fora da zona do perímetro urbano, reafirmando sua identidade rural e enfrentando os ataques sistemáticos dos agentes da especulação imobiliária que cercam o território da comunidade com grandes empreendimentos imobiliários.



**Quadro 03: Pressão urbana sobre o Quilombo Mesquita.** Fonte: Wesley da Silva Oliveira, 2015.

**Crédito das imagens:** 1. <https://chicosantanna.wordpress.com/2014/07/27/eleicoes-2014-nas-urnas-o-tipo-de-ocupacao-urbana-que-eleitor-deseja-para-brasil/>; 2. Correio Braziliense, 18 de agosto de 2012; 3. [www.damha.com.br/](http://www.damha.com.br/); 4. acervo pessoal; 5. <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1228775>; mapa ao centro - INCRA, 2011.

O território remanescente do Quilombo Mesquita está sendo sistematicamente cercado pela expansão urbana na região. Hoje seu território é alvo dos maiores vetores de expansão urbana do DF e Entorno<sup>26</sup> que se dirigem fortemente para o município de Cidade Ocidental ao sul do DF.

No **quadro 03** buscamos demonstrar parcialmente a problemática da dinâmica territorial regional enfrentada pelos quilombolas e a população em geral. A imagem "1" do quadro indicativa do "Setor Habitacional Tororó", refere-se ao plano urbanístico elaborado para a ocupar parte da atual região do Núcleo Rural do Tororó, localizado entre as Regiões Administrativas de Santa Maria e São Sebastião, as margens da rodovia DF-140, que liga Cidade Ocidental à "Ponte JK" no Lago Sul - DF.

Com a aprovação do novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial - PDOT do Distrito Federal em 2011, esta região que possui 17 mil hectares, passou a ser considerada como Zona Urbana de Expansão e Qualificação<sup>27</sup>, compreendida como espaços destinados a urbanização futura, por serem áreas "vocacionadas" para ocupação urbana, segundo consta no documento técnico do PDOT/DF. A estimativa é de que ao longo prazo a nova cidade, se construída, chegue a uma população perto de 1 milhão de habitantes, o que corresponde a um terço da população atual do DF, superando a soma de suas três regiões mais populosas, Brasília, Ceilândia e Taguatinga, que juntas somam 811 mil habitantes<sup>28</sup>.

Os empreendimentos na região são impulsionados pelos especuladores imobiliários que já detêm a maioria dos terrenos na região. Fazem-se presentes as empresas como o "Grupo OK" de Luiz Estevão, "Via Engenharia", "JC Gontijo", "Construções Acnt Ltda." e "Domínio Engenharia e Imobiliária", prevendo para a

---

<sup>26</sup> Ver anexo, imagens 09 e 10 sobre os vetores de expansão urbana do DF, segundo o Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da UnB - CIGA/UnB (2012).

<sup>27</sup> Ver Anexo, imagem 11 - Áreas das Zonas Urbanas Expansão e Qualificação do DF.

<sup>28</sup> Matéria veiculada em 14/03/2014.

Disponível em: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/14/interna\\_cidadesdf,417392/governo-conclui-orientacoes-para-implantacao-de-novo-bairro-do-df.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/14/interna_cidadesdf,417392/governo-conclui-orientacoes-para-implantacao-de-novo-bairro-do-df.shtml)

localidade mais de uma dezenas de grandes loteamentos<sup>29</sup>. Dentre estes se encontram o Condomínio Alphaville, o Condomínio Damha e o Condomínio Acquavilla (**Quadro 03** - imagens 2, 3 e 5 - página 100) que estão localizados dentro do município de Cidade Ocidental-GO, mas que são propagandeados como loteamentos pertencentes ao Distrito Federal. Estes loteamentos de alto valor especulativo que contribuirão com o adensamento demográfico e urbano da região e com o desmatamento do cerrado, não apresentam perspectivas de mobilidade urbana, o que irá agravar o atual e problemático quadro do trânsito e do transporte rodoviário das saídas ao sul do DF (BR- 040, EPIA, DF-140). Além de acirrar ainda mais as disputas pelo território quilombola, enquanto este não tem sua titulação definitiva decretada pelo Governo Federal.

Soma-se a isto a presença do aterro sanitário do município de Cidade Ocidental - GO na divisa sul do território quilombola com a sede municipal, que passará a receber transbordos de resíduos sólidos das cidades da Região Integrada do Distrito Federal e Entorno - RIDE, que ocorrerá através do "Consórcio Público de Manejo dos Resíduos Sólidos e das Águas Pluviais da Região Integrada do Distrito Federal e Goiás" (CORSAP-DF/GO) firmado em 2013 entre o DF, o Estado de Goiás e os 19 municípios goianos da Região do Entorno.

Este consórcio público que visa atender a Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/10) e as Diretrizes Nacionais de Saneamento Básico (Lei nº 11.445/2007). Mas que, no entanto, tem sido criticado por segmentos da população de Cidade Ocidental que se manifestaram contrariamente ao recebimento de dejetos oriundos de cidades vizinhas, compreendendo que isto afetará negativamente o município<sup>30</sup>. Pois, o Distrito Federal, atualmente produz

---

<sup>29</sup> Matéria realizada por Chico Santanna, Dr. em Ciências da Informação e Comunicação, jornalista concursado do Senado Federal.

Disponível em: <https://chicosantanna.wordpress.com/2014/07/27/eleicoes-2014-nas-urnas-o-tipo-de-ocupacao-urbana-que-eleitor-deseja-para-brasilia/>. Acessado em: 07/03/2015.

<sup>30</sup> O Coletivo de artistas estudantes e trabalhadores - ARTEIA, produziu chamadas públicas na internet para mobilizar a população a participar dos debates na Câmara Municipal de Cidade Ocidental - CMCO entre

cerca de 4.423 toneladas/dia de resíduos sólidos<sup>31</sup> e a microrregião do Entorno do DF cerca de 700/dia toneladas<sup>32</sup>, juntas produzindo mais de 5 mil toneladas por dia.

E na contra-mão do crescimento urbano desenfreado da região que afeta o Quilombo Mesquita, ele faz a opção por sua identidade rural, na defesa da agricultura familiar para viabilizar o desenvolvimento sustentável de seu território, a preservação de seus recursos naturais, contrários à monocultura e ao pasto, o que tem recebido algum incentivo por meio do Programa de Aquisição de Alimentos - PAA do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, através da articulação entre a ARENQUIM, a ONG Rede Terra e a CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento.



**Figura 03: Agronegócio X Agricultura familiar** - agricultura familiar é pressionada pela monocultura de soja e eucalipto e pela pecuária. Fonte: Wesley da Silva Oliveira, 2014.

Outras mudanças vivenciadas no desenvolvimento da pesquisa se refere ao processo de comunicação da comunidade. Eles agora também passam a dizer

---

março e abril de 2015. Veja o vídeo: <https://www.facebook.com/Cristianolendarius/videos/842308349148682/>

<sup>31</sup> Fonte: Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil - 2013 (ABRELP - Associação Brasileira de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2013.pdf> . Acessado em: 20 de março de 2015.

<sup>32</sup> Fonte: Plano de Resíduos Sólidos do Estado de Goiás - Elaboração do panorama geral dos resíduos sólidos. Estado de Goiás, Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH) e Universidade de Goiás - UFG. Goiânia, 2014. Disponível em: <http://www.semarh.goias.gov.br/site/uploads/files/PRODUTO%203%20-%20PRES;%20VERS%C3%83O%20PRELIMINAR;%20%20PANORAMA%20GERAL%20DOS%20RES%20C3%8DDUOS%20S%20C3%93LIDOS%20-%20GOI%C3%81S.pdf>

“sua palavra” nas “redes sociais”, com o objetivo de dinamizar a comunicação interna e externa à comunidade. Veiculam pensamentos, músicas, relatos em prosa e frases de personagens da comunidade, onde divulgam, também seus eventos, reuniões, mutirões e sobre tantas outras questões que lhes sejam oportunas.

Fazem isto por meio de um perfil e uma página<sup>33</sup> no *facebook*, criada e administrada por jovens lideranças quilombolas que encontram nessas linguagens uma forma de atuar politicamente na ARENQUIM, cumprindo um importante papel na comunicação da comunidade.



**Figura 04:** Walisson Braga, 17 anos, liderança jovem quilombola, comunicador da ARENQUIM, registrando atividades no Espaço de Memória. Fonte: Wesley da Silva Oliveira, 2014.

Hoje, apesar das diversas dificuldades estruturais de comunicação, uma pequena parte da comunidade tem acesso à internet via rádio e via telefonia móvel (basicamente de uma única empresa com cobertura de sinal na localidade), sendo estas as únicas formas de acesso.

Apesar disto a iniciativa é significativa, pois este perfil e esta página no *facebook* envolvem cerca de 200 quilombolas - o que representa em torno de 10% da comunidade. Estes são em sua maioria jovens que multiplicam as informações em âmbito doméstico e comunitário. A grande maioria das pessoas ligadas a esta página é constituída por moradores da região e por aqueles que já

---

<sup>33</sup> Endereço do perfil Quilombo Mesquita no *facebook*: <https://www.facebook.com/quilombo.mesquita.904>

visitaram a comunidade, principalmente estudantes universitários, atualmente o perfil do Quilombo Mesquita tem cerca de 1.100 amigos agregados.

Este espaço tem se constituído como um importante espaço de produção e divulgação de informações, assim como de registros e produção de memória coletiva, através de criações artísticas digitais e audiovisuais, como podemos ver no seguinte hiperlink uma homenagem a um ancião falecido:

<https://www.facebook.com/video.php?v=764896193602499&set=vb.242891922469598&type=2&theater>



Figura 05: Página do Quilombo Mesquita no *facebook*: [https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Mesquita/242891922469598?hc\\_location=timeline](https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Mesquita/242891922469598?hc_location=timeline). Acessado em: 10/02/2015.

O envolvimento que tivemos com o Quilombo Mesquita através das “redes sociais” foi um importante espaço de interlocução que tem gerado um campo de reflexão a respeito desta prática. No que observamos o potencial de comunicação na pesquisa, onde podemos investir esforços na proposta de construção de uma Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede - CTAR que conjugada com estas iniciativas nas redes sociais, que interagem e se entrecruzam, em espaços virtuais que venham a se configurar como “observatório” multimídia interativo, podendo ser orientados para qualificação e potencialização permanente da práxis social como construção coletiva, sob os princípios da educação libertadora (ANGELIM & RODRIGUES, 2009.).

Assim, nesta pesquisa estamos em processo de construção de outros espaços virtuais que ofereçam sistemas de gerenciamento de conteúdos que possibilitem formas mais organizadas para a produção de registros da memória social da comunidade. No que estamos construindo um blog: <http://quilombomesquita.com/> que está em fase de elaboração e experimentação, passando por uma proposta de constituição de um grupo de comunicação da ARENQUIM, num esforço de construção coletiva no fomento à comunicação .



Figura 06: Página do blog quilombomesquita.com

E com todas estas ações até aqui relatadas, o Quilombo Mesquita segue demonstrando sua conquista do direito de fala e manifesta afirmativamente sua cultura.

Não podendo esperar que o Estado ou suas instituições e agentes públicos o façam, criam o “Espaço de Memória”, instituindo um espaço de dedicado à sua memória social e cultural, às histórias de vida de seus personagens, gerando um espaço de referência comunitário. Com o que buscamos no contexto desta pesquisa contribuir na produção de um registro histórico desta iniciativa, através de um processo de articulação entre o “Espaço de Memória” e o Centro de Memória Viva – Referência e Documentação em Educação Popular, Educação de

Jovens e Adultos e Movimentos Sociais do DF (CMV-DF)<sup>34</sup>, por meio do núcleo da Faculdade de Educação da UnB.

Este Centro tem o objetivo de contribuir na recuperação, organização e registro da história da EJA, da Educação Popular e dos Movimentos Sociais da região, atuando na reconstrução de processos importantes para a historiografia da Região Centro-Oeste. Através do qual, alcançamos como primeiro fruto desta articulação uma produção audiovisual intitulada “roda de história no Quilombo Mesquita”, que reuniu depoimentos da criação do “Espaço de Memória” pela ARENQUIM, disponível no link:

[https://www.youtube.com/watch?v=Rb\\_dMfCfCGQ](https://www.youtube.com/watch?v=Rb_dMfCfCGQ)

E por fim, em nossa exposição, vemos este movimento expressar um processo de maturação das formas de organização coletiva como condição para prosseguir nas lutas sociais. E a medida que estas lutas se intensificam os sujeitos/grupos são cada vez mais interpelados a se implicarem politicamente de forma mais orgânica na atividade de ação e reflexão da realidade, para travar os enfrentamentos sociais em curso.

A partir do primeiro semestre de 2013, um importante processo foi iniciado com a revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial - PDOT do município de Cidade Ocidental. Esta revisão quando concluída irá alterar a Lei Municipal Nº 727/2009 que instituiu o plano em vigor.

O Plano Diretor é um dos instrumento da política urbana presente no Estatuto das Cidades - Lei Federal nº 10.257/2001 - criado para regulamentar os artigos 182 e 183 da Constituição Federal que tratam da política de desenvolvimento urbano e da função social da propriedade urbana.

São princípios fundamentais do Estatuto das Cidades: a gestão democrática; a justa distribuição dos ônus e benefícios decorrentes do processo de urbanização; a recuperação dos investimentos do poder público que tenham resultado em valorização de imóveis urbanos e o direito a cidades sustentáveis, à

---

<sup>34</sup> Coordenado pelo profº da Faculdade de Educação – UnB, Erlando da Silva Rêses.

moradia, à infra-estrutura urbana e aos serviços públicos, conferindo aos municípios novas possibilidades e oportunidades de gestão e financiamento de seu desenvolvimento.

Representado este Estatuto uma tentativa de democratizar a gestão das cidades brasileiras por meio de instrumentos de gestão como, por exemplo, a disciplina do parcelamento, do uso e da ocupação do solo, o zoneamento ambiental e a gestão orçamentária participativa, dentre os quais se destaca o PDOT, este importante instrumento responsável pelo estabelecimento da política urbana na esfera municipal e pelo pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes e aos conglomerados urbanos, com vigência de dez anos.

Embora o PDOT de Cidade Ocidental tenha vigência legal prevista até 2019, a prefeitura municipal no governo (2012-2016) de Gisele Araújo (PTB) instaurou seu processo de revisão em 2013, sendo um dos primeiros atos administrativos de sua gestão.

Analisando o documento do PDOT/2009 de Cidade Ocidental, podemos encontrar, partindo dos interesses populares, importantes aspectos a serem revistos neste plano. Do ponto de vista político suas diretrizes estabelecem ações prioritárias nas dimensões cultural, econômica, geoambiental e institucional que representam avanços na capacidade de leitura política do município, mas que, todavia, do ponto de vista técnico não pode senão expressar apenas os interesses do poder político e econômico na organização do território, através do macrozoneamento municipal. Leia-se: os interesses da especulação imobiliária.

Neste documento é possível elencar aspectos importantes, dentre as ações prioritárias, que se efetivadas significariam avanços políticos como o desenvolvimento de Políticas Municipais de Meio Ambiente, de Assistência Social, de Turismo, assim como de seus respectivos Conselho Municipais; Plano de Cargos e Salários do Servidores Públicos Municipais (em destaque ao magistério e aos demais profissionais da educação); Programas de Formação Continuada e Valorização do Pessoal da Educação e de Qualificação Profissional e Geração de

Emprego e Renda; dentre outros que destacamos como: o Conselho da Cidade ou Conselho Municipal de Política Urbana, o Fundo Municipal de Cultura e a Casa de Cultura, além da implantação da Zona Especial de Interesse Cultural na comunidade tradicional - Quilombo Mesquita.

No entanto, no documento estas sinalizações de avanços sociais são contrapostas pela estruturação técnica de um projeto de expansão urbana municipal, que acarreta em fortes contradições. Por exemplo, o Quilombo Mesquita que passa a ter seu território tradicional considerado como Zona Especial de Interesse Cultural é ao mesmo tempo classificado como Zona de Expansão Urbana.

Se por um lado (na perspectiva popular) enxerga-se a necessidade de revisão deste Plano Diretor, a pressa em instaurar o processo de revisão por parte do governo de Cidade Ocidental demonstra apenas atender aos interesses da especulação imobiliária que necessitam expandir o perímetro urbano e garantir segurança jurídica aos novos empreendimentos que se encontram fora das áreas previstas no atual plano. Há com isto uma intensificação da pressão da especulação imobiliária sobre o município e agora dedicado à construção de condomínios luxuosos.

Em contraponto, iniciamos um processo de organização popular para participar diretamente deste processo de revisão do PDOT visando garantir de acordo com princípio da gestão democrática a nossa voz. Engendrando um processo de articulação de movimentos populares da cidade e do campo, no contexto do município, para fazer frente em defesa da função social da cidade, pela opção e construção de um projeto territorial sustentável. Esta articulação está caracterizada aqui pelo sujeitos-grupos do **pesquisador coletivo**.

Iniciado os trabalho de revisão do PDOT no primeiro semestre de 2013, dirigidos pelo "TECHNUM Consultoria S.S.", houveram três encontros denominados de "oficinas diagnósticas", que contaram com expressiva participação do **pesquisador coletivo**, em que fizemos coletivamente o levantamento prévio de dados da realidade municipal para subsidiar nossa

participação. Todavia estas oficinas se mostraram falhas metodologicamente e insuficientes para a realização de tal trabalho diagnóstico, diante da constante participação popular que imbricava processos cada vez mais qualificados de discussão e acompanhamento.

**Figura 07:** Reunião de articulação popular de moradores de Cidade Ocidental – GO. Discussão para elaboração de proposta popular do Plano Diretor de Ordenamento Territorial, moradores representam 5 bairros do município (Centro, Quilombo Mesquita, Parque Nápolis, Parque Nova Friburgo e Recreio Mossoró). Fonte: Wesley da Silva Oliveira, julho de 2014.



Seguido a isto, houve um longo intervalo de um ano, até que uma audiência pública viesse ocorrer em agosto de 2014 e outra sete meses depois em março de 2015. Estas foram fortemente marcadas pelo embate entre a nossa representação, enquanto movimento popular, e os setores públicos municipais e os agentes da especulação imobiliária. Dado que nestes longos intervalos de tempo entre uma audiência pública e outra, não houve a publicização dos relatórios das "oficinas diagnósticas" pela empresa de consultoria e a prefeitura, culminando com a apresentação de uma minuta de anteprojeto de lei<sup>35</sup> que não considera nenhuma das propostas populares apresentadas.

Estes propostas que vem sendo construídas em reuniões de segmentos populares entre os quais se encontra o **pesquisador coletivo**, que desde de 28 de março de 2015, constituiu um "Fórum de Discussão Popular de Cidade Ocidental" para acompanhar as discussões do PDOT, do Plano de Regularização Fundiária do município e as políticas públicas cultura.

<sup>35</sup> Disponível em: [http://cidadeocidental.go.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/001-COD-Produto-Final-Volume-1\\_-Legisla%C3%A7%C3%A3o-12mar.pdf](http://cidadeocidental.go.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/001-COD-Produto-Final-Volume-1_-Legisla%C3%A7%C3%A3o-12mar.pdf)

Na última audiência pública em 29 de março de 2015, apresentamos um "Manifesto Popular sobre a Revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial – PDOT – Cidade Ocidental / GO"<sup>36</sup> em apresentamos a problemática em torno do processo de revisão do Plano, onde fizemos a proposta de redefinição metodológica dos trabalhos, de forma a garantir uma discussão mais qualificada da realidade municipal.



**Figura 08:** Audiência pública de formulação do Plano Diretor de Ordenamento Territorial – PDOT com a presença de lideranças quilombolas, moradores do município e do INCRA. Fonte: ARENQUIM, agosto de 2014.

Diante de nosso processo de organização política nos deparamos com a força do poder político e econômico, que exerce sua influência na revisão do PDOT, propondo neste momento a urbanização de 50% do território do município, através de uma faixa contínua do perímetro urbano que invade o Quilombo Mesquita e outras áreas de zona rural como o assentamento de reforma agrária "Cunha", classificando-os como "Zona Urbana Especial" e "Zona de Uso Residencial", destinados a construção uma dezena de novos condomínios. Além

<sup>36</sup> Disponível na página do *facebook* do Coletivo ARTEIA:

[https://www.facebook.com/groups/1542432522709064/1573844796234503/?notif\\_t=like](https://www.facebook.com/groups/1542432522709064/1573844796234503/?notif_t=like)

de prever a instalação de Zonas de Atividade Econômica de caráter industrial em áreas intermediárias a única estação de captação de água do município, dentre tantas outras problemáticas.

Para fazer frente a este processo o Ministério Público Federal tem acompanhado as discussões e audiências públicas municipais de revisão do Plano Diretor e realizou um audiência pública na própria comunidade para esclarecer aos próprios quilombolas, aos fazendeiros, investidores imobiliários e a setores do governo municipal que se fizeram presentes, sobre o processo de regularização fundiária do território quilombola, dando ênfase para às políticas públicas existentes para este público, de forma que o Quilombo Mesquita avance na conquista de seus direitos e no reconhecimento de sua **identidade quilombola**, observada a responsabilidade do poderes municipais neste processo.



**Figura 09:** Audiência pública do Ministério Público Federal - MPF no Quilombo Mesquita sobre o processo de titulação do território. Da esquerda para a direita: Sandra Braga (ARENQUIM), Humberto Jorge (sec. do meio ambiente de Cidade Ocidental), Dr. Onésio Soares Amaral (Procurador da República). Fonte: Wesley da Silva Oliveira, novembro de 2014.

Este relato que apresentamos compõe uma base de objetivação constituída pelos **produtos**, pelas **práticas** e pelos **discursos** dos sujeitos em interação nesta pesquisa, em função de processos de mudança em direção a um projeto-alvo social. Temos consciência de nossas limitações para avançar na objetivação desta pesquisa, permanecendo a princípio no campo fenomenológico, mas visando alçar conhecimentos mais completos em relação à totalidade social.

No entanto, já podemos constatar com isto o processo pelo qual nosso sujeito coletivo – **o pesquisar coletivo** – avança no nível da “consciência real” buscando atingir a “consciência possível”. Tendo em vista o “inédito-viável” desta comunidade que é possuir definitivamente o título de seu território. Sendo que isto implica ter em pleno século XXI, numa sociedade capitalista globalizada, um território de propriedade coletiva e inalienável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além das limitações até o presente momento deste estudo, encontramos três questões de dificuldade no desenvolvimento da pesquisa-ação existencial.

A primeira está ligada a não-institucionalidade do *lôcus* de pesquisa, pois, embora a ARENQUIM seja um entidade, o que lhe confere um caráter institucional, trata-se de um movimento popular que não tem as mesmas prerrogativas e dinâmicas organizativas que uma instituição educativa, por exemplo. Que implica numa total descentração do “pesquisador profissional” e nenhum ou pouco controle nos ritmos da temporalidade da pesquisa. O que é difícil, porém muito interessante!

A segunda questão diz respeito à comunicação entre os interlocutores da pesquisa (“pesquisador profissional” e “população integrante da pesquisa”), pois o “sentido” (enquanto direção-significado-sensação) da pesquisa é a princípio atribuído ao/pelo pesquisador-profissional ou o pesquisador é quem a princípio consegue atribuir sentido à pesquisa do ponto de vista **formal**, exigindo um processo de comunicação às vezes não muito claro no entendimento do por que, pra quê, como, onde e quando pesquisar.

Logo a terceira questão envolve o preceito da **escrita coletiva** e da **teorização** na pesquisa-ação. Dado que estes níveis de desenvolvimento na processualidade da pesquisa acabam por exigir bastante tempo e demandam uma vez mais o empenho de reflexão (práxis) na criação de processos orgânicos. O que se confronta com a dinâmica cotidiana que exige praticidade e acaba por conduzir ao pragmatismo. No entanto, o “pesquisador profissional” pode redigir relatórios e sistematizar as atribuições de sentido dadas pelo pesquisador-coletivo às suas ações, assim, como colocar à disposição do grupo seus conhecimentos teóricos, passando por uma apreciação coletiva que o respalde.

Na primeira fase desta pesquisa experimentamos algo neste sentido, onde os escritos que compomos foram avaliados pelos sujeitos-grupo e nesta segunda fase da pesquisa investimos, também, na busca de escrever documentos compartilhados (relatos de situações, reuniões e festividades), algo ainda incipiente, mas que acreditamos poder surtir efeitos positivos a *posteriori*. Realizamos esta experiência de escrita compartilhada na construção de artigos para o blog e na elaboração de textos sobre as reuniões de articulação popular do Plano Diretor de Ordenamento Territorial que podem ser conferidos nos seguintes hiperlinks:

<http://quilombomesquita.com/2014/12/02/dia-da-consciencia-negra-no-quilombo-mesquita/>

[https://www.facebook.com/groups/1542432522709064/1573844796234503/?notif\\_t=like](https://www.facebook.com/groups/1542432522709064/1573844796234503/?notif_t=like)

Esta questão relativa à capacidade de teorização coletiva do processo social ao qual nos implicamos no campo desta pesquisa-ação existencial tem seu desenvolvimento diretamente atrelado ao processo de conscientização dos sujeitos-grupos que constituem o pesquisador-coletivo da proposta contida neste trabalho, qual seja a de uma "interpretação" de significação praxiológica do movimento político em questão, sob a ótica da educação popular, para que este processo de teorização e construção da escrita coletiva ocorra em função da conscientização da dimensão político-pedagógica do processo de transformação social e na construção de nosso projeto sociopolítico.

Consideramos ter avançado em direção a esta proposição, no sentido de que ao longo dos 04 anos de convívio político, podemos hoje olhar para as dinâmicas de nossas próprias práticas, como estas se expressam e identificarmos nos princípios da educação popular um caminho teórico e metodológico que nos auxilie a compreender e sistematizar nossa ação política, tornando-a cada vez mais orgânica no processo de ação-reflexão-ação (práxis).

Para o pesquisador, enquanto morador do município de Cidade Ocidental há 23 anos, a oportunidade de realizar esta pesquisa possibilitou o retorno ao seu

lugar de origem, depois de uma década "ausente" em função de realizar seus estudos na educação básica e superior em Brasília - DF, numa migração pendular de 100 km diários. Este retorno, propiciado por esta pesquisa o implicou em seu processo de formação pessoal, profissional e cidadão atribuindo-lhe uma nova relação identitária, agora marcada pelo pertencimento a sua localidade e em solidariedade histórica com o município de Cidade Ocidental - GO e com o Quilombo Mesquita, este território tradicional do Planalto Central, valiosa herança cultural de nosso povo brasileiro.

Neste processo, todos temos mutuamente aprendido e ensinado uns com os outros, ao nos colocarmos coletivamente no instigante e desafiador movimento de auto-descoberta de nossa condição de sujeitos históricos, inserindo-nos em nossa própria realidade existencial para compreendê-la e para transformá-la, como seres criativos e solidários.

Aprendendo a reconhecer em nós mesmo os longos traços do tempo, de nossa história enquanto povo brasileiro, aprendendo com o chão em que se pisa e com os companheiros de caminhada a resistir à opressão e construir o futuro no dia-a-dia de nossa existência. Este futuro enquanto projeto de um povo-nação, que se reconheça plenamente através dos tempos, que saiba força de suas raízes, as cores e a beleza de suas tradições, e que tenha luz para criar-se e recriar-se na história. Um povo bonito, alegre e criativo, solidário entre si e com os demais povos, que tenha como bandeira a Justiça, a Liberdade e o Amor Universais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE / Louis Althusser); tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – Rio de Janeiro : Edições Graal, 1985.

ALVES, Daiane Souza. A participação do Quilombo Mesquita na construção de Brasília. Brasília, 20 de março de 2012.

AMATUZZI, M. Experiência: um termo chave para a Psicologia. Memorandum,13,0815 (2007).

Fonte:<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/amatuzzi05.pdf>

ANGELIM, M. L. P. Educar é descobrir – um estudo observacional exploratório. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação. Dissertação de Mestrado. v.1.1988.pág. 45-46.

\_\_\_\_\_. O Papel das TIC's na Educação e a Inclusão Social. Colóquio Eixo II: Democratização da Gestão e Qualidade Social da Educação. Conferência Nacional de Educação Básica. Brasília. 2008b.

\_\_\_\_\_. Pedagogía de la liberación. In: Dicionario latinoamericano de bioética / Dir. Juan Carlos Tealdi. Bogotá. UNESCO – Red Latinoamericana y del Caribe de Bioética – Universidade Nacional de Colombia, 2008a.

ANGELIM, M. L. P; RODRIGUES, M. A. M. Evoluindo e gerando conhecimento. In: Educação Superior a Distância – Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR). Amaralina Miranda de Souza, Leda Maria Rangearo Fiorentini e Maria Alexandra Militão Rodrigues (org.). Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

ANJOS, R.S.A. Cartografia e Cultura: Territórios dos remanescentes de quilombo no Brasil. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, setembro de 2004.

\_\_\_\_\_. Meio Ambiente, antigos estados políticos e referências territoriais da diáspora. In: BRASIL. Educação Africanidades-Brasil. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. Universidade de Brasília / Centro de Educação à Distância – CEAD – Faculdade de Educação. 2008.

\_\_\_\_\_. Brasília - 50 anos de dinâmica territorial urbana. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, V.3, N.1 (2012), 1:24 ISSN: 2177-4366. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/84/58> . Acessado em: 15/03/2015.

\_\_\_\_\_. VILELA, Rodrigo de Oliveira; FLORES, Tiago Bueno. Utilização da cartografia temática para representação gráfica para a espacialização dos territórios quilombolas na divisão municipal brasileira. Metodologia – procedimentos – referências técnicas. Revista Eletrônica Tempo – Técnica – Território. V.1, N.1, Março de 2010.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas – tradução Sidney Barbosa. In: Multirreferencialidade nas ciências e na educação / coordenado por Joaquim Gonçalves Barbosa; revisão de tradução Sidney Barbosa. –São Carlos : EdUFSCar, 1998. 204 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS - ABRELPE. Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil - 2013. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2013.pdf> . Acessado em: 20 de março de 2015.

BARBIER, René. A pesquisa-ação / René Barbier. Tradução de Lucie Didio. Brasília : Liber Livro Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. O educador como “passeur” de sentido. Comunicação ao Congresso Internacional “Qual a Universidade do futuro? Por uma evolução transdisciplinar da Universidade”. Locarno, Suisse, abril-maio de 1997. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/node/769>. Acessado em: 28 de setembro de 2013.

\_\_\_\_\_. L'Approche Transversale. L'écoute sensible en sciences humaines, Anthropos, 1997, 357 pages.

BERTRAN, Paulo. História da terra e do homem do Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal : do indígena ao colonizador – Brasília : Verano, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais / Carlos Rodrigues Brandão. – Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. O que é educação popular. São Paulo : Brasiliense, 1982.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - Observatório Nacional. Os objetos de estudo da astronomia. EAD – Astrofísica Geral – 2013. Disponível em: [http://www.on.br/ead\\_2013/site/conteudo/cap1-viajando/viajando.html](http://www.on.br/ead_2013/site/conteudo/cap1-viajando/viajando.html). Acessado em: 19/05/2014.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Laudo Antropológico da Comunidade Quilombola de Mesquita. In: Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID. Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.257/2001 - Estatuto das Cidades. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm) . Acessado em 30/05/2015.

BRASÍLIA - DF. Plano Diretor de Ordenamento Territorial - 2011. Disponível em: [http://www.sedhab.df.gov.br/images/pdot/doc\\_tecnicos/documento\\_tecnico\\_%20p dot.pdf](http://www.sedhab.df.gov.br/images/pdot/doc_tecnicos/documento_tecnico_%20p dot.pdf) . Acessado em: 30/05/2015.

CAPRA. Fritjof. O Tao da Física – Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. São Paulo. Ed. CULTRIX. 1995.

CARNOY, Martin; LEVIN, Henry M. Escola e Trabalho no Estado Capitalista. Tradução e revisão: Lólio Lourenço de Oliveira: São Paulo: Cortez, 1987.

CARVALHO, Edgard de Assis. Enigmas da cultura / Edgard de Assis Carvalho. – São Paulo, Cortez, 2003. – (Coleção Questões da Nossa Época ; v. 99)

CARVALHO, Olgamir Francisco de. Educação e Formação Profissional – Trabalho e Tempo Livre. Brasília: Plano Editora. 2003.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade / Manuel Castells ; tradução Klauss Brandini Gerhardt. – (A era da informação : economia, sociedade e cultura ; v.2). 2008.

CHAUÍ, Marilena. Freud: A consciência pode conhecer tudo? Filosofia. Ed. Ática, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/freudchaui.html>. Acessado em: 13/05/2014.

CHAUVET, Eduardo. CHAUVET, Gustavo. Histórias da Pré-História de Brasília. 2007. Disponível em: [http://www.masterbrasil.com/download/midia/Histrias\\_da\\_Pr\\_Histria\\_de\\_Braslia\\_1.pdf](http://www.masterbrasil.com/download/midia/Histrias_da_Pr_Histria_de_Braslia_1.pdf). Acessado em: 06/03/2013.

CIAVATTA FRANCO, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: Educação e o Mundo do Trabalho. Ministério da Educação. 2005.

CIDADE OCIDENTAL - GOIÁS. - Dados históricos da criação do Município de Cidade Ocidental - 1994. Biblioteca Pública de Cidade Ocidental – José Sarney.

\_\_\_\_\_. Plano Diretor de Ordenamento Territorial - 2009. Disponível em: [http://www2.seplan.go.gov.br/seplan/down/planodiretor/PD\\_CidadeOcidental.pdf](http://www2.seplan.go.gov.br/seplan/down/planodiretor/PD_CidadeOcidental.pdf) . Acesso em: 07/06/2015.

\_\_\_\_\_. Revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial - 2015. Disponível em: [http://cidadeocidental.go.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/001-COD-Produto-Final-Volume-1\\_-Legisla%C3%A7%C3%A3o-12mar.pdf](http://cidadeocidental.go.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/001-COD-Produto-Final-Volume-1_-Legisla%C3%A7%C3%A3o-12mar.pdf) . Acessado em 07/06/2015.

COSTA, Cláudia Borges. Mesquita uma Comunidade Negra. Monografia – Curso de História. Brasília/CEUB/FAFI, 1989.

D'AMBROSIO, Ubiratan (org.). Declaração dos Fóruns de Ciência e Cultura da UNESCO: Veneza, Vancouver, Belém: Carta da Transdisciplinaridade. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996. (Coleção textos universitários)

ENGELS, Friedrich. A Dialética da Natureza. Rio de Janeiro - Paz e Terra, 1979a. 3º edição.

\_\_\_\_\_. A origem da família, da propriedade privada e do estado. 5º edição. Tradução de Leandro Konder. Civilização Brasileira, 1979b.

\_\_\_\_\_. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. 1876. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>. Acessado em: 29/09/2012.

FRANZ, M. - L. von. O processo de individuação. In: JUNG. Carl G. O Homem e seus Símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Edição especial brasileira – 9º edição. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido / Paulo Freire. – 50. ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2011a.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire ; prefácio de Leonardo Boff ; notas de Ana Maria Araújo Freire. – 17. ed. – São Paulo : Paz e Terra, 2011b.

GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. Artigo publicado em Educação e transdisciplinaridade II, São Paulo, Triom/UNESCO, 2002, pp. 95-121. Disponível em: <http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/autoformacao.pdf>. Acessado em: 24/09/2012.

GARCIA, R. M. A base de uma administração autodeterminada: o diagnóstico emancipador. Rev. Adm. Emp. Rio de Janeiro, 20(2) : 7-17, abr./jun. 1980.

GIL, Gilberto. Álbum: Quanta. Warner Music, 1997 – Disco 01: Faixa 01; Disco 02: Faixa 01.

GOIÁS. Plano de Resíduos Sólidos do Estado de Goiás - Elaboração do panorama geral dos resíduos sólidos. Estado de Goiás, Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH) e Universidade de Goiás - UFG. Goiânia, 2014. Disponível em: <http://www.semarh.goias.gov.br/site/uploads/files/PRODUTO%203%20-%20PRES;%20VERS%C3%83O%20PRELIMINAR;%20%20PANORAMA%20GERAL%20DOS%20RES%8DDUOS%20S%C3%93LIDOS%20-%20GOI%C3%81S.pdf> . Acessado em: 20/03/2015.

GOSWAMI. Amit. O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material / Amit Goswami com Richard E. Reed e Maggie Goswami; trad. Ruy Jungmann. 2 ed. – São Paulo : Aleph, 2008. – (Série novo pensamento)

GRAMSCI, Antonio, Concepção dialética da história (1955). Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Editora: Civilização Brasileira. 7º edição. 1987.

JECUPÉ, Kaka Werá. Tupã Tenondé – A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo : Ed. Petrópolis, 1998.

JUNG. Carl G. O Homem e seus Símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Edição especial brasileira – 9º edição. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira.

JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa; CARNEIRO, José. Histologia Básica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. xv, 524 p.

KOPNIN. P.V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978.

KRISHNAMURTI, J. O Homem Livre. Tradução de Hugo Veloso. Editora CULTRIX. São Paulo. 1960.

LEFEBVRE. Henri. Lógica Formal – Lógica Dialética. Ed. Civilização Brasileira. 3º edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LÉNINE. V. I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. 1913. Fonte: The Marxists Internet Archives.

LIMA, Venício A. de. Comunicação e cultura : as ideias de Paulo Freire / Venício A. de Lima ; prefácio de Ana Maria Freire. – 2. ed. rev. – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Fundação Perseu Abramo, 2011.

MARX, Karl. Grundrisse: Manuscritos econômicos 1857-1858 : esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011. 788 p.

MACHADO, Talita Cabral. Território e Identidade na Globalização: Um Estudo de Caso na Comunidade Remanescente de Quilombo Mesquita no Município de Cidade Ocidental – GO. Monografia de graduação apresentada no Departamento de Geografia da UnB, 2011. Biblioteca Digital de Monografias da UnB.

MAO TSÉ-TUNG. Sobre a prática – Sobre a relação entre o conhecimento e a prática – A relação entre conhecer e agir. **Fonte:** Obras Escolhidas de Mao Tsetung, Pequim, 1975, Tomo I, pág: 499-524 . **Disponível em:** <https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/07/pratica.htm> (**Acessado em:** 02/09/2014)

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERREIRO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como ethos das pesquisas antropológicas e qualitativas. 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/6989978/Minayo\\_e\\_Guerriero\\_CSC\\_2014](https://www.academia.edu/6989978/Minayo_e_Guerriero_CSC_2014). Acessado em: 22 de janeiro de 2014.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005. 120 p.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje – São Paulo : Global, 2006. – (Coleção para entender)

NARANJO, Claudio. La educación que tenemos roba a los jóvenes la conciencia, el tiempo y la vida. Entrevista concedida a Alberto D. Fraile Oliver em 28 de fevereiro de 2011 – Fonte: Fundación Claudio Naranjo. Disponível em:<http://www.webislam.com/articulos/60921->

[la educacion que tenemos roba a los jovenes la conciencia el tiempo y la vida.html](#). Acessado em: 15 de janeiro de 2014.

NERUDA, Pablo. Livro das Perguntas. Tradutor Ferreira Gullar. Editora Cozac Naify, 2013.

NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. 1º edição. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Sérgio Felipe de. Estudo da estrutura da glândula pineal humana empregando métodos de microscopia de luz, microscopia por varredura de espectrometria de raio-x e difração de raio-x. / Sérgio Felipe de Oliveira. –São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Wesley da Silva. Quilombo Mesquita: Cultura, Educação e Organização Sociopolítica na construção do pesquisador coletivo / – Brasília, 2012. Monografia (licenciatura em pedagogia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2012. Orientadora: Maria Luiza Pinho Pereira, Faculdade de Educação.

OMS. Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português (Centro Brasileiro de Classificação de Doenças) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo/Organização Mundial de Saúde/Organização Pan-Americana de Saúde. 2008. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>. Acessado em: 20/05/2014.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. História de Goiás – 6. Ed. Goiânia : Ed. Da UCG, 1994.

PINEAU, Gaston. A Autoformação no decurso da Vida. Disponível em: <http://www.cetrans.com.br/novo/textos/a-autoformacao-no-decurso-da-vida.pdf>. Acessado em 24/09/2012.

QUEIROZ, Eduardo de. A formação histórica da região do Distrito Federal e Entorno: dos municípios-gênese à presente configuração territorial / Eduardo

Pessoa de Queiroz. Brasília: Instituto de Ciências Humanas: Departamento de Geografia: UnB, 2007. (Dissertação de Mestrado)

A constituição do ser humano : amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos / Renato Hilário dos Reis. - Campinas, SP : Autores Associados, 2011. (Coleção Políticas Públicas de Educação).

RÊSES, Erlando da Silva; PEREIRA, M.L.P. Paulo Freire e a Pedagogia da Libertação. Revista eletrônica COM CIÊNCIA – 10/03/2013. Fonte: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=86&id=1063>

REVISTA DARCY. UnB Agência. 2ª edição, set-out. 2009.

RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório. 3ª edição. Rio de Janeiro – Ed. Civilização Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil. São Paulo : Círculo do Livro, 1995.

RUSSEL, Peter. O buraco branco no tempo. 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uc70ooOfTJk>

SANTOS, Milton. O país distorcido. In: Brasil 500 d.C. – O Brasil, a globalização e a cidadania. 1999. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc\\_3\\_7.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_3_7.htm). Acessado em: 23/05/2014.

SANTOS NETO, Elydio dos. Por uma educação transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof / Elydio dos Santos Neto. – S. Bernardo do Campo / SP : Metodista; Rio de Janeiro : Lucerna, 2006 112p. : 21 cm. – (Educação & Transdisciplinaridade ; v.4)

SILVA. Agostinho da. Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo. Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, n.º 3, Lisboa, 1967.

\_\_\_\_\_. Presença de Agostinho da Silva no Brasil. SILVA, Amândio & AGOSTINHO, Pedro. Rio de Janeiro : Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.

\_\_\_\_\_. O pensamento de Agostinho da Silva. In: A doutrina Cristã – 1943. Disponível em: [http://www.novaera-avorecer.net/agostinho\\_da\\_silva.htm](http://www.novaera-avorecer.net/agostinho_da_silva.htm)

\_\_\_\_\_. Conversas vadias. Entrevista concedida à Joaquim Letria. Progama – RTP. 1990. Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/agostinho-da-silva/>. Acessado em: 13/05/2014.

VALE, Ana Maria do. Educação popular na escola pública / Ana Maria do Vale. – 3. ed. – São Paulo : Cortez, 2001. – (Coleção questões de nossa época; v. 8)

## APÊNDICE - PRODUÇÕES ACADÊMICAS REFERENTES À COMUNIDADE

Entre 2011 e 2012, com o Trabalho de Conclusão de Curso, obtivemos grande parte das informações aqui sistematizadas, mas sem a riqueza de detalhes das descrições da práxis investigativa pessoal e coletiva que vivenciamos e registramos naquele período. No ano de 2013 nossas fontes de pesquisas sobre o Quilombo Mesquita ampliaram significativamente. Conseguimos encontrar uma dezena de trabalhos entre monografias de graduação, iniciação científica, ensaios e dissertações de mestrado, nas seguintes áreas do conhecimento: Educação, História, Geografia, Antropologia, Biologia, Saúde e Comunicação Social.

Foi possível encontrá-los através de pesquisas à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), à Biblioteca Digital de Monografias de Graduação e Especialização da UnB e ao Repositório Institucional da UnB, mas os conseguimos principalmente no contato com pesquisadores ligados à comunidade, pois alguns destes trabalhos não estavam e não estão disponíveis em meio virtual.

Embora muitos estudos devam ainda ser realizados, estes trabalhos são fundamentais e colaboram com a superação da “invisibilidade” desta comunidade na história do Planalto Central, especificamente, da região do Distrito Federal e Entorno. Todavia, esta produção acadêmica que engendra um registro mais sistemático da história deste povo, deve cada vez mais assumir uma perspectiva dialógica.

A seguir, elencamos o material indicando as referências e as temáticas centrais abordadas em cada trabalho ou documento. Disponibilizamos com o intuito de contribuir tanto para a organização de um acervo da comunidade como para auxiliar outros pesquisadores. Todos os materiais estão sendo disponibilizado na “biblioteca virtual” do blog em construção: <http://quilombomesquita.com/biblioteca/>.

## 1. DOCUMENTOS OFICIAIS E TRABALHOS CIENTÍFICOS/ACADÊMICOS:

- 1) **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA**. Laudo Antropológico da Comunidade Quilombola de Mesquita. In: Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID. Brasília, 2011. O laudo antropológico elaborado pelo INCRA, presente no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID é peça política fundamental para a comunidade. Este sustenta o trâmite da titulação de seu território, fundamentado em ampla pesquisa, nos fornece os dados gerais da comunidade, histórico, social, ambiental e de sua produção.
- 2) **COSTA**, Cláudia Borges. Mesquita uma Comunidade Negra. Monografia – Curso de História. Brasília/CEUB/FAFI, 1989.

O trabalho teve como objetivo dar visibilidade histórica à população negra do município de Luziânia-GO, tratando da importância do “Povoado Mesquita” como herança colonial e do passado escravocrata deste município. Defendeu, a época, o que chamou de “diluição” da identidade da comunidade devido ao trabalho na cidade, advindo da expansão urbana com a construção de Brasília-DF, a quebra do “isolamento” geográfico e o surgimento de grandes proprietários de terras na região.

Este é um dos trabalhos mais antigos que pudemos encontrar a respeito do Quilombo Mesquita. Encontrá-lo foi de grande sorte e algo muito animador para as lideranças da comunidade devido aos registros fotográficos e depoimentos de pessoas já falecidas sobre os costumes da comunidade e da passagem na comunidade da Missão Cruls (1893) e da Coluna Siqueira Campos (1927). A autora é professora da rede pública do município de Goiânia e atualmente faz doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UnB.

- 3) **ALVES**, Daiane Souza. Identidade Mesquita: Tradição e Descendência Colonial. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB, 2005.

Elaborando um ano antes da titulação da comunidade pela Fundação Cultural Palmares, o estudo tem por objetivo colaborar com a divulgação de Mesquita como “comunidade tradicional” e proporcionar alguma aproximação desta com instâncias do Estado. Sua problemática central é o obstáculo à “autodeterminação” deste povo enquanto quilombola devido ao preconceito, a falta de informações e conscientização sobre o conceito de “remanescente de quilombo”, assim, como dos direitos deste grupo étnico-racial. Realizou levantamento dos direitos e políticas públicas dedicadas aos quilombolas.

- 4) **ANJOS**, Suelen Gonçalves dos. Cultura e Tradições negras no Mesquita: Um estudo da matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo. PADÊ: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília, UniCEUB. 2006. Disponível em: [www.publicacoesacademicas.uniceub.br](http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br),

Trabalho de Iniciação Científica (PIBIC-UniCeub) que tem por objetivo verificar a permanência de práticas culturais de matriz africana na comunidade remanescente de quilombo “Povoado do Mesquita”. Esta investigação foi realizada sob uma perspectiva de gênero, dado o entendimento adotado pela autora, da matrifocalidade como o ponto central da existência das comunidades negras e afrodescendentes. Houve, assim, o empenho em verificar o papel das mulheres negras na preservação e transmissão de práticas materiais e simbólicas de origem africana neste Quilombo.

- 5) **SOUZA**, José Hélio de. Os aracnídeos (Arachnidae: Aranae, Scorpiones) na comunidade quilombola de Mesquita, Goiás: um estudo de caso sobre etnobiologia. Instituto de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal – UnB. 2007. Disponível no Repositório Institucional da UnB.

Estudo de cunho etnoaracnológico considera as relações afetiva, cognitiva e comportamental que existem entre os seres humanos e as aranhas e os escorpiões. Evidencia o conhecimento da população quilombola a respeito

da aracnofauna local como contributo aos conhecimentos acadêmicos sobre as espécies de aranhas e escorpiões da região e ao desenvolvimento de planos de manejo e conservação destes animais. Espécimes coletados na pesquisa com a colaboração de membros da comunidade foram identificados e depositados na coleção de Aracnídeos da Universidade de Brasília.

- 6) **SANTOS**, Ivanise Rodrigues dos. Tá fazendo marmelada, compadre? Um ensaio sobre a cultura do marmelo em Mesquita, Goiás. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2009. Disponível em: [http://www.nead.gov.br/portal/nead/noticias/item?item\\_id=4989813](http://www.nead.gov.br/portal/nead/noticias/item?item_id=4989813)

Trabalho antropológico que reflete como o marmelo está inserido entre as relações sociais da comunidade, analisando as relações entre terra, trabalho e família e as dificuldades encontradas pela comunidade na continuidade da tradição do marmelo, indicando-o como elemento central na organização social, econômica e cultural do Mesquita. Este trabalho também compõe as referências do laudo antropológico.

- 7) **ABREU**, Oraidia Maria Machado de. Comunidade Quilombola Mesquita: Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial – na busca da equidade. Dissertação de Mestrado / Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde / Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2009. Disponível na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Discute o acesso às políticas públicas de promoção da igualdade racial por parte desta comunidade, evidenciando a falta de informações atreladas aos conflitos locais, regionais e nacionais, apontando a inoperância do Programa Brasil Quilombola- PBQ enquanto política de Estado.

- 8) **MACHADO**, Talita Cabral. Território e Identidade na Globalização: Um Estudo de Caso na Comunidade Remanescente de Quilombo Mesquita no Município de Cidade Ocidental – GO. Monografia de graduação

apresentada no Departamento de Geografia da UnB, 2011. Biblioteca Digital de Monografias da UnB.

Este trabalho compõe as referências do Laudo Antropológico da Quilombo Mesquita. Analisa o processo de “desterritorialização” e “territorialização” da comunidade onde podemos entender “o caso de Santa Maria – DF”, a redução ao longo da história do território tradicional da comunidade, a vulnerabilidade territorial desta comunidade, os conflitos identitários e o êxodo. Analisa também as rápidas transformações da paisagem e do modo de vida do quilombo, oferecendo material cartográfico e fotográfico paisagístico muito valioso.

- 9) **COSTA**, A. S. Educação não formal e informal no contexto da educação Quilombola. In: Primer Encuentro Internacional de Pedagogía: "Discursos y Prácticas de Intervención". FES Aragón - UNAM, 2011, Nezahualcóyotl, México. Primer Encuentro Internacional de Pedagogía:, 2011.
- 10) **COSTA**, A. S. Comunidade Quilombola Mesquita, Goiás: educação e manutenção das tradições culturais do lugar (luta pela terra/sobrevivência da cultura). In: 9º Congresso de Iniciação Científica do DF e 18º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, 2012, Brasília. 9º Congresso de Iniciação Científica do DF e 18º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, 2012.
- 11) **OLIVEIRA**, Wesley da Silva. Quilombo Mesquita: Cultura, Educação e Organização Sociopolítica na construção do pesquisador coletivo / – Brasília, 2012. Monografia (licenciatura em pedagogia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2012.
- 12) **ALVES**, Daiane Souza. A participação do Quilombo Mesquita na construção de Brasília. Brasília, 20 de março de 2012.
- 13) **NERES**, M. B. Uma gestão de conflito: o caso da escola pública do Quilombo Mesquita, Cidade Ocidental, Goiás. XII Encontro de Pesquisa em Educação / Centro Oeste Pós Graduação e Pesquisa em Educação: contradições e desafios para a transformação social. Goiânia 19 a 22 de

outubro de 2014. Comunicação Oral – 21 de outubro de 2014. GT 21– Educação e Relações Étnico-Raciais.

- 14) **NERES**, M. B. ; **JESUS**, W. F. de. A educação quilombola em Mesquita: história, marmelo, e identidade cultural. In: CUNHA, C.; JESUS, W. F. de; GUIMARÃES-IOSIF, R.. (Org.). A educação em novas arenas: políticas, pesquisas e perspectivas. 1ed. BRASÍLIA: Liber-Livro / UNESCO, 2014, v. , p. 423-439.
- 15) **SILVA**, Daniela Barros Pontes e. Cadê o Negro que estava aqui? Culturas Populares e Escolarização. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação/UnB. 2014.
- 16) **LUIZY**, Luana. Conheça o Quilombo Mesquita. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Jornalismo / Faculdade de Comunicação – UnB. 2014.
- 17) **SANTOS**. E. C. Práticas e Eventos de Letramento Escolar em uma Comunidade Remanescente de Quilombolas: Mesquita. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UnB. 2014.
- 18) **RIBEIRO**, Antônia da Silva Samir. Além de Tbilisi, os saberes tradicionais usados como ferramentas de Educação Ambiental no Quilombo Mesquita em Goiás. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação – Faculdade de Educação / UnB. 2014.

## 2. REGISTRO FOTOGRÁFICO E AUDIOVISUAL

1) **Identidade mesquita**: Tradição e Descendência Colonial. Catálogo fotográfico do Quilombo Mesquita. Daiane Souza. Brasília, 2005.

2) **“Quilombo”**. Filme Documentário. Direção: Vladimir de Carvalho. Departamento de Assuntos Culturais – Programa de Ação Cultural do Ministério

da Educação e Cultura / Departamento de Comunicação - UnB. Brasília, 1975. (23 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A5crMThu3r4> .

Vladimir Carvalho é cineasta, documentarista e professor aposentado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Integrou o movimento da cinematografia brasileira denominado "cinema novo", que tinha como guia a ideia "uma câmera na mão e uma ideia na cabeça". Algumas obras importantes de sua autoria são: "Conterrâneos Velhos de Guerra"; "Barra 68 - sem perder a ternura" e "Rock Brasília: a era de ouro", trilogia sobre Brasília em diferentes contextos.

Este documentário foi obtido pela comunidade por meio do Arquivo Público do Distrito Federal, onde se encontra arquivado todo o material filmográfico de Vladimir Carvalho sobre os primeiros anos da Capital. É o material mais antigo que encontramos sobre o Quilombo Mesquita. Além de representar uma peça importante para compreender a história da comunidade, este documentário ao ser exibido publicamente em eventos comunitários ao longo do ano de 2013, proporcionou aos quilombolas um "olhar para si através do tempo", que para os mais velhos representou um reencontro com o que "era" a comunidade e para os jovens uma grande e bela descoberta. Podemos perceber as drásticas mudanças sofridas na paisagem e na organização deste povo, no qual, há quase 40 anos, o documentário já discutia o processo de especulação imobiliária da região e o êxodo quilombola.

3) **Quilombo Mesquita: Tradição, força e resistência.** Diretor: Luiz Valentin. Documentário – 2012. (14'11)

Aborda a resistência e a luta do povo do Quilombo Mesquita para manter suas tradições e a posse da terra, onde a cultura do marmelo é um marco centenário dessa comunidade.

4) **Comunidade Quilombola Mesquita** – Vídeo Documentário. Direção: Anderson Santos, Natália Brasil, Nayara Tôres e Poliana Oliveira. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo / UNIP. Brasília, 2012. (10 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f1f2OXEWLV0>

5) **Entrevistas - Comunidade quilombola mesquita** – Ancestralidade Africana. Instituto de Políticas Relacionais / Ministério da Cultura. Disponível em: [http://ancestralidadeafricana.org.br/?page\\_id=132](http://ancestralidadeafricana.org.br/?page_id=132)

6) **Quilombo mesquita** – Notícia em foco. Material jornalístico produzido por estudantes do curso de jornalismo da Faculdade Anhangüera de Brasília. 2012. (4 min) Disponível em: [http://www.youtube.com/results?search\\_query=quilombo+mesquita](http://www.youtube.com/results?search_query=quilombo+mesquita)

7) **Quilombo Mesquita. TV Inesc – Instituto de Estudos Sócioeconômicos.** Brasília, 2012. (13 min.) Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1R4CpczAeol>

Vídeo informativo realizado para esclarecer dúvidas de Quilombolas de Mesquita sobre seus direitos às políticas públicas étnico-raciais.

8) **Do lado de cá.** Projeto Vidas Paralelas – UnB / Ministério da Cultura / Ministério da Saúde. 2013. (17 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=WEo2PBYxtGs>.

Vídeo experimental desenvolvido por jovens do Quilombo Mesquita a partir de “Oficinas de Formação em Cultura Digital” em comunidades camponesas e assentamentos rurais, com realização de trocas de experiências e reflexão a partir das produções audiovisuais e fotográficas da população do campo. Neste trabalho houve o contato de estudantes indígenas da UnB com os quilombolas de Mesquita.

9) **Visita ao quilombo mesquita.** “VT” da visita orientada ao Quilombo Mesquita (Cidade Ocidental/GO) no dia 05/10/2013 em cumprimento à programação do 2º Encontro Presencial do II Curso de Especialização em Educação na Diversidade

e Cidadania com ênfase em EJA / 2013-2014. Faculdade de Educação - UnB / Universidade Aberta do Brasil - UAB. (20 min.) Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xfrZ9r6FKvE>

Neste vídeo é possível ver a primeira visita institucional que o “Espaço Memória” recebeu em outubro de 2013.

10) **1º Arraiá do Quilombo Mesquita**. Registro do “1” Arraiá do Quilombo Mesquita - Evento de inauguração da praça “Antônio Jacinto Braga” e lançamento do “Espaço Memória” - Centro de Referência e Memória do Quilombo Mesquita. Organização: Associação Renovadora do Quilombo Mesquita – AREQUIM, apoio do Projeto Rio São Bartolomeu Vivo/Fundação Banco do Brasil. Registro Audiovisual: Wesley Oliveira e Alisson Costa - Faculdade de Educação da UnB. Quilombo Mesquita - Cidade Ocidental, Goiás. 27 de julho de 2013.

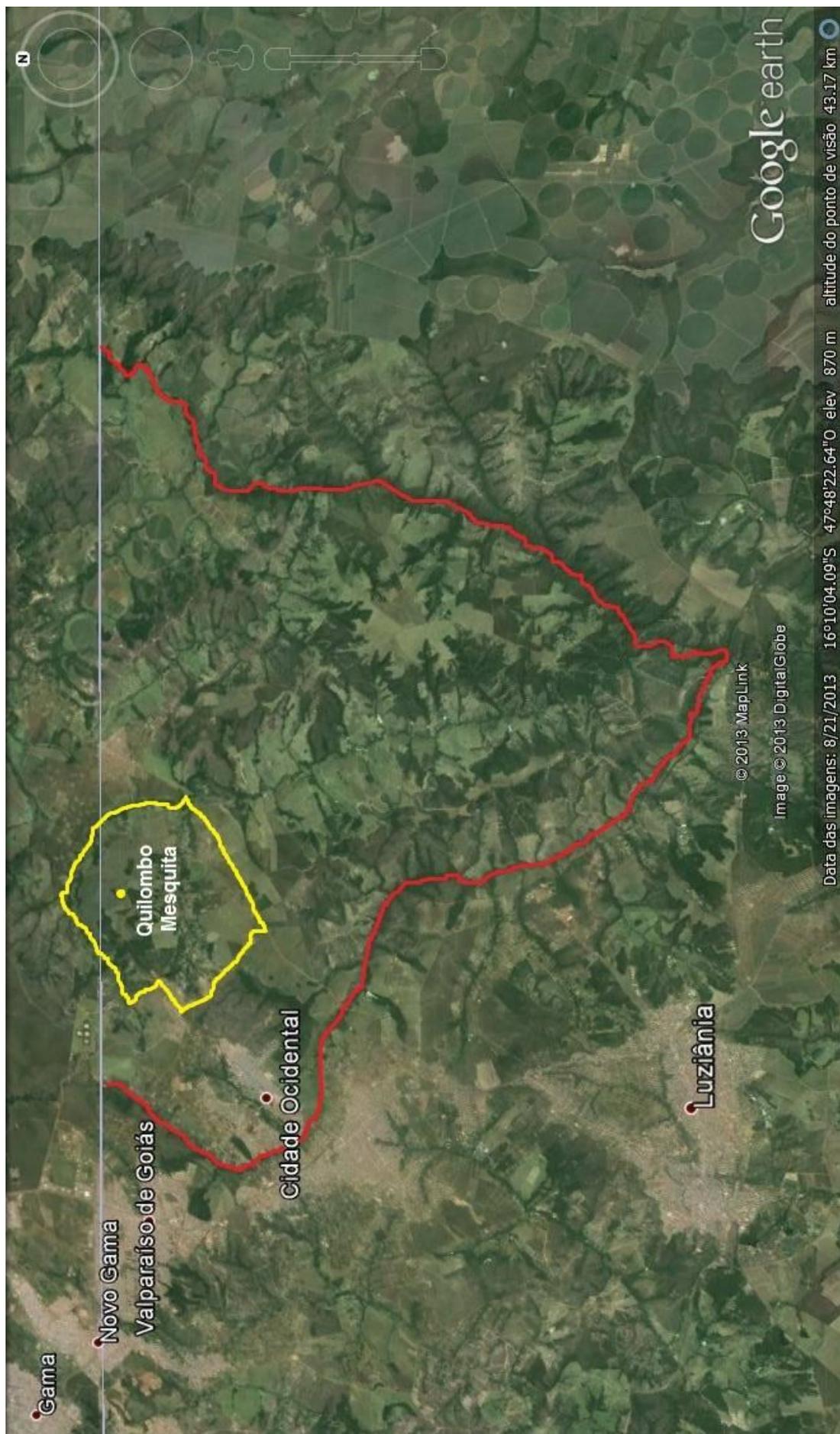
11) **"Roda de História" no Quilombo Mesquita – CMV**. Relatos sobre o projeto “Espaço de Memória” da Associação Renovadora do Quilombo Mesquita - AREQUIM. Uma produção do CMV - Centro de Memória Viva - Documentação e Referência em Educação Popular, EJA e Movimentos Sociais do DF em parceria com a AREQUIM. Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - FE/UnB [https://www.youtube.com/watch?v=Rb\\_dMfCfCGQ](https://www.youtube.com/watch?v=Rb_dMfCfCGQ)

### 3. PERIÓDICOS

1) **Quilombolas um povo ameaçado de extinção**. Dossiê Cerrado. P. 38-43. REVISTA DARCY. UnB Agência. 2ª edição, set-out. 2009. Disponível em: <http://www.unb.br/noticias/downloads/darcy02.pdf>

2) **Povo Quilombola** – A luta pelo reconhecimento continua. P. 16-23. DESCOLADOS – Revista de Direitos Humanos – INESC Brasília-DF Ano 3 / 2013. nº3. Disponível em: <http://www.inesc.org.br/biblioteca/textos/revistas/revista-descolados/ano-iii/view>





**Imagem 03** - Território Delimitado e Demarcado do Quilombo Mesquita dentro do Município de<sup>137</sup> Cidade Ocidental – GO em parte da Região Administrativa de Santa Maria - DF. Fonte: Wesley da S. Oliveira.

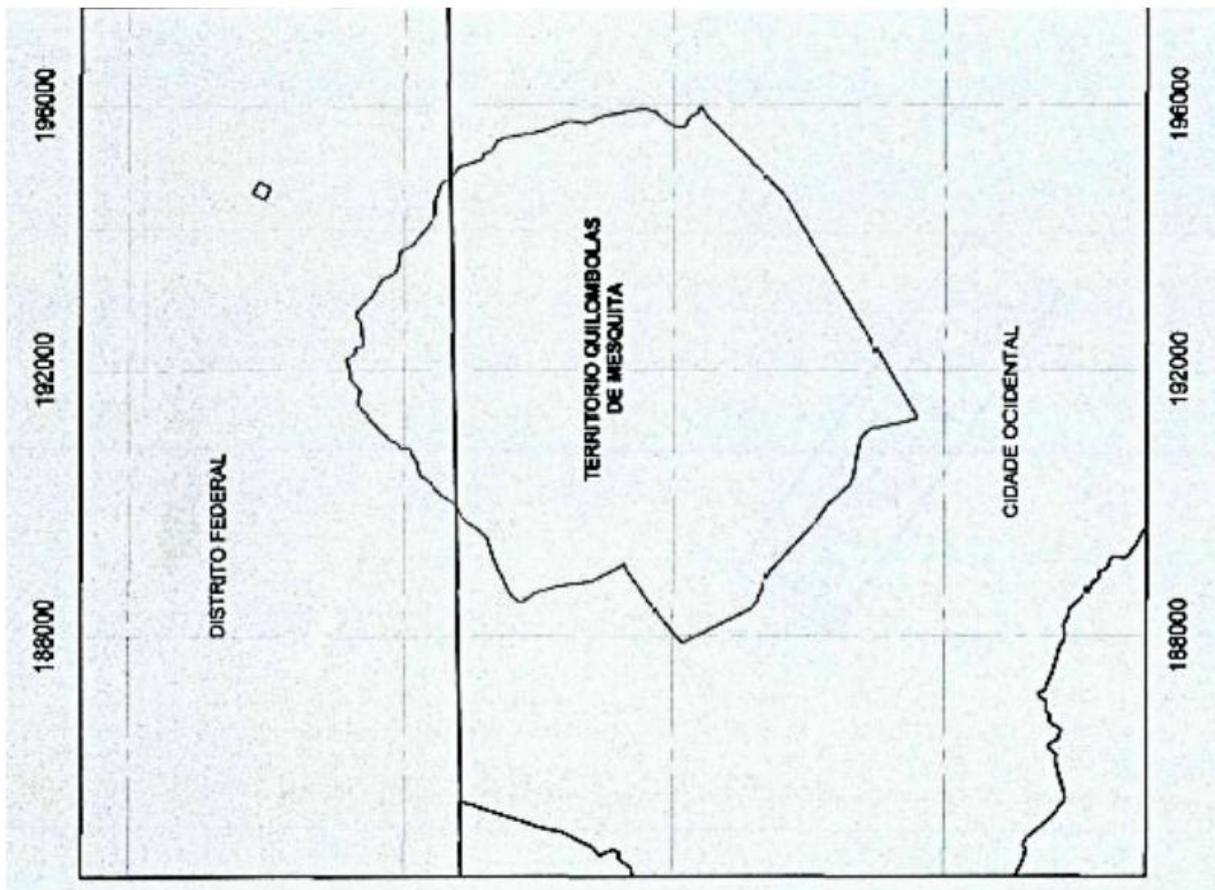
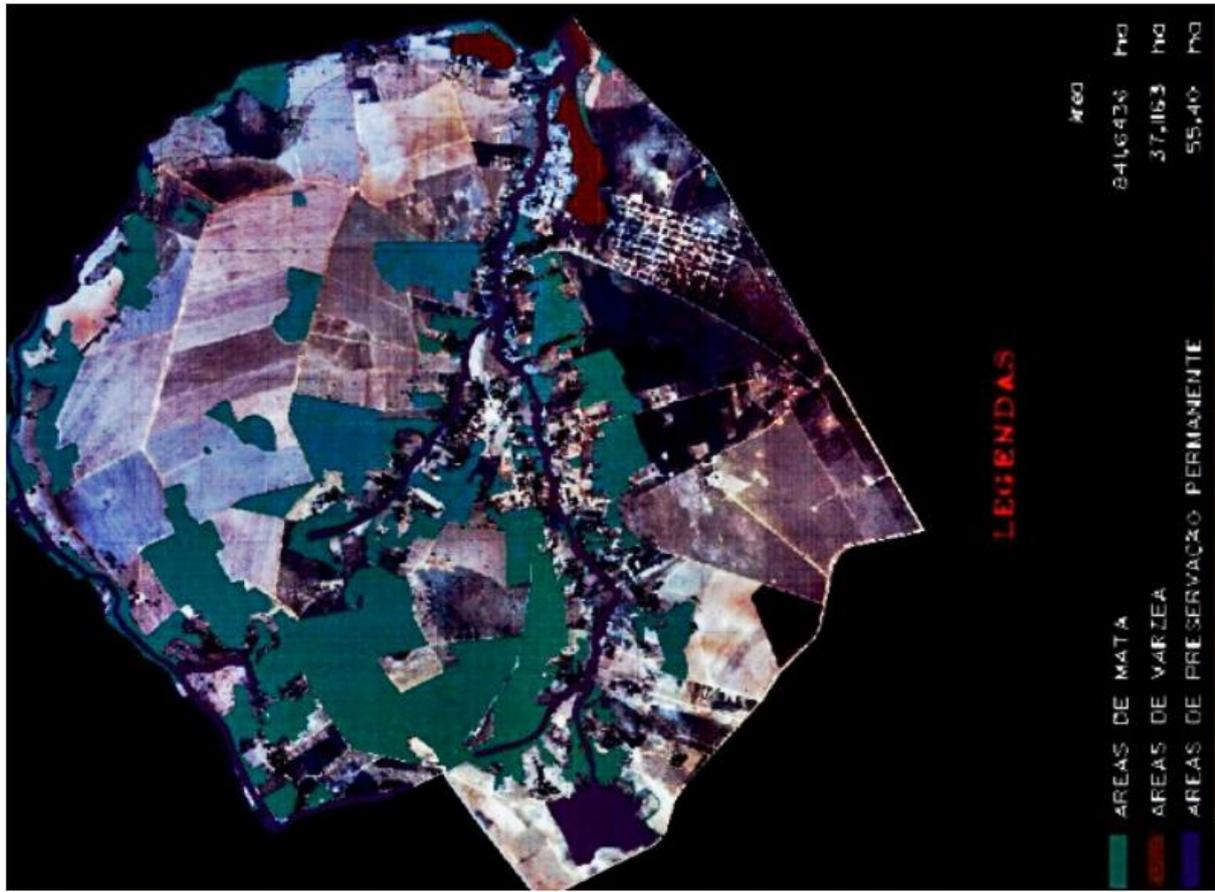


Imagem 04 – Território demarcado e delimitado do Quilombo Mesquita, área corresponde à 4.292,8259ha. (INCRA, 2011) .38

## Mapa: Limites do Quilombo Mesquita - Primeira Metade do Século XX e 2007

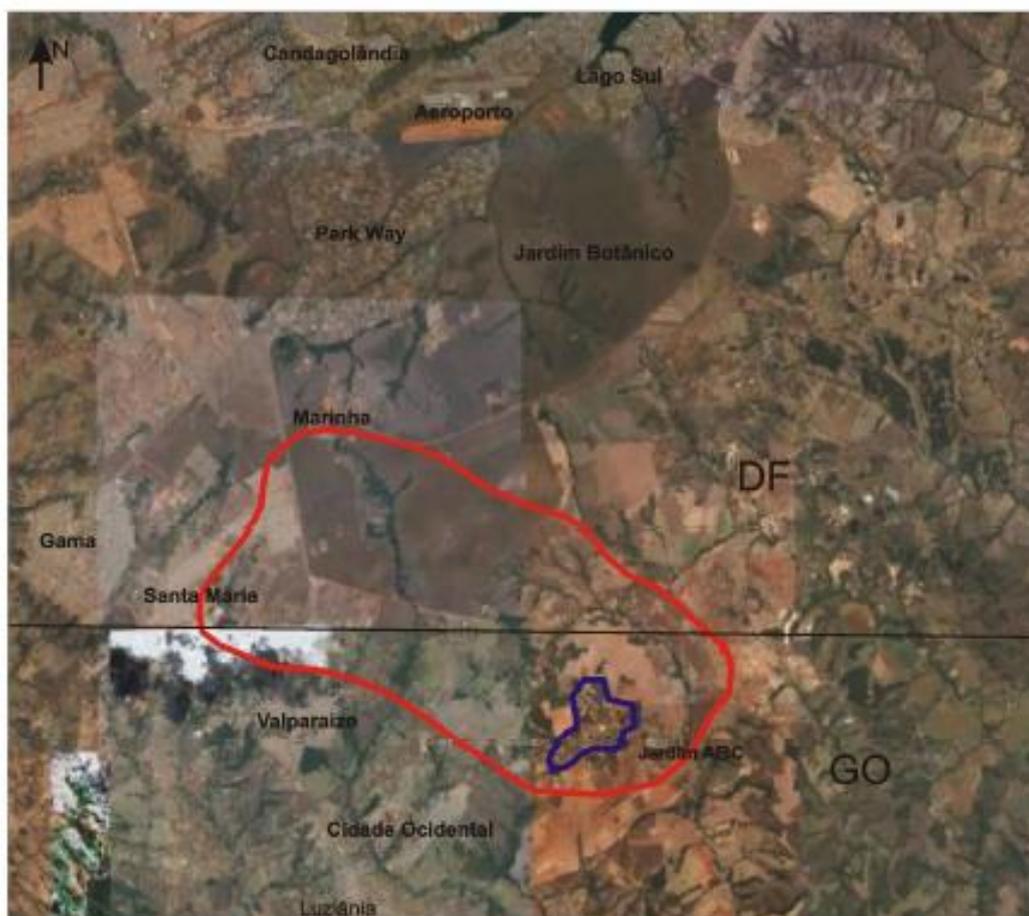
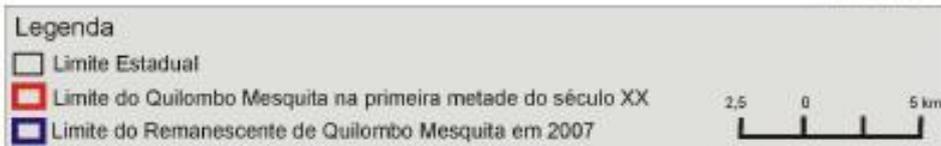
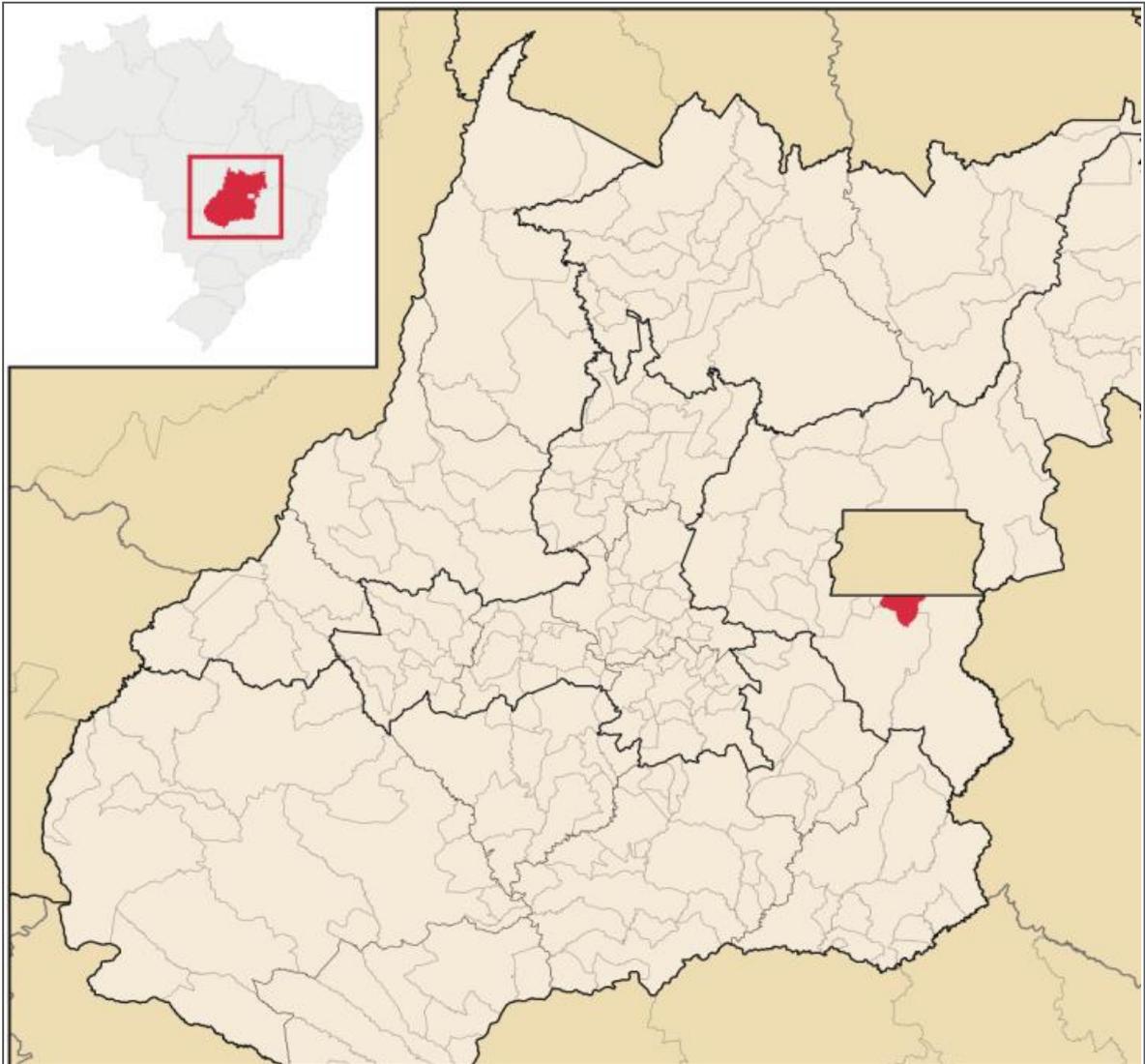


Imagem: Google Earth 2007



Fonte Fundação Palmares e artigos monitores do Quilombo- Limites aproximados

**Imagem 05** – Território ocupado tradicionalmente até a primeira metade do século XX e território atual. Fonte: (MACHADO, 2011).



**Imagem 06** – Mapa da Cidade Ocidental – GO, na microrregião do Entorno Sul do DF. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_Ocidental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Ocidental)

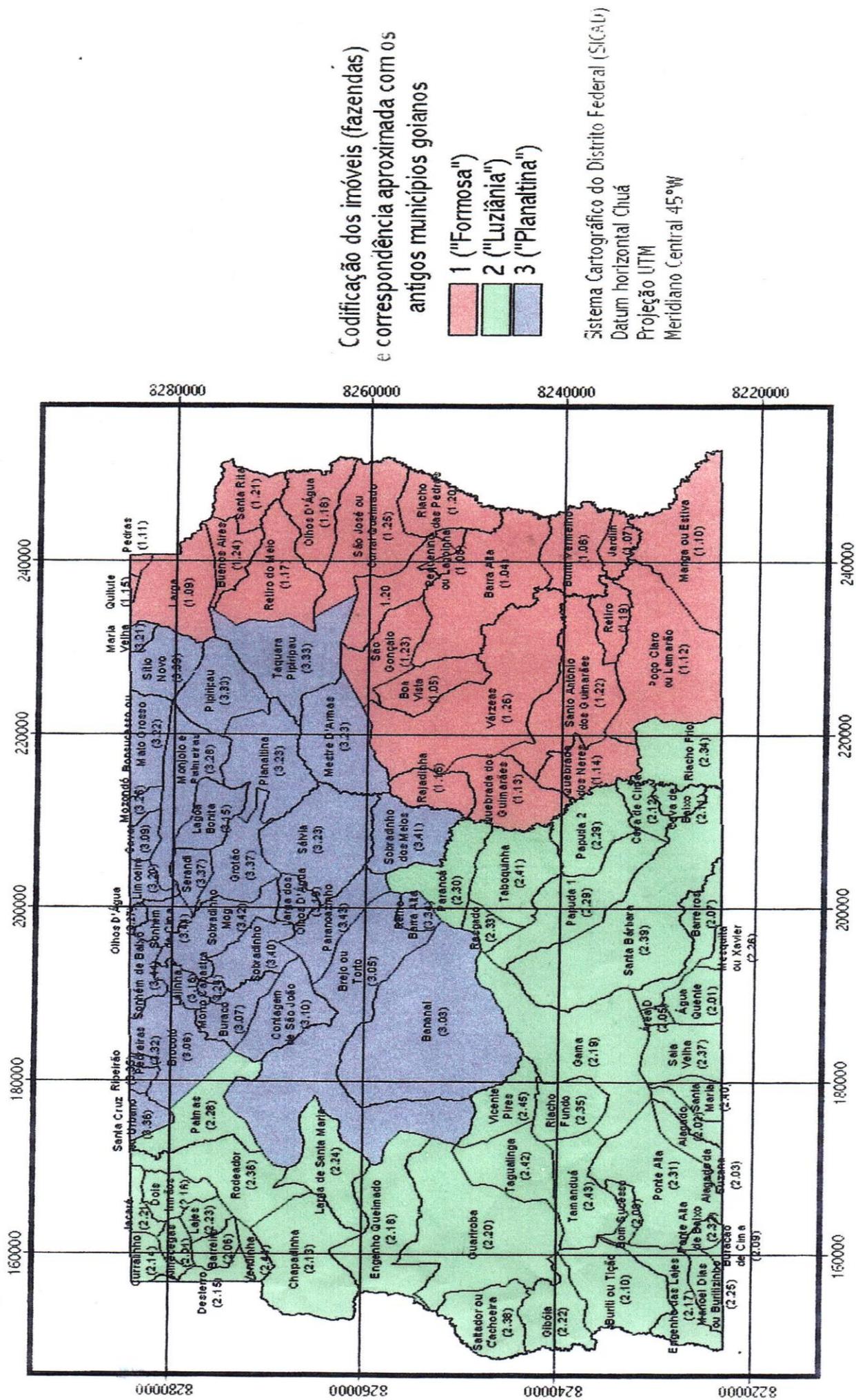


Imagem 07: Mapa das antigas sesmarias e fazendas do território do DF até a década de 60. Fonte: SICAD-DF.



**Imagem 07** - Divisão Político-administrativa da Rede Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE. Formada por 19 municípios goianos e os 03 municípios de mineiros: Cabeceiras, Cabeceira Grande e Unaí. Fonte: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2012/04/02/explosao-demografica-e-uma-das-principais-preocupacoes-do-entorno>

### Mapa: Paisagem do Centro da Comunidade Remanescente de Quilombo Mesquita

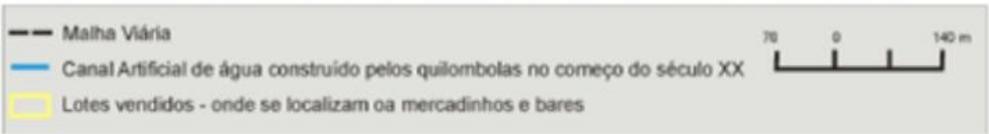


Imagem 08 - Paisagem do Centro da Comunidade. Fonte: (MACHADO, 2011).



Imagem 09: Vetores de expansão urbana do Distrito Federal.

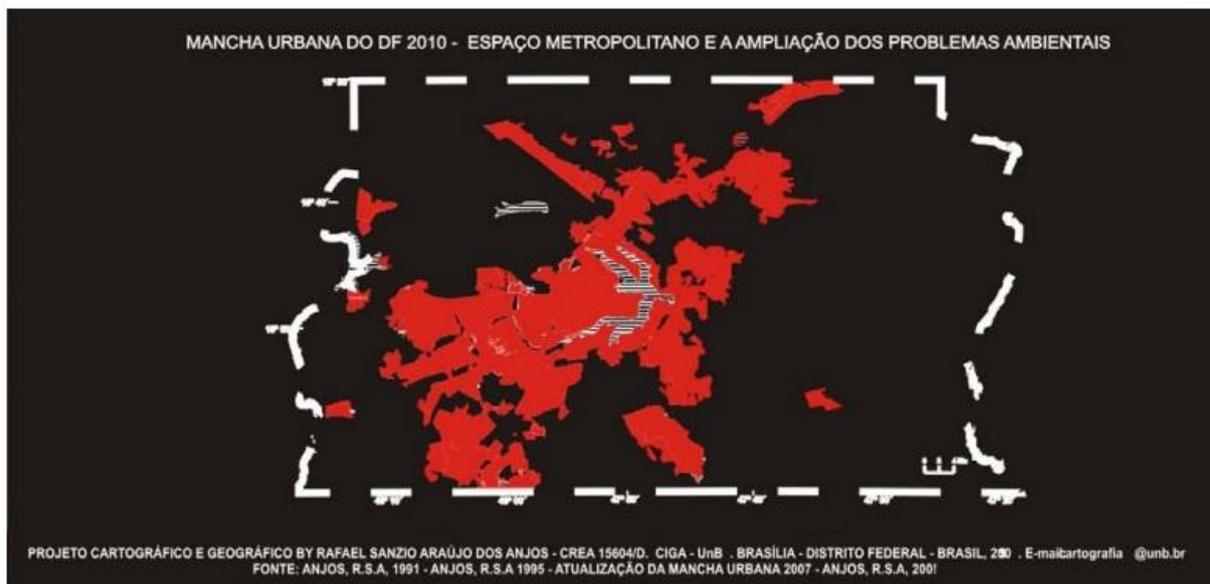
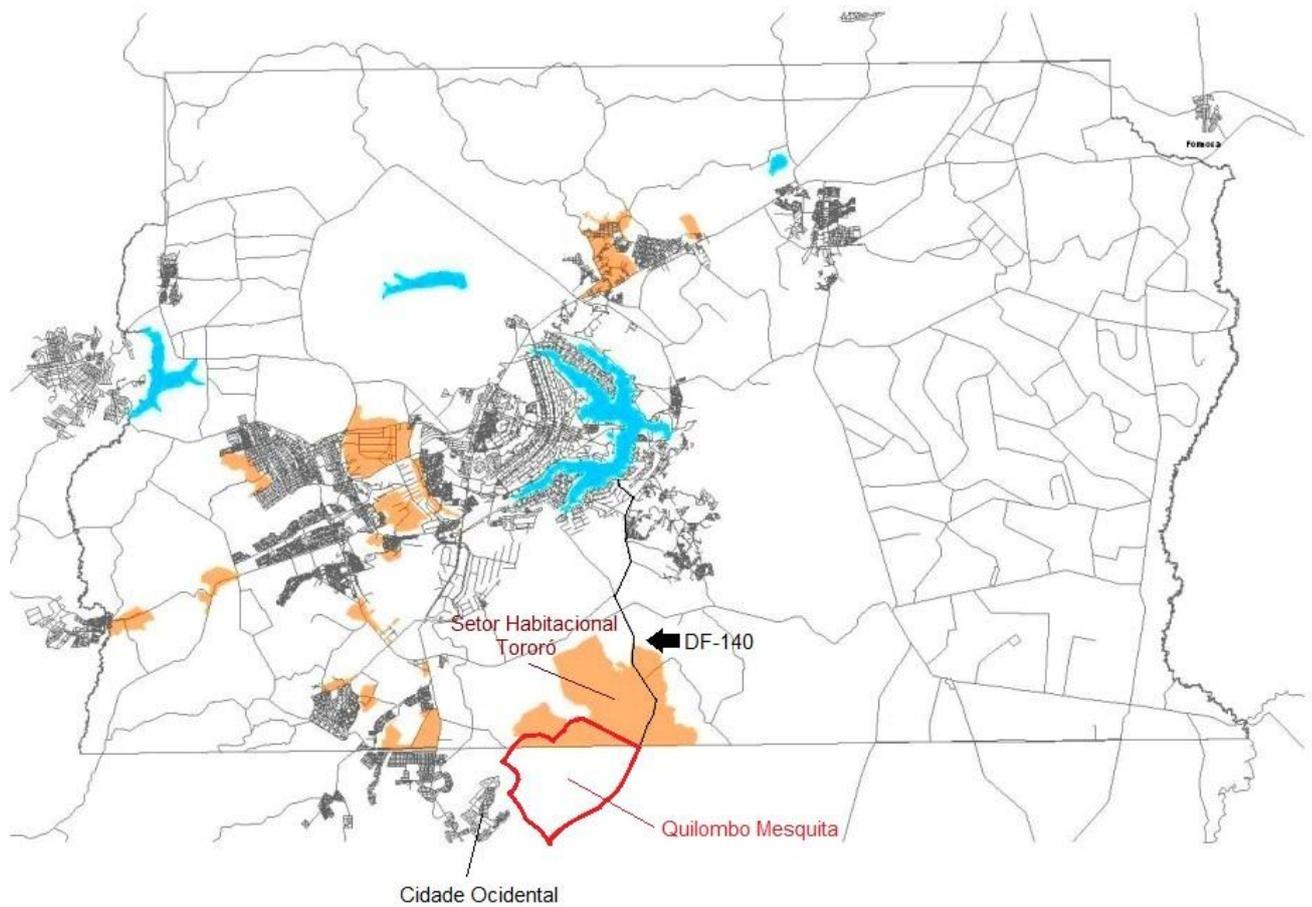


Imagem 10: Mancha urbana do Distrito Federal.

**Fonte das imagens 09 e 10:**

ANJOS, R.S.A. Brasília - 50 anos de dinâmica territorial urbana. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, V.3, N.1 (2012), 1:24 ISSN: 2177-4366. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/84/58> . Acessado em: 15/03/2015.



**Figura 10 - Zonas Urbanas de Expansão e Qualificação do DF.** Fonte: Figura 53 do Plano Diretor de Ordenamento Territorial - PDOT do Distrito Federal (2011) - Alterações no mapa original realizadas pelo autor para fins deste trabalho.